



**Arlena Maria Cruz de Carvalho**

**Sucesso Escolar: O Que Isso Representa?**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação do Departamento de Educação da PUC-Rio.

Orientador: Prof<sup>ª</sup>. Maria Aparecida C. Mamede Neves

Rio de Janeiro  
Abril de 2009

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



**Arlena Maria Cruz de Carvalho**

## **Sucesso Escolar: O Que Isso Representa?**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação do Departamento de Educação do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

**Prof<sup>a</sup>. Maria Aparecida Campos Mamede Neves**  
Orientadora  
Departamento de Educação - PUC-Rio

**Prof<sup>a</sup>. Maria Cristina Monteiro Pereira de Carvalho**  
Departamento de Educação - PUC-Rio

**Prof<sup>a</sup>. Mírian Paura Sabrosa Zippin Grinspun**  
UERJ

**Prof. Paulo Fernando C. de Andrade**  
Coordenador Setorial do Centro de  
Teologia e Ciências Humanas

Rio de Janeiro, 07 de abril de 2009.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

## Arlena Maria Cruz de Carvalho

Arlena Maria Cruz de Carvalho graduou-se em Psicologia pela Universidade Santa Úrsula, em 1987. Fez vários cursos de pós-graduação tais como Psicopedagogia (UGF), Especialização em Saúde Mental da Infância e da Adolescência (Santa Casa de Misericórdia), Neuropsicologia (CNA/UFRJ), Gestão de Recursos Humanos (UGF) e formação em Arteterapia (Clínica POMAR). Como mestranda em Educação (PUC-Rio), no primeiro ano foi bolsista do CNPq e, no segundo ano, da FAPERJ com a bolsa Aluno Nota Dez. Atua nas áreas escolar e clínica. É membro do grupo de pesquisa Jovens em Rede.

### Ficha Catalográfica

Carvalho, Arlena Maria Cruz de

Sucesso escolar : o que isso representa? / Arlena Maria Cruz de Carvalho ; orientadora: Maria Aparecida C. Mamede Neves. – 2009.

121 f. : il. (color.) ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Educação)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

Inclui bibliografia

1. Educação – Teses. 2. Sucesso escolar. 3. Representação social. 4. Imagem. 5. Aprendizagem. I. Neves, Maria Aparecida C. Mamede. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Educação. III. Título.

Aos meus pais, Arnaldo e Madalena, meus maiores mestres e incentivadores, a quem agradeço por terem despertado minha paixão pelos livros.

Aos meus queridos Bernardo, Caio, Lara e Saulo no forte desejo de que sejam pessoas bem sucedidas, agentes de transformação do mundo em que vivem e sujeitos de suas próprias (e lindas!) histórias.

## Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus pelo dom da Vida e reconhecendo que, sem Ele, nada tem valor.

Ao CNPq e a FAPERJ pelo auxílio financeiro.

À Maria Aparecida Mamede-Neves, minha orientadora, pelo apoio e carinho com que sempre me tratou.

Aos meus pais, Arnaldo e Madalena que, além de terem sido os grandes responsáveis pela minha paixão pelos livros e incentivadores do meu desejo de aprender, por várias vezes, cuidaram de meu filho para que eu pudesse trabalhar na realização deste desejo.

Ao Ruy pelo incentivo e colaboração nos momentos em que se fez necessário. E por ter colaborado para que eu recebesse o grande título de minha vida: ser mãe do Bernardo.

A meu irmão Arnaldo por ser um exemplo de amor aos estudos. E, principalmente por, em parceria com Eliane, ter me presenteado com outro grande título: ser tia do Saulo, da Lara e do Caio.

À Neusa por, várias vezes, ter cuidado de meu filho para que eu pudesse trabalhar em minha pesquisa. E a Ruy Almeida pela compreensão e auxílio na impressão.

À minha primeira professora, Dilma (Dilmoca para quem sempre fui a Arlenoca) que ao me alfabetizar, descortinou o que para mim era o universo encantado da leitura e da escrita.

Aos professores da PUC-Rio que, com extrema competência, me apontaram novos caminhos em meus estudos.

Aos funcionários da PUC, em especial os do departamento de educação, pela atenção com que sempre me trataram.

À prof. Mirian Paura por sua generosidade e por ter me acolhido como aluna-ouvinte em suas aulas na UERJ.

A todos os membros da banca por terem aceito participar deste momento tão especial para mim.

A todos os companheiros do grupo de pesquisa Jovens em Rede pelo incentivo, pelo acolhimento e dicas preciosas.

A todos os colegas de turma do mestrado pelo ambiente acolhedor de troca e companheirismo. Uma turma inesquecível!

A todas as escolas e aos professores que aceitaram participar desta pesquisa abrindo suas portas para mim.

A Antonio Mamede pelo carinho com que sempre me recebeu em sua casa.

A Verinha pelo acolhimento e disponibilidade.

A Rosalia Rodrigues Mendes por ser um exemplo de sucesso como educadora.

A Romney por toda a disponibilidade e sugestões valiosas.

Por fim, agradeço a todos os amigos pelo incentivo, pela colaboração quando possível e, principalmente, pela constante torcida.

## Resumo

Carvalho, Arlena Maria Cruz de; Mamede Neves, Maria Aparecida C. **Sucesso Escolar: O que isso Representa?** Rio de Janeiro, 2009, 121 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta pesquisa tem como questão de estudo as representações sociais de sucesso escolar para os professores de ensino médio. É um estudo de caráter exploratório de natureza qualitativa. A metodologia utilizada foi a coleta de depoimentos de 18 professores através de entrevistas semi-estruturadas nas quais se buscou a representação do professor para sucesso escolar, bem como os fatores que o mesmo considerava como sendo importante influência neste sucesso. Além da entrevista, foi utilizada a apresentação de imagens que deveriam ser escolhidas como positivas ou negativas na representação de sucesso. O uso das imagens foi feito como complementação à fala do entrevistado, no intuito de comparar o que é dito verbalmente com o que é representado simbolicamente. Na análise dos dados, para cada imagem proposta foi feita uma pesquisa sobre o possível significado de seus símbolos e como eles poderiam ter interferido nas escolhas dos professores. Buscou-se identificar as representações sociais de sucesso escolar presentes nas respostas dadas utilizando o referencial teórico de Serge Moscovici e Denise Jodelet, ou seja, levantar quais representações foram elaboradas e compartilhadas sobre este tema e que representariam o senso comum de nossa sociedade. Foi também proposta uma reflexão sobre o sucesso e categorizados os fatores considerados como básicos para levar um aluno a obtê-lo. Os resultados encontrados apontam que sucesso escolar deve ser “medido” muito além dos muros da escola, não restrito a notas e avaliações. As representações de sucesso escolar dos professores entrevistados levam-nos a crer que ser um aluno que atingiu o sucesso é ser alguém que conseguiu satisfazer suas necessidades, em linha com os termos propostos por Maslow em sua representação da hierarquia das necessidades do homem.

### Palavras-chave:

Sucesso escolar; representação social; imagem; aprendizagem.



## Abstract

Carvalho, Arlena Maria Cruz de; Mamede Neves, Maria Aparecida C. (Advisor). **School success: What that represents?** Rio de Janeiro, 2009, 121 p. MSc. Dissertation – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This study aims the social representations of school success for secondary grade teachers. It has a exploratory character of qualitative nature. The used methodology comprehends the collection of testimonies of 18 teachers through semi-structured interviews focusing teacher's representation of school success, as well as the factors they believe to have important influence in this success. Besides the interview, images have been presented to be classified as positive or negative in the representation of success. The use of images was carried out to allow comparison among speech and what it is represented symbolically. In data analysis, for each proposed image an inquiry was done raising the possible meaning of its symbols, and how they might have influenced teacher's choices. It was looked to identify the school success representations among teacher's answers accordingly to theoretical referential of Serge Moscovici and Denise Jodelet, to whom representations are prepared, shared and turns to be the common sense of our society. A reflection about success was proposed and its causal factors, understood as necessary to a student manage success, were categorized. Results point out that school success must be measured beyond school walls, not limited to grades and evaluations. The representations of school success of the interviewed teachers lead to believe that a student who managed success is someone who managed to satisfy his necessities, in line with Maslow's framework of human needs.

### Key-words:

School success; social representation; image; apprenticeship.

## Sumário

1. Introdução .....	12
2. Apresentando o tema .....	15
3. Metodologia .....	24
3.1. Grupo estudado (Os atores) .....	24
3.2. Instrumentos da Pesquisa .....	26
3.2.1. Entrevista .....	26
3.2.2. O uso de Imagens .....	27
3.3. Procedimentos .....	30
3.4. Análise dos dados .....	32
4. Representação .....	33
5. O que nos dizem as imagens .....	46
5.1. A escolha das imagens .....	47
5.2. Imagens e a representação de sucesso .....	47
5.3. Articulando as escolhas e os depoimentos .....	72
6. As diversas possíveis influências .....	79
6.1. Refletindo sobre cada um dos fatores .....	80
6.1.1. Família .....	80
6.1.2. Professores/escola competentes .....	86
6.1.3. Auto-estima do aluno, interesse em aprender, força de vontade .....	94
6.1.4. Saúde geral do aluno .....	98
6.1.5. Recursos econômicos .....	99
6.2. Fatores interligados .....	101
7. Considerações Finais .....	105
8. Referências Bibliográficas .....	118
Anexos .....	111

## Lista das Imagens

Imagem 1 .....	28
Imagem 2 .....	28
Imagem 3 .....	28
Imagem 4 .....	28
Imagem 5 .....	29
Imagem 6 .....	29
Imagem 7 .....	29
Imagem 8 .....	29
Imagem 9 .....	30
Imagem 10 .....	30

## Lista de figuras

Figura 1 - Pirâmide de Maslow .....	44
Figura 2 - Apresentação de Simba .....	56
Figura 3 - Guernica .....	64
Figura 4 - Tio Patinhas .....	70
Figura 5 - Esquema sobre fator família .....	80
Figura 6 - Esquema sobre fator escola .....	86
Figura 7 - Esquema sobre fator aluno.....	94
Figura 8 - Esquema sobre fator saúde .....	98
Figura 9 - Esquema sobre fator econômico .....	99
Figura 10 - Esquema geral .....	102
Figura 11 - Variáveis que interferem no processo de aprendizagem .....	103

“Que todos tenham Vida  
e a tenham em plenitude.”  
(João 10,10)

# 1 Introdução

Em educação, há muito tempo, existe uma preocupação com o grande número de alunos que não consegue atingir os objetivos propostos pela escola. Essa dificuldade levou muitos autores a buscarem os fatores que impediam a aprendizagem eficiente e, conseqüentemente, as causas do chamado fracasso escolar.

Como profissional com vivência significativa (cerca de 20 anos) do ambiente escolar, sempre foi objeto de meu interesse procurar ir além do que levava ao fracasso. Buscava entender que fatores influenciavam os alunos a aprenderem com maior qualidade, ou seja, o que favorecia o sucesso escolar. Questionava-me porque alguns alunos não conseguiam aprender e outros, mesmo que em situações semelhantes, conseguiam bom desempenho. Comecei a pensar, então, sobre quais poderiam ser as possíveis “causas” do sucesso escolar. Acredito que este tema expressa em nossa sociedade um aspecto menos explorado dentro das pesquisas sobre a aprendizagem escolar. Tendo como objeto de minha dissertação, as possíveis representações de sucesso escolar, resolvi ouvir alguns atores envolvidos nesta história: os professores.

Mas por que os professores? Em primeiro lugar, por que eles já tiveram a experiência de ser aluno e viver todo o processo do período escolar onde o sucesso poderia (ou não) ter sido vivido. E, também, por que hoje, eles fazem parte da história de pessoas que estão se formando (e informando) dentro da instituição escola e, por sua vez, vivendo o mesmo processo.

Sendo assim, considerei que os professores teriam muito a colaborar com esta pesquisa. Procurei ouvir suas opiniões sobre as questões referentes ao diferencial do aluno que alcança sucesso e, principalmente, estabelecer que fatores contribuíram para o seu sucesso.

Com base no conceito chave da Teoria de Serge Moscovici – Representações Sociais – e partindo do princípio de que este conceito nos ajuda a interpretar os diferentes aspectos da realidade social, procurei, através dessa pesquisa, identificar que Representações Sociais de sucesso escolar estão presentes nas opiniões dos atores citados, ou seja, que representações foram elaboradas e compartilhadas pela nossa sociedade sobre este tema e que foram incorporadas pelos sujeitos desta pesquisa.

Uma síntese das teorias de Serge Moscovici e Denise Jodelet, teóricos que serviram de referencial para a análise das entrevistas está apresentada no capítulo 2 deste trabalho. Apresento, também, de forma sintética, as contribuições de Lévy-Bruhl, Piaget e Freud. Além disso, proponho uma reflexão inicial sobre o que pode ser considerado sucesso escolar baseando-me na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, em Lahire (autor francês) e Souza e Silva (autor brasileiro). Considerei importante apresentar os pontos de vista desses dois autores que embora de nacionalidades distintas, apresentam vários pontos em comum em suas pesquisas.

A metodologia que adotei para desenvolver a minha pesquisa constitui o capítulo 3 dessa dissertação, no qual aponto o estudo de natureza qualitativa realizado, em que professores, através do uso de entrevistas, expressaram suas representações sobre sucesso escolar. A coleta de dados foi baseada, além dos depoimentos, em escolhas de figuras representativas do tema, uma vez que nesta pesquisa considerou-se a importância da imagem vista como texto e que, muitas vezes, diz mais que muitas palavras.

O capítulo 4 se ocupa da análise dos depoimentos sobre as representações de sucesso escolar dos professores entrevistados, elegendo a categorização de sucesso escolar partindo das referências de sucesso como processo ou como produto. O capítulo é finalizado com uma breve comparação entre as falas dos professores e a teoria de Maslow sobre a motivação e a hierarquização das necessidades do ser humano.

A análise das imagens utilizadas na pesquisa como representativas de sucesso em geral e dos significados que elas suscitam compõe o capítulo 5. Através desta reflexão, procurei identificar como eles poderiam ter interferido nas escolhas dos professores e em suas representações de sucesso. Com base no

cruzamento destas informações, foi traçado um perfil de cada um dos professores entrevistados.

No capítulo 6, empreendi a análise e a discussão sobre os fatores que, na opinião dos professores, eram considerados como básicos para levar um aluno a ser bem sucedido. Para melhor visualização, elaborei um mapa conceitual para cada um dos 5 principais fatores citados. Além disso, foi feito um grande mapa integrando todos os fatores.

Finalmente, no último capítulo, procuro apresentar uma síntese das reflexões mais importantes que foram feitas ao longo desta pesquisa e as possíveis sugestões que o trabalho apontou.

## 2 Apresentando o Tema

Todas as pessoas que conhecemos sonham, em algum nível, com o sucesso: querem ter sucesso na vida, querem que seu time tenha sucesso, que seus filhos sejam pessoas de sucesso. Existem até revistas especializadas em mostrar a vida de personalidades de sucesso. Mas, como é representada em nosso dia a dia esta palavra tão abstrata?

Ao buscarmos a etimologia da palavra sucesso, deparamo-nos com o fato de que ela modificou-se muito pouco ao longo do tempo, vindo do latim *successus-us* significando “aquilo que sucede”, bom êxito, resultado feliz (Cunha, 1998, p.741).

No dicionário Aurélio (1975, p.1333), encontramos algumas definições, entre elas: 1 – aquilo que sucede; acontecimento, sucedimento; 2 – resultado, conclusão; 3 – parto; 4 – bom êxito, resultado feliz; 5 – (.....) 7 – Brasil NE pop. Desastre, acidente sinistro. Também para Koogan e Houaiss (1993, p.797), é atribuído para sucesso: resultado feliz; êxito/ acontecimento, fato, caso, ocorrência./ Brás. (NE) acidente, desastre. Portanto, nos dois dicionários, além das definições positivas, encontramos também para sucesso, algo ruim como um acidente sinistro. É interessante pensar sobre como poderá o sucesso ser um desastre. Sucesso pode ser algo ruim? Para Mark Twain, “todo homem que alcança sucesso torna-se objeto de inveja e de suspeita.” (Oliveira, 1991, p.282).

Também quando nos referimos a sucesso escolar, temos variações do que possa representar.

Apresento, em primeiro lugar, a “versão oficial”, ou seja, o que a Lei estabelece que deva ser atingido na educação para que a mesma possa ser “considerada um sucesso”.



A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96), em seu artigo primeiro, diz:

A Educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

E, no mesmo artigo, no segundo parágrafo: “A Educação Escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social”.

A lei citada, em seu artigo segundo, afirma:

A Educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Portanto, temos na lei um objetivo geral do que se é esperado atingir na formação de um aluno.

E a visão de alguns teóricos ligados à educação? Como vêm?

Lahire (1997) considera que fracasso escolar e sucesso escolar são noções vagas, pois o “sentido e as conseqüências do ‘fracasso’ e do ‘sucesso’ variam historicamente” (p.53). Dependem do momento histórico e da posição sócio-econômica do sujeito envolvido. Para este autor, são “noções relativas de extrema variabilidade” que devem ser analisadas segundo suas “variações históricas e sociais” (p. 54). Essa possibilidade de variação histórica se dá, por exemplo, pela situação do mercado de trabalho naquele período. E a variação social é exemplificada na diferença entre o que é um excelente resultado para uma família pobre pode ser apenas o mínimo esperado para uma família de classe alta. Além disso, para este autor, estará em jogo também, a representação de aluno ideal que o professor faz, ou seja, do perfil de aluno idealizado por ele. Já, Souza e Silva (2003, p.18), baseado em sua pesquisa na qual faz uma análise da trajetória de universitários de um grupo específico (moradores da favela da Maré), é mais taxativo: “sucesso escolar é definido a partir da conquista pelos estudantes provenientes dos setores populares do diploma de nível superior, seja em instituição pública ou particular”.

Portanto, na busca de uma definição de sucesso (e no caso dessa dissertação, sucesso escolar), entra em jogo o que passa pelo imaginário de quem pretende defini-lo.

Entre os vários caminhos para se refletir sobre sucesso, optei pelas Representações Sociais.

Segundo Moscovici (2001), as representações sociais já haviam sido objeto de estudo na França, aproximadamente no início do século, porém, sem se saber o real motivo, este estudo foi, temporariamente, abandonado.

A base deste conceito vem de Durkheim que trabalhava a idéia das Representações Coletivas. Este autor valorizava o elemento simbólico da vida social. Segundo Moscovici, para Durkheim:

Um símbolo representa uma coisa diferente de si mesmo: é uma idéia sobre um objeto compartilhada por homens, independente do próprio objeto.[...] Durkheim transforma o simbolismo num meio pelo qual a sociedade se torna consciente de si mesma – demarcação entre os componentes individuais e componentes coletivos do vínculo entre os homens. (Moscovici, 2001, p.52).

Moscovici afirma que Durkheim confiou a tarefa de estudar as representações à Psicologia Social. E cita as palavras do próprio autor:

No que se referem às leis do pensamento coletivo, elas são totalmente desconhecidas. A psicologia social, cuja tarefa seria defini-las, não é nada mais que uma palavra descrevendo todo tipo de variadas generalizações, vagas, sem um objeto definido como foco. O que é necessário é descobrir, pela comparação de mitos, lendas, tradições populares e linguagens, como as representações sociais se atraem e se excluem, como elas se mesclam ou se distinguem. (Durkheim, 1895/1982, p.41-42 In Moscovici, 2003, p.42)

Serge Moscovici, por volta de 1961, na França, retoma o estudo das Representações Sociais e publica seu trabalho sobre a representação da Psicanálise (*La Psicanalyse: Son Image et son public*). Porém, Moscovici, diferindo de Durkheim, aproxima esta idéia dos tempos mais atuais. Para Alves-Mazzotti (1994, p. 61), Durkheim

Se referia a uma classe muito genérica de fenômenos psíquicos e sociais, englobando entre eles os referentes à ciência, aos mitos e à ideologia, sem a preocupação de explicar os processos que dariam origem a essa pluralidade de modos de organização do pensamento. Além disso, a concepção de representação coletiva era bastante estática (...) e, portanto, não adequada ao estudo das sociedades contemporâneas, que se caracterizam pela multiplicidade de sistemas políticos, religiosos, filosóficos e artísticos e pela rapidez na circulação das representações.

Referindo-se às representações, Moscovici (2003, p.48) afirma que “elas são de nossa sociedade atual, do nosso solo político, científico, humano, que nem sempre têm tempo suficiente para se sedimentar completamente para se tornarem tradições imutáveis”.

Depois de Moscovici, alguns psicólogos sociais (Abric, Codol e Flament) passam a estudar os comportamentos e as relações sociais. Várias são as ciências (psicologia, antropologia e sociologia) que passam a se interessar por este tema.

Segundo Sá (1998), a teoria original de Moscovici foi desdobrada em três correntes teóricas complementares. A primeira é a que mais mantém ligação com a teoria original e tem uma perspectiva etnográfica. É representada por Denise Jodelet, em Paris. A segunda, representada por Willem Doise, em Genebra, tem uma perspectiva mais sociológica. Por fim, a terceira enfatiza a dimensão cognitivo-estrutural das representações e é representada por Jean-Claude Abric, Claude Flament e Pierre Vergès em Aix-em-Provence.

Jodelet (2001, p.22) define representação social como “uma forma de conhecimento socialmente elaborada e compartilhada, que tem um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”.

Jodelet acredita que o ser humano tem necessidade das representações para se ajustar ao mundo ao seu redor, dominá-lo física ou intelectualmente, identificar e resolver os problemas com os quais se defronta. Para ela, as representações sociais “nos guiam no modo de nomear e definir conjuntamente os diferentes aspectos da realidade diária, no modo de interpretar esses aspectos, tomar decisões e, eventualmente, posicionar-se frente a eles de forma defensiva” (Jodelet, 2001, p.17). Elas são realidades mentais, “fenômenos observáveis diretamente ou reconstruídos por um trabalho científico” (p.17) que “circulam nos discursos, são trazidas pelas palavras e veiculadas em mensagens e imagens midiáticas, cristalizadas em condutas e em organizações materiais e espaciais” (p.18).

Moscovici (2001, p.49) acredita que

O indivíduo sofre a pressão das representações dominantes na sociedade e é nesse meio que pensa ou exprime seus sentimentos. Essas representações diferem de acordo com a sociedade em que nascem e são moldadas. Portanto, cada tipo de mentalidade é distinto e corresponde a um tipo de sociedade, às instituições e às práticas que lhe são próprias.

Segundo Alves-Mazzotti (1994, p.62), citando Moscovici (1978, p. 51):

o que Moscovici procura enfatizar é que as representações sociais não são apenas ‘opiniões sobre’ ou ‘imagem de’, mas teorias coletivas sobre o real, sistemas que têm uma lógica e uma linguagem particulares, uma estrutura de implicações baseadas em valores e conceitos, e que ‘determinam o campo das comunicações possíveis, dos valores ou das idéias compartilhadas pelos grupos e regem, subseqüentemente, as condutas desejáveis ou admitidas.

Para Moscovici, o filósofo francês Lévy-Bruhl inaugura o exame dos mecanismos psíquicos e lógicos que levam a uma ordem mental.

Na visão de Lévy-Bruhl (Moscovici, 2001, p.51), a lógica da sociedade primitiva é incompatível com a da sociedade civilizada, pois “os modelos de representação que formam a mentalidade de um povo são incomensuráveis para outro”. “Sua lógica é incompatível com a nossa, porque parte de outras premissas, absurdas a nossos olhos.” (Moscovici, 2001, p.51). Ele resgata as estruturas intelectuais e afetivas das representações em geral e lança luz sobre os movimentos da vida mental coletiva.

Moscovici considera que Piaget e Freud também deram importantes contribuições ao estudo das representações sociais.

Segundo Moscovici, da mesma forma que Lévy-Bruhl fez um estudo sobre a relação entre as sociedades primitivas e as civilizadas e como elas se distinguem por suas representações, Piaget fez um estudo comparativo entre os mundos da criança e do adulto, sendo que a participação da criança na sociedade é “diferente e traduz-se pela diferença entre as formas de pensamento, o conteúdo permanecendo individual” (Moscovici, 2001, p.53). Moscovici considera que Piaget fez uma análise que estabeleceu a especificidade das representações em termos psíquicos.

Nas palavras de Moscovici (2001, p.55)

No interior dessa sociedade, há muitas coisas, dentre elas a sociedade espontânea das crianças. Para ser mais preciso: conhecemos uma sociedade fundada sobre a coação e outra baseada na cooperação. Cada uma delas cria representações morais e intelectuais correspondentes. Portanto, pode-se estabelecer uma espécie de equivalência entre, de um lado, a mentalidade quente, mística e participante, cujo quadro foi construído por Lévy-Bruhl, e de outro, a mentalidade mais fria, sensível à contradição, resultante das operações formais e das relações de cooperação.

Para Moscovici, Piaget contribuiu com o desvelamento do modelo social e a descoberta dos mecanismos psíquicos, principalmente com sua obra “A construção do juízo moral na criança”.

Referindo-se a este autor, Moscovici considera que ele esteve muito próximo ao pensamento de Lévy-Bruhl:

Sem exagero, pode-se dizer que a psicologia das representações ‘primitivas’ estabelecida pelo pensador francês é repetida na psicologia das representações das crianças (por exemplo, no animismo infantil, no realismo intelectual, etc.) que devemos ao psicólogo suíço. Em outras palavras, o que um descobriu nas representações públicas das sociedades ‘exóticas’, o outro redescobriu, de maneira transposta, nas representações supostamente privadas das crianças suíças. Piaget, contudo, distanciou-se de Lévy-Bruhl (e se aproximou de Durkheim e Freud) quando ele imaginou uma evolução contínua estendendo-se dessas representações pré-lógicas’ da criança, para as representações mais lógicas e individuais do adolescente. (Moscovici, 2003, p.190)

Como foi dito anteriormente, na opinião de Moscovici, outro autor que contribuiu para o estudo das representações sociais foi Sigmund Freud. Ele marca a força das representações, ao constatar que a histeria segue as vias de uma representação baseada em um saber popular. Também, em seus estudos sobre as teorias sexuais infantis, ele reconhece sua origem, nos relatos das crianças e dos pais, na cultura que os cerca. E ressalta que as crianças utilizam os elementos dessa cultura para criar suas teorias. Segundo Moscovici (2001, p.58), as teorias sexuais das crianças são representações partilhadas e têm um caráter social.

Daí a efervescência das representações da primeira infância que, pouco a pouco, deslizam, reprimidas, para o inconsciente, enquanto outras se formam, diferentes, mais intelectuais e severas, relativamente ao problema dos sexos, sob a ação da educação.

Moscovici (2001, p.58) complementa:

O estudo de Freud desvela o trabalho de interiorização que transforma o resultado coletivo em dado individual e marca o caráter da pessoa. Em outras palavras, mostra-nos por qual processo, ignorado até então, as representações passam da vida de todos para a de cada um, do nível consciente ao inconsciente.

E acrescenta (2001, p.63):

Representando-se uma coisa ou uma noção, não produzimos unicamente nossas próprias idéias e imagens: criamos e transmitimos um produto progressivamente elaborado em inúmeros lugares, segundo regras variadas. Dentro desses limites, o fenômeno pode ser denominado representações sociais. Tem um caráter moderno pelo fato de que, em nossa sociedade, substituiu mitos, lendas e formas mentais

correntes nas sociedades tradicionais: sendo seu substituto e seu equivalente, herda, simultaneamente, certos traços e poderes.

Moscovici afirma que as representações são sociais por terem um objeto comum e por serem compartilhadas e, também, pelo fato de serem fruto de uma divisão do trabalho que se distingue com alguma autonomia. Segundo o autor, existem categorias de pessoas que têm por ofício criar as representações sociais que são as que exercem tarefas ligadas à difusão dos conhecimentos científicos e artísticos (médicos, terapeutas, trabalhadores sociais, animadores sociais, animadores culturais, especialistas das mídias e do marketing político). “O seu saber-fazer é codificado e transmitido, conferindo aos que o possuem uma autoridade segura” (2001, p.63). Porém, segundo este mesmo autor (2003), muitas vezes, estes profissionais criam representações mesmo sem querer ou ter consciência disso.

As instâncias ou substitutos institucionais e as redes de comunicação informais ou da mídia intervêm na elaboração das representações sociais, abrindo caminho a processos de construção, de influência e até mesmo de manipulação social. Estas representações formam um sistema e dão lugar a teorias espontâneas, versões da realidade encarnadas por imagens ou condensadas por palavras, umas e outras carregadas de significações. Através destas várias significações, as representações expressam aqueles indivíduos ou grupos que as forjam e dão uma definição específica ao objeto por elas representado. Estas definições partilhadas pelos membros de um mesmo grupo constroem uma visão consensual da realidade para esse grupo.

As representações sociais são fenômenos que estão sempre atuando em nossa vida social. Nelas, estão presentes diversos elementos: informativos, cognitivos, ideológicos, normativos, crenças, valores, atitudes, opiniões e imagens que são organizados de modo a dizerem algo sobre o estado de realidade.

Elas são “sistemas de interpretação que regem nossa relação com o mundo e com os outros” [e que] intervêm em processos variados, tais como a difusão e a assimilação dos conhecimentos, o desenvolvimento individual e coletivo, a definição das identidades pessoais e sociais, a expressão dos grupos e as transformações sociais (Jodelet, 2001, p.22).

Enquanto forma de apropriação da realidade exterior, as representações sociais são consideradas como produto e processo dessa atividade. É processo por seu aspecto constituinte e produto (ou conteúdo) por seu aspecto constituído.

Para Moscovici, as representações não são estáticas, mas sim dinâmicas. Para ele (2003, p.41):

Representações, obviamente, não são criadas por um indivíduo isoladamente. Uma vez criadas, contudo, elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem.

Segundo Jodelet (2001, p.27),

não há representação sem objeto e este pode ser uma pessoa, uma coisa, um acontecimento material, psíquico ou social, um fenômeno natural ou mítico. A representação é uma forma de saber prático ligando um sujeito a um objeto.

Nas palavras de Jodelet (2001, p.25),

Conteúdo concreto do ato de pensamento, a representação mental traz a marca do sujeito e de sua atividade. Este último aspecto remete às características de construção, criatividade e autonomia da representação, que comportam uma parte de reconstrução, de interpretação do objeto e de expressão do sujeito.

Além disso, segundo esta autora, Moscovici formulou e desenvolveu sua teoria, na perspectiva de que as representações sociais devem ser estudadas, articulando-se elementos afetivos, mentais e sociais e integrando – ao lado da cognição, da linguagem e da comunicação – a consideração das relações sociais que afetam as representações e a realidade material, social e ideativa sobre a qual elas têm de intervir.

Para Sá (1998, p.21), “os fenômenos das representações sociais estão ‘espalhados por aí’, na cultura, nas instituições, nas práticas sociais, nas comunicações interpessoais e de massa e nos pensamentos individuais”.

E para Madeira (1997, p.8-9)

É no dinamismo das relações sociais e históricas que os sujeitos vão definindo valores, normas, símbolos, modelos, etc, caracterizando neste movimento, de forma contínua, estes novos pólos de importância social, ao mesmo tempo que os integrando na busca de uma coerente compreensão de mundo e de si no mundo. Neste contexto são construídos, ratificados ou retificados, estereótipos e definições, pelos quais, não só objetos mas indivíduos e grupos são demarcados e rotulados.

Retomando, portanto, a questão do que seria considerado sucesso escolar, percebemos o valor de estudar este conceito à luz da teoria das representações sociais pois é um objeto que faz parte do nosso cotidiano. As representações dos educadores podem exercer grande influência nas suas relações com os alunos e em suas decisões. Definem valores e podem vir a definir destinos de seres humanos, sem que o próprio professor tenha consciência disso.

Citando Moscovici (2003, p.35):

Nós organizamos nossos pensamentos, de acordo com um sistema que está condicionado, tanto por nossas representações, como por nossa cultura. Nós vemos apenas o que as convenções subjacentes nos permitem ver e nós permanecemos inconscientes dessas convenções.

E o mesmo autor afirma (2003, p.42): “eu até mesmo iria ao ponto de afirmar que, quanto menos nós pensamos nelas, quanto menos conscientes somos delas, maior se torna sua influência.”

Souza e Silva (2003, p.142) destaca a importância da representação criada pelos educadores, pela família e pelo próprio aluno em sua vida.

O encontro entre o juízo corrente na família e o vinculado por profissionais da unidade escolar estabelece a expectativa de permanência do aluno. No processo, os juízos afirmados vão sendo introjetados pela criança e suas práticas vão sendo avaliadas de acordo com esses juízos. A forma como reage a eles será fundamental para a progressiva dissonância/consonância da criança em relação à escola. Ocorre, então, algo maior do que a conhecida ‘profecia auto-realizada’ – centrada na expectativa do professor. O que se manifesta, no caso, é um movimento ‘profético’ construído socialmente, inclusive pelo aluno. O processo não ocorre apenas na infância; durante toda a vida escolar, os alunos são avaliados de acordo com a representação que eles constroem e que deles se constrói nesse espaço.

Podemos afirmar que conhecer a representação de sucesso para o professor pode ser fundamental para o bom desenvolvimento de seu trabalho tendo como reflexo, conseqüências em sua própria vida e na vida do educando, pois, como já mencionado, a mesma vai influenciar na forma como ele vê o aluno e como se posiciona em relação a ele e à educação.



### 3 Metodologia

O trabalho investigativo seguiu as normas de um estudo de caráter exploratório de natureza qualitativa no qual foram ouvidos 18 professores que expressaram suas representações sobre sucesso escolar.

A pesquisa seguiu os pressupostos básicos de uma pesquisa qualitativa. Aconteceu em um ambiente natural, sem que houvesse qualquer manipulação intencional do pesquisador. A coleta de dados foi baseada, principalmente, em depoimentos, gerando dados predominantemente descritivos, além da solicitação de escolhas de imagens relacionadas ao tema. Além disso, não houve a preocupação de procurar evidências de hipóteses definidas a priori, embora existisse um referencial teórico orientando a coleta e a análise dos dados.

Para a pesquisa em questão, que tem como referencial teórico central as Representações Sociais propostas por Moscovici, coletar depoimentos tem grande importância, pois, segundo Duarte (2004, p.219),

tomar depoimentos como fonte de investigação implica extrair daquilo que é subjetivo e pessoal neles o que nos permite pensar a dimensão coletiva, isto é, que nos permite compreender a lógica das relações que se estabelecem/estabeleceram no interior dos grupos sociais dos quais o entrevistado participa/participou, em um determinado tempo e lugar.

#### 3.1 Grupo estudado (Os atores)

Os atores principais dessa pesquisa foram 18 professores de ensino médio. Foram escolhidas 6 escolas e, de cada uma delas, 3 professores, sendo um de matemática e um de português, por serem essas disciplinas consideradas básicas. Além desses dois professores, foi solicitado que a escola sugerisse mais um professor de outra disciplina.

Optei por ouvir professores de ensino médio sobre sucesso escolar por serem profissionais que, já tendo sido alunos um dia, hoje se colocam na posição de quem ensina, de quem colabora na formação de pessoas que farão (e já estão fazendo) suas escolhas de vida, e também, pelo fato de estarem trabalhando com ensino médio, fazendo com que estejam lidando diretamente com alunos que já têm uma trajetória escolar. Além disso, esses alunos estão, neste momento, prestando vestibular, inserindo-se no mercado de trabalho e alguns, até mesmo, iniciando suas famílias.

Minha amostra foi intencional. Em primeiro lugar, quanto à escolha das escolas: uma escola tradicional, uma escola dita alternativa, uma escola técnica, um escola estadual, uma escola federal e uma escola bilíngüe. Entendi que, com essa amostra, teria um panorama geral dos vários tipos de escola. Em segundo lugar, foi intencional quanto à escolha dos professores, pois os mesmos foram indicados pelas próprias escolas. Em algumas delas, pude notar que essa indicação recaía em professores que poderiam representar bem o colégio, por serem professores bem sucedidos, muitos já tendo pós-graduação, ou seja, que seriam representantes de sucesso. Pareceu-me que já existia, inconscientemente, uma forma de avaliação, de querer mostrar sucesso.

Assim sendo, o grupo de entrevistados ficou configurado: 12 professores homens e 6 mulheres tendo eles, entre 2 e 43 anos de magistério. Quanto à divisão por matéria, temos 6 de matemática, 6 de português, 3 de biologia, 2 de história e 1 de geografia. Quanto às faculdades onde fizeram a graduação, 12 cursaram faculdades públicas e 6, faculdades particulares. Em termos de pós-graduação, 4 tinham (ou estavam cursando) doutorado, 7 com (ou cursando) mestrado e 2 com especializações na área de educação.

Levando em conta que na relação de ensino-aprendizagem não se pode ver em separado o ensinante e o aprendente, decidi, também, entrevistar alguns alunos universitários, apenas para fazer uma pequena comparação entre as falas de professores e alunos, ou seja, para fazer um contraponto entre as opiniões. Foram entrevistados 4 alunos da PUC-Rio sendo 1 de filosofia, 1 de psicologia, 1 de comunicação e 1 de informática. Entretanto, suas opiniões foram extremamente parecidas com as dos professores, não havendo nenhuma resposta que apresentasse algum diferencial. Assim sendo, na pesquisa, levei em conta apenas as respostas dos professores.

Portanto, tomei como sujeito apenas os professores do ensino médio e como objeto, o sucesso escolar. Lembro aqui Sá (1998, p.24), quando diz:

Lembremos a proposição teórica de que uma representação social é sempre de alguém (o sujeito) e de alguma coisa (o objeto). Não podemos falar em representação de alguma coisa sem especificar o sujeito – a população ou conjunto social – que mantém tal representação. Da mesma maneira, não faz sentido falar nas representações de um dado sujeito social sem especificar os objetos representados. Dizendo de outra maneira, na construção do objeto de pesquisa precisamos levar em conta simultaneamente o sujeito e o objeto da representação que queremos estudar.

## **3.2 Instrumentos da pesquisa**

### **3.2.1 Entrevista**

A entrevista foi realizada de forma a deixar os informantes bastante à vontade, procurando preservar a maneira peculiar de responder de cada um, porém, mantendo o objetivo (tema) da pesquisa. Como diz Duarte (2004, p.216), “sem jamais perder de vista os objetivos que levaram a buscar aquele sujeito específico como fonte de material empírico para sua investigação”.

A entrevista foi semi-dirigida<sup>1</sup> e buscou abranger os seguintes pontos: visão do professor sobre sucesso escolar, nomeação de 3 primeiras palavras que lhes ocorressem e que sintetizassem sucesso escolar, fatores que influenciam nesse sucesso, mudanças na forma de pensar sucesso escolar ao longo de sua trajetória como aluno e como professor. Por fim, foram apresentadas 10 imagens para serem escolhidas como positivas e negativas na representação de sucesso. As entrevistas foram gravadas (com autorização do entrevistado) e, posteriormente, transcritas e analisadas.

---

<sup>1</sup>O roteiro básico da entrevista encontra-se no anexo 1.

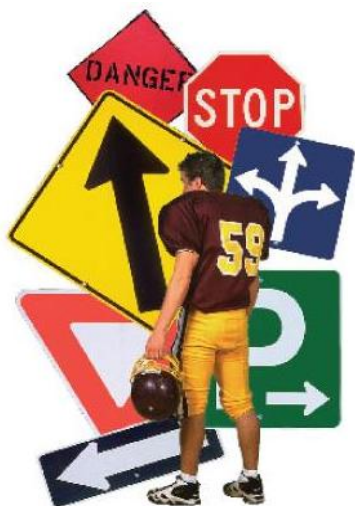
### 3.2.2 O uso de Imagens

A adoção da escolha das imagens como uma forma de complementação à fala dos professores deveu-se à importância que delas considero. Segundo Pain (1996, p.49)

... a imagem não pode ser considerada como uma percepção diminuída já que, mesmo que ela sempre utilize referências sensoriais, sua construção procede de uma escolha de referências que, portanto, não dão o objeto visado, mas o que no objeto é fundamental para o sujeito.

O objetivo dessa tarefa foi comparar o que foi dito verbalmente com o expresso simbolicamente, pois, partindo do princípio de que Representações Sociais estão ligadas ao imaginário individual e coletivo, considerei interessante trabalhar com imagens eleitas pelos entrevistados por serem material rico em significados.

As 10 imagens escolhidas para serem apresentadas nas entrevistas foram selecionadas após uma análise de 23 imagens apresentadas a um corpo de juízes, todos integrantes de um grupo de pesquisa com experiência em imagens. A configuração deste corpo de juízes seguiu as recomendações de Pichon Rivière, quando aponta as características essenciais ao conceito de operatividade de um grupo. Ou seja, esse grupo era heterogêneo em idade, escolaridade, formação profissional, com representantes de ambos os sexos, o que dava fidedignidade às considerações e às escolhas realizadas por ele. Quanto às imagens trazidas para a escolha, foram por mim capturadas na internet, segundo o critério de apresentarem diferentes visões sobre sucesso. Ou seja, tentei oferecer várias possibilidades do que poderia estar ligado ao tema em questão: relacionadas a escola, profissões, família, entre outras. Das 23 figuras trazidas por mim, foi debatida a força da representatividade de cada uma e, por consequência, eleitas as 10 consideradas mais significativas para o tema em questão, ou seja, as que mais se adequavam à pesquisa. Apresento a seguir, as imagens selecionadas. Para controle de identificação, atribui, aleatoriamente, números a elas.

Imagem n.º 1<sup>2</sup>Imagem n.º 2<sup>3</sup>Imagem n.º 3<sup>4</sup>Imagem n.º 4<sup>5</sup>

<sup>2</sup> [www.graciemag.com](http://www.graciemag.com) capturada em 18 de junho de 2008.

<sup>3</sup> [www.esportesite.com.br](http://www.esportesite.com.br) capturada em 18 de junho de 2008.

<sup>4</sup> [mundosebrae.files.wordpress.com/.../sucesso.gif](http://mundosebrae.files.wordpress.com/.../sucesso.gif) capturada em 18 de junho de 2008.

<sup>5</sup> [ante-et-post.weblog.com.pt/pai.jpg](http://ante-et-post.weblog.com.pt/pai.jpg) capturada em 18 de junho de 2008.

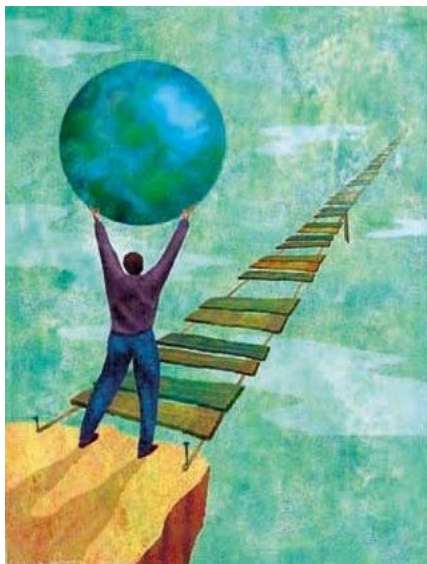
Imagem n.º 5<sup>6</sup>Imagem n.º 6<sup>7</sup>Imagem n.º 7<sup>8</sup>Imagem n.º 8<sup>9</sup>

<sup>6</sup> [www.twtviagens.net/imagensOrig/formatura2.jpg](http://www.twtviagens.net/imagensOrig/formatura2.jpg) capturada em 18 de junho de 2008.

<sup>7</sup> [lezio.junior.zip.net/imagens/sucesso.jpg](http://lezio.junior.zip.net/imagens/sucesso.jpg) capturada em 18 de junho de 2008.

<sup>8</sup> [www.fdsports.com.br/corrida1.JPG](http://www.fdsports.com.br/corrida1.JPG) capturada em 18 de junho de 2008.

<sup>9</sup> <http://flavianaitalia.blogspot.com> capturada em 18 de junho de 2008.

Imagem n.º 9<sup>10</sup>Imagem n.º 10<sup>11</sup>

### 3.3 Procedimentos

As entrevistas foram agendadas com a própria escola e, quando indicado pela mesma, com o próprio professor. Foram realizadas dentro do próprio ambiente de trabalho dos professores e tiveram durações variadas, sendo a de menor tempo com 15 minutos e a mais longa, com 1 hora e 10 minutos. Essa variação de tempo deveu-se às características dos professores: se um professor era mais conciso limitando-se a responder o que era perguntado durava menos e, outras, mais longas, porque o professor ilustrava suas respostas com casos vividos ao longo de sua trajetória. Vários professores tiveram a tendência a falar especificamente sobre o sucesso em relação às suas matérias, fazendo com que eu tivesse que solicitar-lhes que complementassem com o que pensavam sobre sucesso escolar em geral.

A seguir, eram apresentadas as 10 imagens já mencionadas acima sendo que o entrevistado devia escolheria uma que mais lhe agradasse quando pensasse em sucesso (não mais em sucesso escolar) e que, em seguida, escolhesse a imagem

<sup>10</sup> [blog.comunidades.net/galeria/almasentida27490](http://blog.comunidades.net/galeria/almasentida27490) capturada em 18 de junho de 2008.

<sup>11</sup> [www.coisas.de.menina.com](http://www.coisas.de.menina.com) capturada em 18 de junho de 2008.

que menos lhe agradasse ao pensar no mesmo tema. Após cada escolha, pedia uma justificativa para ela.

Alguns entrevistados ficaram em dúvida em relação a duas figuras. Eu ouvi o porquê de cada uma e, ao final, pedi que entre as duas escolhidas, ele elegesse a melhor. Pude perceber que alguns professores, na dúvida, escolhiam por exclusão, ou seja, iam eliminando imagem por imagem até chegar àquela que seria a escolhida.

Ao final da entrevista, era oferecido um momento para que o entrevistado complementasse sua fala com algo que ele considerasse importante e que não tivesse sido ainda contemplado.

Durante a coleta de dados, pude perceber que 15 profissionais sentiram-se privilegiados por terem sido escolhidos por seus diretores/coordenadores para participar dessa pesquisa. Pareciam entender que eram considerados professores de sucesso, já que, no meio de tantos outros, eles é que seriam os entrevistados sobre esse assunto. Alguns pediam detalhes sobre o tema que eu estava estudando e pediam retorno dos resultados após a conclusão da pesquisa. Um professor chegou a se queixar de que os pesquisadores não costumam fazer este tipo de devolução, permanecendo a academia muito distante da escola, o que, infelizmente, muitas vezes, é verdade. Vários, durante a entrevista, passaram a se remeter a sua própria história de vida, prestando depoimentos riquíssimos. Em função disso, parte das entrevistas se estenderam para agradáveis conversas posteriores. Apenas dois dos entrevistados que, por coincidência (?), pertenciam à mesma escola, mostraram-se pouco colaboradores, parecendo apenas estar atendendo a um pedido (percebido como uma ordem?) da direção/coordenação da escola.

Quanto aos alunos, ainda que depois não tenha levado em conta suas respostas, posso dizer que todos se mostraram bastante receptivos à proposta da entrevista. Elas ocorreram dentro do espaço da própria universidade e tiveram uma média de 20 minutos cada uma.

Na apresentação dos resultados analisados, para preservar a identidade dos professores ouvidos, substituí seus nomes, atribuindo a cada um deles, um número de 1 a 18, acrescido da letra P.



### 3.4 Análise dos dados

Para a análise dos dados, em um primeiro momento, cada entrevista foi desmembrada segundo os tópicos básicos que direcionaram a coleta dos dados, ou seja, dividi as informações relacionadas a cada item da entrevista: sucesso escolar, 3 palavras-chave, fatores que influenciam no sucesso escolar e escolha das imagens em positiva ou negativa.

Os dados obtidos foram agrupados em categorias e foram construídos esquemas e/ou mapas conceituais que auxiliassem na melhor visualização das respostas, as relações dos itens entre si e a vinculação com a teoria estudada.

No que diz respeito às imagens, para cada uma delas foi feita uma pesquisa dos possíveis significados dos símbolos retratados. A seguir, foi feito um cruzamento entre as respostas dadas e os significados das imagens. Com base nos dados obtidos, procurou-se traçar um breve perfil de cada professor entrevistado.

## 4

### Representação de Sucesso Escolar: Ouvindo os Professores

“A gente não quer  
só dinheiro  
A gente quer dinheiro  
e felicidade.”  
(Música: “Comida” – Titãs)

Quais foram as representações sociais do sucesso escolar na visão do professor, que é o principal profissional que atua nessa formação?

É disso que trata o presente capítulo.

Quando busquei a representação de sucesso por parte de um grupo de professores, tive sempre em mente o que diz Guareschi (in Spink, 1995, p. 217) ao citar Moscovici (1978): “representar uma coisa, um estado, não consiste simplesmente em desdobrá-lo, repeti-lo ou reproduzi-lo; é também reconstituí-lo, retocá-lo, modificá-lo”. Portanto, suas representações estão impregnadas, também, de suas próprias experiências.

Para reforçar esta idéia, tomo as palavras de Alves-Mazzotti (1994, p.62):

no caso das representações sociais, parte-se da premissa de que não existe separação entre o universo externo e o universo interno do sujeito: em sua atividade representativa, ele não reproduz passivamente um objeto dado, mas, de certa forma, o reconstrói e, ao fazê-lo, se constitui como sujeito, pois, ao apreendê-lo de uma dada maneira, ele próprio se situa no universo social e material.

Por outro lado, também tomei como ponto fundamental que, quando falamos em representação social, não estamos falando de uma opinião pura e simplesmente. Como indicam Madeira e Carvalho (1997, p.184)

Neste contexto, o sentido atribuído pelo sujeito a um dado objeto não pode ser buscado em respostas imediatas ou tomadas como produto acabado, pois a representação distingue-se da opinião pela linearidade e imediatismo desta e o caráter complexo, contraditório, por vezes até ambíguo, daquela. Para ser apreendida, a representação precisa de texto e contexto. Tanto o social, quanto o discursivo. Pretender isolá-la ou a considerar descontextualizada é a negação de sua própria riqueza potencial.

Tendo essas colocações como norte, pude recolher, das falas dos professores, algumas palavras-chave que me permitiram fazer um primeiro mapa conceitual que serve de pano de fundo para a discussão que aqui desenvolvo.

Analisando as três palavras solicitadas a cada professor que pudessem, em suas óticas, representar sucesso escolar, seja como processo ou produto, pude catalogá-las do seguinte modo:

	<b>Categoria</b>	<b>Palavras relacionadas</b>
PROCESSO	empenho	dedicação, esforço, comprometimento, compromisso, perseverança
	aquisição de algo mais	rendimento, habilidade, formação, competência, cultura geral, conhecimento
	aquisição de algo subjetivo	afetividade, prazer, sensibilização, motivação, felicidade, ética, amadurecimento, solidariedade, adequação, crítica, emoção.
	meta	projeto
	facilitadores	família, professor, diálogo
PRODUTO	chance	oportunidade, integração
	resultados concretos	acesso à boa universidade, aprovação, conquista de um bom emprego, capacitação.
	resultados subjetivos	ser um bom ser humano/cidadão, competência, cultura geral, conhecimento, valores, ética, solidariedade, felicidade, ajustamento social, reconhecimento, prosperidade.

Tabela 1 – Palavras-Chave

Podemos perceber que os princípios básicos citados na Lei 9.394/96 (o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho), de modo geral, encontram eco na representação dos professores de quem se espera que a ponham em prática.

Logo no início das entrevistas, ao serem perguntados sobre o que era sucesso escolar, alguns dos entrevistados falavam de um mal-estar em relação ao termo sucesso. Como se houvesse a representação de *algo negativo*. Como se o sucesso pudesse estar associado a algo ruim ou como se o ter fosse pecaminoso. Curiosamente, podemos lembrar, conforme citado no capítulo anterior, que na definição de dicionário, encontramos no nordeste, sucesso associado a acidente,

desastre. E também Mark Twain, que, não somente suspeita de todo homem que alcança sucesso como também o considera objeto de inveja.

Nas palavras de P.6.:

*Não sei trabalhar com essa categoria de sucesso. Às vezes, vejo sucesso até com um olhar preconceituoso. O que é fazer sucesso? É comprar briga, entrar na competitividade? Aceitar certas coisas, às vezes até desleais, para atingir determinados fins? Por meios ilícitos poder atingir coisas para as quais não tem essa competência toda. Esse indivíduo acaba fazendo um sucesso efêmero e fugaz como foi o próprio processo para chegar até lá.*

P.18 também expressa sua dificuldade em relação a esta questão:

*Eu tenho dificuldades com a questão do sucesso de modo geral. Me sinto um pouco fora dessa atmosfera que envolve o que se tem por sucesso nos dias de hoje. Uma pessoa que escolhe ser professor não pode achar que sucesso está vinculado a retorno financeiro. E esse é o pensamento mais comum atualmente. Às vezes, o nosso papel é fazer com que o aluno veja o outro lado. Principalmente, quando vem de uma camada sócio-econômica tão habituada a ver o dinheiro como uma forma de medir o quão bem sucedido você pode ser.*

Cabe assinalar, que essa fala de P.18 pode estar influenciada pelo fato de ele trabalhar com alunos de classe alta.

O lado negativo da representação de sucesso também é assinalado por P.5, quando marca a cobrança social de sempre termos que passar uma imagem de sucesso: *Tenho preocupação com o emprego da palavra sucesso; está muito associado à coisa do capital, do poder econômico, acho que sucesso mais ou menos na linha do Fernando Pessoa... meus amigos, nenhum tem problema, estão todos passando sempre a imagem de sucesso.*

E, ilustra sua posição, citando Fernando Pessoa:

*Nunca conheci quem tivesse levado porrada.  
Todos os meus amigos têm sido campeões em tudo.<sup>121</sup>*

---

<sup>12</sup> *Poema em Linha Reta* – Álvaro de Campos (Heterônimo de Fernando Pessoa) in "Poemas". Pode ser lido na íntegra no anexo 5.

Já P.6 traz uma conotação diferente, faz uma reflexão na qual apresenta o tema a partir dos dois pontos de vista: *É o aluno que tem felicidade interna, é harmonizado com ele mesmo, pessoa emocionalmente bem, tem uma boa auto-estima, ou é o aluno que vai produzir bastante para o patrão, para a sociedade?*

Aqui a representação social toma outros parâmetros e leva em conta uma construção interna do sujeito, bem como a sua produção dentro de seu entorno social.

É o que aponta P.17 quando defende o sucesso do aluno como algo amplo envolvendo um retorno para sociedade: *Acho que para ter sucesso é preciso ser criativo, tem que fazer o que gosta, estar feliz naquilo e, ao mesmo tempo, através disso, contribuir para a sociedade.*

Ou P.5 que associa sucesso à integração do indivíduo na sociedade: *Eu acho que o sucesso escolar é o aluno sair pronto pra a vida, e na medida do possível, sair da escola ajustado com a sociedade, para viver em sociedade.*

Pela perspectiva positiva da palavra sucesso, alguns professores poderiam ser considerados eles mesmos como o próprio exemplo de sucesso escolar, sendo que vários entrevistados relatam a sua crença de que, ao longo de suas histórias, o sucesso na vida viria pelo estudo.

Como P.2 que relata ter sido favelado e que hoje faz doutorado, tendo sido incentivado pela mãe que, embora semi-analfabeta, sabia da importância de estudar: *Vejo a minha vida. Negro, favelado.... não vejo outra possibilidade de alcançar respeito que não seja pela competência intelectual.*” E acrescenta: *“a possibilidade de transformação do indivíduo se dá pela intelectualidade, você vê um outro horizonte. Para ele, sucesso escolar é a competência intelectual que te permite alçar vôo. E a sua história de vida veio provar a sua teoria.*

P.5 também é um professor que se diz originário de uma infância pobre e que, hoje, goza de uma confortável posição em termos profissionais e financeiros. Em sua entrevista, demonstra valorizar a educação formal por considerar que *através do conteúdo, ele (o aluno) tem os instrumentos para se libertar como homem... ele vai aplicar isso na vida, decodificar isso, usar como suporte para argumentar, para contra-argumentar.* A própria trajetória de P.5 demonstra isso, pois, em sua família, o discurso era que a *“ascensão viria através da educação”*.

Educação como forma de ascensão social também está presente no discurso de P.7: *Venho de uma família pobre, seis irmãos, pai funcionário público. A minha família via o estudo como uma forma de ascensão social.*

Assim como no de P.10: *Tem que investir em estudo e em formação. Eu sou filho de mecânico e de uma dona de casa. Tudo o que tenho hoje é fruto de investimento em estudo. E esse estudo é que me deu esse retorno financeiro.*

O comentário de P.14, também, serve como exemplo: *vim de uma família muito pobre onde tudo era muito difícil. Desde criança, eu entendia que a escola era a única saída para mim. Sabia que era a única maneira de mudar a realidade em que eu vivia. A minha visão de sucesso era buscar o máximo que eu pudesse, a competência necessária para eu me inserir no mercado.*

Nessa perspectiva, Souza e Silva (2003) afirma perceber que em algumas famílias pesquisadas, o projeto de ascensão social, acesso à novas referências culturais, profissões mais qualificadas, passava pela conquista da educação. Também Lahire (1997, p.300), referindo-se a uma criança específica com sucesso escolar, diz que “... isso não basta para explicar o sucesso escolar de Christian. Além do mais, é preciso considerar uma vontade de ascensão social que está conscientemente voltada para a escola como meio de vencer na vida”.

Sucesso escolar é, igualmente visto como *aprovação e inserção no mercado de trabalho*, posição defendida por alguns professores que atuam, principalmente em escolas técnicas. Essas escolas, normalmente têm forte a idéia de que o mercado de trabalho é o objetivo maior. Articulado a esta posição, estão as colocações de vários professores nas quais sucesso escolar está ligado a adquirir competências para inserção no mercado de trabalho. Ou seja, esses professores vão mais fundo, explicitando a necessidade das competências adequadas para o mercado vigente. Aliás, esta visão está de acordo com o que a lei 9.394/96 visa que seja alcançado. Como atesta P.15: *Tem que ser uma aprovação com qualidade. Que ele não seja mais um formando mas um formando com suas competências para que ele possa estar se inserindo no mercado de trabalho e dar um retorno que foi o investimento na área educacional.*

Para P.4, sucesso é algo mais abrangente: *o aluno tem sucesso quando ele vai amadurecendo, aprendendo, assimilando aquilo tudo, e consegue tirar usufruto disso, ou tirando boas notas na escola ou, o que é mais importante, consegue aplicar aquilo na vida. Não estudar apenas para ter o diploma.*

Nesse caso, está em jogo a relação do aluno com o que aprende e, principalmente, que sentido dá ao que aprende, ou seja, tornando-se autor de sua própria aprendizagem.

P.14 se coloca também nessa direção: *Poderia avaliar o meu sucesso como profissional e o sucesso dos meus alunos na medida em que eles apreendem ou não o conteúdo que eu pretendo transmitir a eles. Como profissional, posso me considerar uma pessoa de extremo sucesso. Trabalho no que me dá prazer, adoro dar aula. A sala de aula para mim é terapêutico, é diversão. Em função disso, me considero um homem próspero. Eu optei por ganhar menos para trabalhar aqui pois tenho muito prazer de trabalhar aqui pelo que a instituição me proporciona, me dá tempo para estudar, pesquisar. Tenho um grupo de pesquisa aqui na instituição. Coordeno equipes, pessoalmente me considero uma pessoa de sucesso. Para ele, ter sucesso profissional é gostar do que faz e fazer com prazer, adicionando, assim, a autoria da aprendizagem, a motivação intrínseca do que faz.*

É a posição de P.18 que marca a participação do aluno no seu processo de construção do sucesso escolar: *O aluno bem sucedido é aquele que consegue refletir sobre o seu próprio processo de aprendizagem. Geralmente, os alunos não costumam pensar muito sobre o porquê de certas coisas, ou eles não refletem ou refletem de uma maneira que reduz muito as coisas. Não sabem o porquê de estudar certas coisas, embora a gente saiba que muitos conteúdos sejam distante da vida mesmo. Ainda assim, esse aluno precisa começar a compreender o valor do ensino em si. Às vezes, somente como processo de reflexão, como um modo de desenvolver funções cognitivas, a capacidade de raciocínio em uma determinada direção. Isso é muito importante. O aluno bem sucedido não se constrói só sobre os ombros dos professores ou sobre a instituição que o esteja amparando. O aluno bem sucedido é um aluno que age e reflete.*

Outros reforçam a relação do sucesso com a realização profissional.

Como diz P.16: *Alunos realizados, que conseguem aquilo que eles querem profissionalmente, socialmente.... crianças que você pega numa fase de pré-adolescência, adolescência, depois pré-adulto que é a fase em que eles saem daqui... e depois voltam e chegam pra gente e falam: estou fazendo isso, aquilo... eles estão se realizando ou não.*

Ver o seu próprio sucesso profissional pela trilha de como caminham seus alunos é uma outra forma do sucesso ser representado. É o caso de P.16: *Eu verifico o meu sucesso como professora nesse sentido: alcançaram o que queriam, fora ou aqui dentro, nas áreas em que eles querem... às vezes, a área não tem nada a ver com matemática... ou quando tem a ver com matemática.*

Para P.15, que é um professor em constante formação (hoje faz doutorado): *Acredito na progressão, na conquista de espaços que antes não eram dominados, que você acaba sendo inserido, com uma relevância profissional, acadêmica. Desejo de estudar cada vez mais, mestrado, agora no doutorado. Vejo que o sucesso escolar seria o aluno crescer nos vários níveis de ensino.*

Há alguns que acreditam que sucesso escolar é ser aprovado, mas, nesse caso, isso é questionado por P.8 quando critica o valor das notas como representantes do sucesso: *Eu acho que sucesso escolar é quando o aluno consegue render tendo em vista o objetivo que a gente estabeleceu para aquele conteúdo, para aquele momento. Não estou falando de nota. Entendo educação como processo. Eu percebo que o aluno do ensino fundamental, por exemplo, não sabe pensar a gramática. Ele decora e tira 8. Eu não entendo esse 8 como sucesso escolar.*

P.16 aborda a questão vendo, inclusive, a repetência como uma forma de sucesso: *Minha visão se modificou. No início, só pensava em passar no vestibular. Terminar a vida escolar cedo, não repetir. Hoje encaro diferente. Repetir de ano não é um fracasso escolar. Pode ser um grande sucesso para ela. Ter mais maturidade. Pode passar o ano inteiro sem viver aquele ano. Às vezes, uma repetição de ano é o suficiente para o aluno amadurecer, pensar melhor, e aprender, assimilar as coisas de forma mais certa. Eu acho que mudou muito.*

Houve os que tiveram dificuldade em representar sucesso escolar.

Para P.16, não é fácil avaliar sucesso escolar: *Acho muito difícil medir sucesso escolar. As políticas governamentais de prova e avaliação... Podem medir quantos foram alfabetizados, quantos concluíram a educação básica, mas sucesso é muito difícil de medir.*

No decorrer das entrevistas, vários professores começavam a responder se limitando apenas a sua própria matéria, no que eram acatados mas encorajados a ampliar as suas respostas. Reproduzo, a seguir, algumas falas que exemplificam esta postura.



P. 9 - *Sucesso escolar é eu como professor observar se os alunos renderam dentro da minha expectativa, se eu consegui transmitir para eles o necessário para que eles seguissem o caminho deles.*

Entrevistador – *E ampliando mais, não se prendendo apenas a sua matéria?*

P.9 - *É aquele que conquistou uma qualidade comportamental, de conteúdo, saber questionar, mas ser respeitoso, ter uma disciplina. Ter a cultura, mas estar associado ao comportamento. Isso também se aprende na escola.*

P.17 é um outro exemplo: *Sucesso escolar é avaliar em que medida esse aluno consegue desenvolver o que se espera dele. Em português, se ele conclui o ciclo que se estabeleça de ensino para ele, tendo boas habilidades em escrita, uma boa compreensão textual, se é um bom leitor que vai além de uma leitura superficial, se consegue fazer relações daquilo com o que ele já leu e já viu, com o conhecimento de mundo dele. Se ele é capaz de produzir um discurso considerando as diferentes situações e modalidades, se está em um ambiente mais formal ou menos formal....*

Mas, logo a seguir, amplia sua visão:

*De uma forma mais ampla, sucesso escolar, eu deixaria de olhar a percepção do aluno e olharia mais o papel da escola. Uma escola que consegue formar alunos bons sucedidos é uma escola que consegue dar a ele, conhecimentos das mais variadas formas, nas diversas disciplinas de modo a formar um aluno que tenha condições de continuar estudos em outro nível ou de estar habilitado a participar de processos seletivos para o mercado do trabalho.*

P.10 afirma não pensar sobre este assunto (sucesso escolar), mas diante do meu incentivo, reflete: *Eu não penso sobre isso. (devolve a pergunta para mim e eu insisto). Penso em aluno que atingiu um grau satisfatório de aprendizagem e necessariamente coroou esse trabalho de anos com uma aprovação no vestibular. Isso não pode me fugir a cabeça pois eu coordeno justamente o terceiro ano. Me parece que o louro desse aprendizado, ainda que eu discorde disso, o retorno concreto e mais imediato é a aprovação no vestibular. Os outros benefícios que você adquire com a formação escolar, você só percebe depois de anos, mais madura. Você percebe como aquela escola, de certa forma, influenciou na sua formação. O sucesso escolar não é sucesso acadêmico exclusivamente. Não adianta o sucesso acadêmico se a pessoa sai com desvios de conduta mesmo que*

*seja um aluno brilhante. A minha maneira de pensar sucesso escolar sempre foi calcada em muito esforço, sempre muito estudioso, muito dedicado.*

P.11 ressalta o papel da escola na construção do sucesso de um aluno: *O sucesso não é só provocado pela escola, assim como acho difícil ser construído sem ela. A escola é um dos fatores fundamentais, pois é nela que vai se construir muito do que você vai precisar depois para enfrentar sua trajetória que te levará ao sucesso.*

P.11 reflete sobre os dois lados da moeda chamada sucesso escolar: *Sucesso escolar tem que ser encarado de 2 lados: o que significa para a escola e para o aluno. Para a escola é onde tem que ser mais definido, mais claro por que para o aluno é mais difícil de enxergar enquanto ele está envolvido no processo. Eu mesmo só consegui perceber isso bem melhor quando já estava na faculdade. No que aquilo contribuiu de tal forma para que eu encontrasse o sucesso. Para a escola, sucesso escolar tem a ver obrigatoriamente com 2 coisas: uma é a formação acadêmica do cidadão e essa formação deve ser a mais completa possível. Não tendo o vestibular como foco mas como consequência. O que é muito difícil por causa dos pais, dos alunos. Discutir com eles que o objetivo é a formação acadêmica que, por acaso, trará como consequência a aprovação no vestibular. A formação é a mais completa possível quando a escola consegue diversificar o máximo possível suas estratégias de aprendizado. O aluno deve ter uma aula mais formal onde tenha uma discussão dialógica com o professor, mas que ele possa, também, se envolver na maior quantidade possível de atividades acadêmicas fazendo cursos dentro da própria escola (que vão aprofundar a formação dele) e ser agente do seu aprendizado. Ele será mais exigido, ser convidado a trabalhar, a pesquisar, a expor... Proporcionar novas vivências para o aluno, assim ele sairá mais completo. Não é um processo fácil pois deve ser uma proposta que o aluno entenda a validade disso, que o pai também aposte nisso.*

*Por outro lado, a formação deve ser acadêmica e muito voltada para a construção de valores. Que se consiga dentro das discussões acadêmicas, suscitar a formação de valores sem doutrinação. Abrir espaço para que os alunos se preocupem com as questões pertinentes à sociedade civil, com o que está acontecendo pelo menos no nível micro da sociedade. Que se forme cidadãos completos.*

P.18 traz as visões pelo lado do aluno e pelo da escola, articuladas ou não: *Sucesso escolar é em que medida esse aluno consegue desenvolver o que se espera dele. Em português, se ele conclui o ciclo que se estabeleça de ensino para ele, tendo boas habilidades em escrita, uma boa compreensão textual, se é um bom leitor que vai além de uma leitura superficial, se consegue fazer relações daquilo com o que ele já leu e já viu, com o conhecimento de mundo dele. Se ele é capaz de produzir um discurso considerando as diferentes situações e modalidades, se está em um ambiente mais formal ou menos formal...*

*De uma forma mais ampla, sucesso escolar, eu deixaria de olhar a percepção do aluno e olharia mais o papel da escola. Uma escola que consegue formar alunos bem sucedidos é uma escola que consegue dar a ele, conhecimentos das mais variadas formas, nas diversas disciplinas de modo a formar um aluno que tenha condições de continuar estudos em outro nível ou de estar habilitado a participar de processos seletivos para o mercado do trabalho.*

P.11 reflete como sua forma de ver sucesso escolar mudou desde o tempo em que era aluno para agora que é professor: *Dentro da escola tive uma formação muito voltada para o vestibular. Sucesso escolar estava ligado a passar no vestibular. Ao longo da minha formação docente e exercendo a profissão tive a convicção de que o sucesso escolar deve ser outra coisa. A formação deve ser a mais diversificada.*

P.3, também mudou sua visão ao longo de sua trajetória: *Na visão do aluno, o sucesso é nota, ter uma boa nota, ser o primeiro da turma. Quando nem sempre o primeiro vai ser o melhor. Normalmente, você vê, como professor, que o aluno mediano é o que desponta e, às vezes, o excelente não acontece. Você sabe que o sucesso escolar não é nota. Eu pensava como estudante, e até no início do magistério, que o mais importante era a nota. O fato de você ser bom em matemática e português não quer dizer que você vai ser bom na profissão que escolheu.*

P.11 realça que o sucesso escolar é processo construído ao longo de uma trajetória: *... existem muitos sucessos que já estão sendo consolidados antes que se chegue a uma vida adulta ou à conclusão de uma faculdade, ao trabalho. O sucesso tem uma trajetória que se faz ao longo de uma vida, não se deve buscar esse sucesso só lá na frente.*

P.13 vê sucesso escolar como conquistas sucessivas de nível: *Sucesso escolar para o Ensino Fundamental é quem consegue uma vaga para uma escola boa do ensino médio. E no ensino médio, é conseguir passar no vestibular. Mas no Brasil, estamos muito longe disso.*

Assim como P.3: *Penso no final, se no final, ele realmente conseguiu o sucesso dele, ou seja, conseguiu o mínimo para que ele possa prosseguir na vida acadêmica, naquilo que ele quiser fazer depois.*

P.1, apesar de valorizar a aprovação no vestibular e a conquista de um emprego, marca que o mais importante é o sucesso pessoal: *Tem alunos que saem bem empregados, felizes. Saem com o curso técnico e se empregam sem nem precisar fazer faculdade. Outro sucesso é aprovação na faculdade. Mas o sucesso maior é estar bem com a proposta de vida dele. Realizar as coisas dele. Seu bem-estar. Nossa missão é construir o cidadão pleno, bem integrado, feliz.*

P.4 associa as boas notas e a utilização prática dos conteúdos na vida: *É um aluno que assiste as aulas, não necessariamente tem que estudar muito, mas ele consegue de algum modo, aprender a matéria na hora da aula mesmo, os conceitos, as ligações entre aquelas informações, mostrar que ele aprendeu aquilo. O resultado dele, no que ele verbaliza em sala de aula e nas notas. Que ele consiga, não apenas naquele ano, mas ao longo do ensino médio, carregar o que ele aprendeu, sem jogar fora. Até por que algumas conteúdos, ele vai entendendo melhor na medida em que vai amadurecendo.*

*O aluno tem sucesso quando ele vai amadurecendo, aprendendo, assimilando aquilo tudo, e consegue tirar usufruto disso, ou tirando boas notas na escola ou, o que é mais importante, consegue aplicar aquilo na vida. Não estudar apenas para ter o diploma. Hoje vejo que sucesso é aprender e poder usufruir daquilo em outras situações depois, no seu futuro. Aproveitar esse conhecimento em outras situações da vida que não sejam fazer uma prova. Sucesso é ter alguma utilização prática do que você aprendeu na tua vida e também poder ajudar aos outros.*

Finalmente, um aspecto interessante que encontrei recorrente nas falas dos professores, embora eles próprios, em nenhum momento, tenham se dado conta, foi a relação com a hierarquia das necessidades proposta por Maslow (1943), ou seja, no conjunto das falas, encontrei representações relacionadas a todos os níveis propostos pelo autor, representados pelo esquema abaixo de sua autoria:

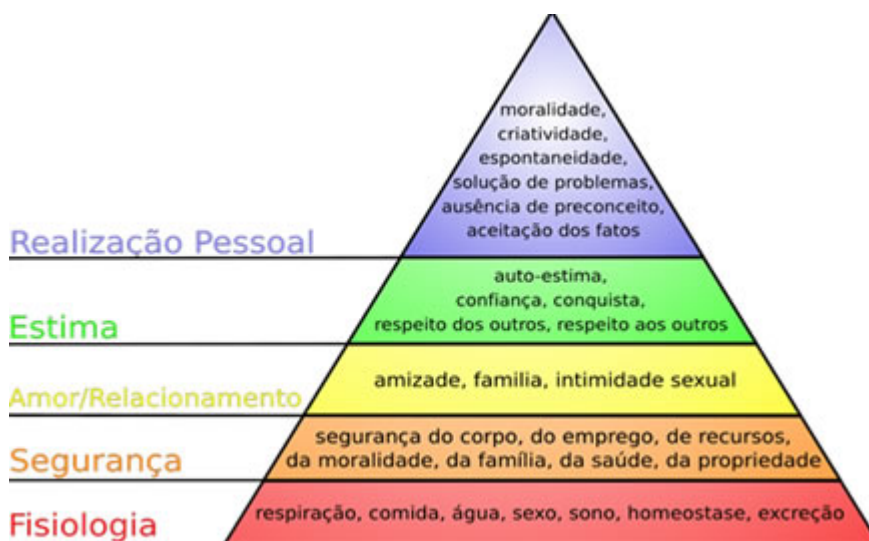


Fig. 1 – Pirâmide de Maslow<sup>13</sup>

Os entrevistados consideram as necessidades fisiológicas, quando mencionam a importância de dormir bem, se alimentar adequadamente. Ao realçar a necessidade da boa estrutura familiar, se remetem ao segundo patamar da pirâmide, que se refere à necessidade de segurança. No terceiro patamar, encontramos a necessidade de amor, representada por eles pelo comprometimento da família, da escola e dos próprios colegas. No quarto nível, é citada a competência do aluno, a necessidade de estar motivado positivamente e acreditar em si mesmo remetendo-se às necessidades ligadas à auto-estima. Por fim, no último nível, está a necessidade de auto-realização, na qual o cidadão bem ajustado forma sua família e está inserido satisfatoriamente no mercado de trabalho.

Segundo Chiavenato (1994, p.68),

Maslow formulou uma teoria da motivação com base no conceito de hierarquia de necessidades que influenciam o comportamento humano. Maslow concebeu essa teoria pelo fato de o homem ser uma criatura que expande suas necessidades no decorrer de sua vida.

<sup>13</sup> commons.wikimedia.org capturada em 20 de janeiro de 2009.

Na visão de Chiavenato, nem todas as pessoas chegam a alcançar o último nível da pirâmide pois este passa por uma conquista individual.

Para Mamede-Neves (2003, s/p),

...é importante salientar que os diferentes níveis de motivação propostos por Maslow não estão dispostos em escala de importância; apenas mostram como foram constituídos ao longo da vida do sujeito. Em verdade, o ser humano harmonicamente desenvolvido precisa ser atendido em todos esses níveis.

Com base na amostra de estudo e na sua distribuição das representações por todas as camadas da pirâmide de Maslow, sou tentada a pensar que para a maioria de nossos entrevistados, a representação comum de sucesso escolar deve ser a mais abrangente, ou seja, o sucesso escolar seria a preparação e obtenção de todos os níveis da pirâmide, tendo, portanto, o sujeito atendido às suas necessidades.

## 5 O Que Nos Dizem As Imagens

“Ora, no que concerne à alma pensante, as imagens tomam o lugar das percepções diretas; e, quando a alma afirma ou nega que essas imagens são boas ou más, ela igualmente as evita ou as persegue. Portanto, a alma nunca pensa sem uma imagem mental”. (Aristóteles (1936) in Manguel, 2006, p.21).

Ao apresentar as imagens aos entrevistados, pude notar que a mesma imagem oferecia diferentes interpretações para as diferentes pessoas, sendo que, algumas delas apresentavam interpretações opostas. Ou seja, a mesma figura, alguém via como muito positivo enquanto outro entrevistado via como negativo. As escolhas ficaram distribuídas como demonstra o quadro abaixo.

	Professores	
	gostam mais	gostam menos
<b>Figura 1</b>		3
<b>Figura 2</b>		
<b>Figura 3</b>	2	4
<b>Figura 4</b>	7	
<b>Figura 5</b>	1	1
<b>Figura 6</b>	3	
<b>Figura 7</b>	1	
<b>Figura 8</b>		7
<b>Figura 9</b>	4	
<b>Figura 10</b>		3

Tabela 2 – Distribuição da Escolha das Imagens

Podemos notar que uma das imagens não foi escolhida em nenhuma das duas opções (imagem 2), enquanto outras foram escolhida nas duas (imagens 3 e 5). Outro ponto interessante é o fato de que todas as imagens receberam

interpretações muito próximas ao que era esperado de acordo com a avaliação inicial do grupo de juízes.

Cabe-nos assim, discutir o que podemos aferir do que poderia estar por trás dessas escolhas. Qual a representação que ofereciam essas imagens?

## 5.1

### A escolha das Imagens

Acredito que a escolha dos professores, ao serem solicitados que escolhessem imagens e as classificassem como negativas ou positivas, foi, predominantemente feita por associação que, segundo Hall (1986, p.218) é “um fluxo espontâneo de pensamentos e imagens interligados em torno de uma idéia específica, estabelecido por conexões inconscientes”. Esta tarefa guarda semelhança com o que Freud (1895) postulou em sua obra “O Projeto”, parte 3, quando estudou os processos psíquicos normais e que vai ser a base para a associação livre que adota como técnica no trabalho terapêutico. Segundo Brenner (1975, p.24), “Freud, ouvindo as associações livres do paciente – que eram afinal livres do controle consciente – era capaz de formar uma imagem, por inferência, do que inconscientemente estava ocorrendo na mente do paciente”. Ao que Garcia-Roza (1998, p.171) complementa: “É na medida em que o paciente fica livre do controle consciente (dentro dos limites possíveis), não permitindo que a coerência lógica se imponha ao seu relato, que uma outra determinação se torna acessível: o inconsciente.” Portanto, falamos muito mais de escolhas inconscientes do que conscientes ao trabalharmos com as imagens.

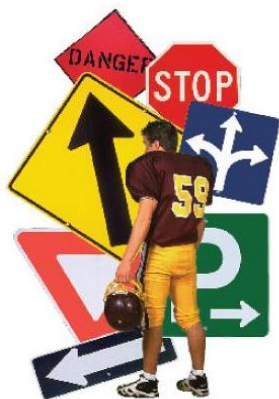
## 5.2

### Imagens e a representação de sucesso

As idéias que foram atribuídas às 10 imagens escolhidas, tanto pelo grupo de juízes como pelos entrevistados, mereceram uma reflexão sobre as escolhas havidas. A que se remetiam as imagens apresentadas? Este é o cerne do presente capítulo.



## Imagem 1



Para o grupo de juízes, assim foi vista: indecisão, dúvidas, alguém que precisa de um orientador.

Ela não foi escolhida por nenhum dos entrevistados como uma imagem positiva e foi escolhida por 3 pessoas como negativa. A ela foi atribuída a idéia de indecisão, indefinição, de não saber o que se quer da vida. Para P.1, demonstra *uma pessoa curvada, insegura, sem postura de vencedor. Provavelmente, é alguém que não construiu isso ao longo de sua vida*.

P.11 escolhe esta imagem como negativa embora, na verdade, a considere como algo que dificulta o sucesso, mas não o inviabiliza: *é difícil, vejo algo positivo em cada uma delas. Essa aqui, talvez como uma indefinição, é algo difícil de lidar. Não que a indefinição inviabilize o seu sucesso, mas quanto mais isso se prolongar, menos você fizer para diminuir essa divergência... pode demorar para você consolidar o sucesso.*

Diante de várias possibilidades de escolha, é comum ouvirmos alguém falar que está diante de uma encruzilhada. Para Chevalier (1994, p.369), “cada ser humano é, em si mesmo, uma encruzilhada onde se cruzam e se debatem os aspectos diversos de sua pessoa”. Dentro do mito<sup>14</sup> de Édipo, “a encruzilhada é o encontro com o destino” (1994, p.368), pois foi em uma que Édipo, mesmo tendo tentado fugir de seu destino, é obrigado a confrontá-lo e realizá-lo quando encontra seu verdadeiro pai (Laio) em uma encruzilhada e o mata. Chevalier (p.370) acrescenta:

<sup>14</sup> Mito é “uma representação coletiva, transmitida através de várias gerações e que relata uma explicação do mundo”. (Brandão, 2001,p.38)

A encruzilhada não é um terminal, mas apenas um ponto de repouso ou de parada, um convite para que se vá mais além. Pára-se numa encruzilhada (...) quando se constata a própria incapacidade de escolher por si mesmo: neste caso, a encruzilhada passa a ser o lugar da meditação e da espera, mas não da ação. No entanto, ela também é o lugar da esperança: o caminho seguido até aqui não estava obstruído; cada nova encruzilhada oferece uma nova possibilidade de escolher o caminho certo.

Para nossos entrevistados, a dúvida não tem uma representação positiva quando se refere a sucesso. Provavelmente, a dúvida ser representada como algo negativo remete às respostas dadas pelos entrevistados, ao serem perguntados sobre o que seria sucesso escolar. Parece, como sublinhou P.5, que todos têm que apresentar uma imagem de sucesso sempre. Não existe lugar para a incerteza, a indecisão ou o desânimo. Lembro que P.5 ratificou essa posição citando Pessoa, *todos os meus amigos têm sido campeões em tudo*, ou seja, a necessidade de passar uma imagem de sucesso é uma constante.

## Imagem 2



Para o grupo de juízes, foi associada a vencer barreiras e não ter medo, sair dos cânones, ter liberdade.

Esta imagem não foi escolhida por nenhum professor seja como positiva ou como negativa. O que pode estar por trás dessa não escolha? Talvez pelo que está por trás da representação social do surfista. Surfista, para muitos, está associado ao não trabalhador e/ou alguém que não gosta de estudar. Portanto, esta imagem, para professores, não é “politicamente correta” quando associada a sucesso.

Na mitologia, o mar está ligado ao deus Poseidon (ou Netuno).

Deus dos Mares, dos Oceanos, dos Rios, das Fontes, dos Lagos, o domínio das águas. (...) Poseidon, (...) seria o símbolo das águas primordiais, das águas de baixo, não de cima, onde a vida tem nascimento, mas de modo ainda indiferenciado, tempestuoso e monstruoso. (Chevalier, 1994, p.738).

Por sua vez, Netuno, “no simbolismo astrológico do planeta, marca sua influência, no plano social, sobretudo, no anarquismo”. (Chevalier, 1994, p.634).

Em Chevalier (1994, p.658) encontramos: “como nas chamas ou nas nuvens, o mergulho nas *ondas* indica uma ruptura com a vida habitual: mudança radical nas idéias, nas atitudes, no comportamento, na existência.”

Portanto, esta imagem pode nos remeter ao perigo que é romper com o habitual nos vários sentidos da existência. Teriam também os professores este desejo de ruptura e, por isso mesmo, o temem? Segundo P.7, *a grande transformação da escola até aqui foi a cor do quadro-negro*. A educação teme a rebeldia representada pelo surfista, a possibilidade de manobras/mudanças radicais, a coragem de mudar, tirar os pés da terra firme e já conhecida e ousar andar nas ondas? O que pode representar isso para a educação? Será melhor calar diante dessa imagem e deixá-la em uma espécie de limbo, como se não existisse?

### Imagem 3



Para o grupo de juízes, esta imagem foi associada a “sucesso relativo”.

Foi uma das duas únicas imagens que receberam votos como sendo positiva e como negativa.

Para 2 pessoas foi considerada uma imagem positiva, por retratar alguém com boa auto-estima, que tem de si uma boa imagem. Para P.1: *Se vê poderoso*

*com beleza, com força e com poder. Não é apenas um sucesso físico, é uma auto-imagem muito boa.*

Já P.14, faz uma escolha de caráter bastante pessoal que é o seu próprio signo no zodíaco, porém, baseado nesse viés, justifica a representação do gato e do leão para ele: *pois eu sou leonino. É o grande segredo. Gato é representação da mansidão, da sedução. Mas ele tem um personalidade que ele faz o que quer, do jeito que ele quer. Tem até um mito de que ele não se apega ao dono mas isso é mentira. É um gato mas a imagem refletida é a de nobreza do leão, poder do leão, força do leão. Você não precisa ter a imagem da nobreza, se você se vê como nobre.*

P.8 justifica por que não gosta da imagem e a associa a educação: *muitas vezes, temos uma imagem distorcida daquilo que estamos vendo. Ele se vê mais forte do que é. Isso é um complicador em educação. Às vezes, a gente se vê mais poderoso do que é. Sobre esta fala, podemos pensar: que imagem do que vemos pode estar distorcida? A do aluno, que esperamos que seja um modelo ideal incompatível com a realidade educacional que vivemos hoje? Ou a da própria educação que recebe, por parte da sociedade (principalmente de algumas famílias), a representação de ser redentora, transformando radicalmente vidas e dando conta do que outras instâncias não conseguiram fazer?*

Ao mesmo tempo, 4 entrevistados a viram como uma imagem negativa. Foi dito por P.5: *É desajustado e pode fazer de tudo para chegar ao poder. Ele se vê mais forte do que é. Um cara querendo ser o que não é. E enfatiza dando pequenos socos na mesa: Eu tenho um certo receio ou temor. Eu tenho crítica a este tipo de pessoa que se enxerga dessa forma tão distorcida e tão superior. Este tipo de pessoa é o desajustado que pode fazer de tudo para chegar ao poder. Porque é assim que ele se vê. Este é o que mais me apavora. Este aqui se vê muito diferente, muito superior. Embora os dois sejam felinos, ele está se vendo como o dono da cadeia. A cadeia, como é que se diz..., a cadeia alimentar. Esse tipo é perigoso. Ele pode ser incompetente, pode ser mediano e esse cara vai fazer de tudo para que todo mundo o veja como ele se vê, que é um leão.*

Para P.3: *se olhando no espelho e vendo outra pessoa que não é ele. Se olhar no espelho e ver uma pessoa que você não é.... Isso me choca um pouco.*

Que imagem é essa com capacidade de suscitar sentimentos tão opostos nas pessoas?

Segundo Chevalier (1994, p.461), “o simbolismo do gato é muito heterogêneo, pois oscila entre as tendências benéficas e as maléficas, o que se pode explicar pela atitude, a um só tempo, terna e dissimulada do animal”. Interessante como esta definição está próxima à fala de P.14!

E reforçando este aspecto dúbio da simbologia do gato, devemos lembrar que, entre nossos entrevistados, foi uma imagem que gerou simpatia em alguns e antipatia em outros.

Sobre os animais representados, além de serem felinos, Chevalier (1994, p. 462), apresenta simbolicamente um outro tipo de ligação entre o gato e o leão: “De acordo com a lenda, como os ratos incomodassem os passageiros da Arca, Noé passou a mão na testa do leão que espirrou, lançando fora um casal de gatos; esta é a razão pela qual esse animal se assemelha ao leão”.

De acordo com a representação apresentado pelos entrevistados que o viram de forma positiva, o leão tem como simbolismo ser “poderoso, soberano, símbolo solar e luminoso ao extremo, rei dos animais” (Chevalier, 1994, p. 538). Porém, assim como o gato, reforça os sentimentos opostos que foram suscitados em quem elegeu a imagem como positiva ou como negativa:

está imbuído das qualidades e defeitos inerentes à sua categoria. Se ele é a própria encarnação do Poder, da Sabedoria, da Justiça, por outro lado, o excesso de orgulho e confiança em si mesmo faz dele o símbolo do Pai, Mestre, Soberano que, ofuscado pelo próprio poder, cego pela própria luz, se torna um tirano, crendo-se protetor. Pode ser, portanto admirável, bem como insuportável: entre esses dois pólos oscilam suas numerosas acepções simbólicas. (Chevalier, 1994, p.538).

Embora o gato e o leão apareçam nas falas dos entrevistados como figuras principais, nesta imagem existe um outro elemento rico em significados: o espelho. Em Chevalier (1994, p. 396), podemos encontrar:

O espelho não tem como única função refletir uma imagem; tornando-se a alma um espelho perfeito, ela participa da imagem e, através dessa participação, passa por uma transformação. Existe, portanto, uma configuração entre o sujeito contemplado e o espelho que o contempla.

Ao se contemplar no espelho e admirar a imagem do leão, pode o gato adquirir uma nova configuração/representação?

Para Manguel (2006, p.182),

No tempo de Platão, os sofistas haviam igualado esses reflexos (no espelho) à irrealidade da sólida carne e osso. Para os sofistas, ambas eram ilusões. (...) Porém, mesmo que a realidade de uma face viva tivesse de ser admitida, que dizer da realidade da sua representação? Que grau de realidade tinha uma máscara, o desenho de uma face ou um reflexo no espelho?

Fica então, a questão: o quanto existe de leão no gato que vê sua imagem refletida no espelho?

Mas dezenas de imagens falsas de nós mesmos nos rodeiam e por essa razão o emblema do Conhecimento (um espelho nas representações alegóricas do fim da Idade Média e da Renascença) é também o símbolo da vaidade. A face que vemos no espelho pode ser a de nosso eu, aquele que deve ser apresentado a Deus, pois toda face humana é auto-retrato de Deus: é também um retrato do eu desejoso, o duplo, o proibido, o eu desejado ou imaginado à procura de conhecer a própria identidade. (Manguel,2006, p.186).

Não estará esse gato descobrindo um outro lado seu que faz (ou poderá vir a fazer) parte de sua identidade? Não poderá mirar-se em um espelho, ser uma busca de um conhecimento maior de si mesmo?

E invocando o mito de Narciso, Manguel continua:

Para conhecer objetivamente quem somos, devemos nos ver fora de nós mesmos, em algo que contém a nossa imagem, mas não é parte de nós, descobrindo o interno no externo, como fez Narciso quando se apaixonou pela sua imagem no lago.

Também nos contos de fadas, vemos o espelho como um oráculo que o personagem usa buscando se conhecer. No conto “Branca de Neve”, a rainha má usa o espelho para ter certeza da existência do que ela considera uma característica de valor em si.

“A rainha possuía um espelho mágico, para o qual perguntava todos os dias:

— Espelho, espelho meu! Há no mundo alguém mais bela do que eu?

— És a mais bela de todas as mulheres, minha rainha! respondia ele.

Um dia, como de costume, a rainha perguntou ao espelho:

— Espelho, espelho meu! Há no mundo alguém mais bela do que eu?

— Sim, minha rainha! Branca de Neve é agora a mais bela!

A rainha ficou furiosa, pois queria ser a mais bela para sempre.”<sup>15</sup>

(Ficará, também, o gato furioso quando o espelho lhe disser quem realmente ele é?)

Em consonância com Manguel, Bettelheim (1980, p.242) também remete este tema ao mito de Narciso: “Quando a rainha consulta o espelho quanto a seu valor - a beleza -, repete o tema antigo de Narciso que só amava a si mesmo, de tal forma que foi tragado pelo auto-amor”.

Chevalier (1994, p. 630) faz uma reflexão sobre o mito de Narciso:

A água serve de espelho, mas um espelho aberto sobre as profundezas do eu: o reflexo do eu, que aí se mira, trai uma tendência à idealização”. E, o mesmo autor acrescenta: “O mundo é um imenso Narciso empenhado em se pensar. Onde se pensaria ele melhor senão nas suas imagens?”

Chevalier reforça o simbolismo do espelho como um auxiliar na busca da verdadeira imagem/identidade. O que nos mostra o espelho? A realidade ou aquilo que queremos ver? Qual será a imagem que mais se aproxima do que somos? Se diante do espelho, podemos nos propor um auto-conhecimento, não devemos refletir sobre a imagem que se apresenta ou que queremos representar?

Tem fundamento o temor de P.5 ao ver alguém querendo ser o que não é? Ou, como pensam P.1 e P.14, esta pessoa, na verdade, tem de si um conceito tão bom a ponto de se sentir nobre?

---

<sup>15</sup> Branca de Neve e os sete anões. Adaptação livre do Conto dos Irmãos Grimm.

## Imagem 4



Para o grupo de juízes, esta imagem foi representada como sucesso com a família, continuidade, esperança.

Ela não foi escolhida por ninguém como imagem negativa. Foi a imagem mais votada como positiva, por remeter à família, à continuidade de um processo. Mostra um homem (que todos entenderam que seria um pai) segurando uma criança (entendida como filho) no alto como se a estivesse apresentando (aos deuses?). É um momento que, pela luminosidade, sugere o amanhecer. As silhuetas estão destacadas por uma luz que sugere o sol nascendo (ou seria o sol se pondo?).

Para P.7, representa *família, a continuidade do processo. A imagem me transmite tranqüilidade. Espero que seja uma família estruturada que o pai não esteja só passando o final de semana com o filho. Para mim, uma das dimensões mais forte da existência humana é a família. Estou falando de um sucesso pessoal. É a possibilidade de continuidade. Eu digo que cada geração tem que dar um passo à frente da geração anterior.*

A imagem lembra a cena do filme “Rei Leão”<sup>16</sup> onde o sábio Rafiki, acompanhado dos pais do bebê (o rei Mufasa e a rainha Sarabi), levanta o filhote de leão Simba e o apresenta aos seus súditos.

<sup>16</sup> Filme “Rei Leão” de Walt Disney Pictures, 1994.





Fig 2 – Apresentação de Simba <sup>17</sup>

Um dos eixos deste filme é a continuidade. Simba, após a morte de seu pai, precisa assumir o comando das “Terras do Reino”. Embora, por acreditar ter causado a morte de seu pai, Simba fuja, o futuro o aguarda e o chama para assumir seu lugar de direito com a responsabilidade que lhe cabe. A música tema “Ciclo sem fim” expressa essa continuidade citada pelos entrevistados:

É um ciclo sem fim  
 Que nos guiará  
 A dor e a emoção  
 Pela fé e o amor  
 Até encontrar o nosso caminho  
 Neste ciclo, neste ciclo sem fim.<sup>18</sup>

Um ciclo sem fim como uma espiral poderíamos dizer. Para Chevalier (1994, p.398), “a *espiral* tem relação com o simbolismo cósmico da Lua (...): representa os ritmos repetidos da vida, o caráter cíclico da evolução, a permanência do ser sob a fugacidade do movimento”.

P.9 associa essa imagem ao que ele representa como educar: *representa a formação de um cidadão, um ato de amor, de carinho. O encontro de duas gerações. Um bom método de educação é bom senso e carinho.*

P.6, *é linda. Um pai brincando com o filho. Mostrando o mundo para o filho.*

<sup>17</sup> imagem capturada no site [www.sobrenatural.org](http://www.sobrenatural.org), em 23 de dezembro de 2008.

<sup>18</sup> Música “Ciclo sem fim” – Anexo 4.

P.10 a considera fundamental, pois percebe como sendo a representação de um sucesso primeiro que pode dar origem aos outros: *Me remete ao sucesso familiar que para mim é mola mestra. Dele eu saio para os outros.* Para vários professores, ao serem perguntados sobre os fatores que influenciavam o sucesso de uma pessoa, a família tinha um lugar de destaque como é reforçado nesta fala de P.10.

P.4 sintetiza a receita de sucesso: *Sucesso é quando você consegue ser feliz na sua vida e consegue estender isso para a vida dos outros. Tenho duas coisas fortes na minha vida: minha profissão e minha família. Sucesso é ter uma carreira e conseguir ter uma família e que você possa ser feliz junto com aquelas pessoas.*

Quanto ao período do dia, na imagem fica a dúvida se seria um amanhecer ou um entardecer. Em Chevalier (1994, p.588), “manhã é ao mesmo tempo símbolo de pureza e de promessa: é a vida paradisíaca. É ainda a hora da confiança em si, nos outros e na existência”. Linda representação da confiança que o filho deposita em seu pai!

Já o entardecer, ou *Crepúsculo*, é um

símbolo estreitamente ligado à idéia do Ocidente, a direção onde o sol declina, se extingue e morre. Exprime o fim de um ciclo e, em consequência, a preparação de outro. O crepúsculo é uma imagem espaço-temporal: o instante suspenso. O espaço e o tempo vão capotar ao mesmo tempo no outro mundo e na outra noite. Mas essa morte de um é anunciadora do outro: um novo espaço e um novo tempo sucederão aos antigos. (Chevalier, 1994, p. 300).

Como no filme citado anteriormente, é um “ciclo sem fim”.

## Imagem 5



Para o corpo de juízes, ela representa formatura, realização pessoal.

Para os professores, foi a outra imagem que recebeu voto positivo e voto negativo. Porém, apenas um voto em cada categoria.

Para P.2, esta imagem simboliza *o chegar. Gosto de competir mas gosto mais de ganhar. É o início do sucesso na vida de um pessoa.* Como início do sucesso? Será que P.2 considera que o estudo foi apenas uma preparação para a formatura/sucesso? E o sucesso ao longo do período escolar?

Ao buscarmos um mito que possa ser associado a essa imagem, talvez seja o de Prometeu que melhor se adequa, pois se “situa na história de um criação evolutiva: marca o advento da consciência, o aparecimento do homem.” (Chevalier, 1994, p.745). Prometeu rouba de Zeus, o fogo para dá-lo ao homem, fogo considerado como o fogo do conhecimento, que era exclusivo dos deuses. Para castigá-lo, Zeus o condena a ficar acorrentado ao cume de um monte, onde todos os dias uma águia ia comer-lhe o fígado que se regenerava durante a noite transformando seu suplício em algo sem fim. Mas Heracles mata a águia e liberta Prometeu.

Para Gaston Bachelard, o mito de Prometeu ilustra a vontade humana de intelectualidade; mas de uma via intelectual, à semelhança da dos deuses, que não esteja sob a dependência absoluta do princípio de utilidade. (...) Ora, é manipulando o objeto, é aperfeiçoando nosso conhecimento objetivo, que podemos esperar nos colocar mais claramente no nível intelectual que admiramos em nossos pais e mestres. (...) Se a intelectualidade pura é excepcional, ela é sobretudo característica de uma evolução especificamente humana. (Chevalier, 1994, p.746).

Em contrapartida, P.10 não gosta dessa imagem e justifica: *Essa comemoração de formatura me dá uma sensação de apenas diversão. Eu não consigo ver o sucesso, seja em que instância for, dissociado de sacrifício. Esse é um problema grave hoje em dia. O que demanda um esforço de nossa parte, a gente passa por um processo de sofrimento, mas a felicidade no final é mais intensa e duradoura por conta desse processo difícil. O sofrimento até chegar lá transforma aquele objetivo em um prazer duradouro. Quando as coisas são conquistadas de maneira muito rápida, sem o sofrimento que eu acho que é inerente a uma conquista, o prêmio perde o valor.* P.10 salienta a necessidade de sacrifício para chegar ao sucesso em oposição a opinião de vários que falaram exatamente que o sucesso não pode ser associado ao sacrifício. Pensará P.10 que, como Prometeu, que pagou um preço alto para que o homem tivesse o fogo do conhecimento, todos precisam pagar para usufruir do sucesso alcançado?

## Imagem 6



Para o grupo de juízes esta imagem teve a seguinte representação: liberar-se dos estereótipos, vencer, busca de novos caminhos.

Entre os entrevistados, ninguém a escolheu como negativa e 3 pessoas a consideraram uma imagem positiva.

P.3 afirma se identificar com o rapaz retratado na imagem: *tem a ver comigo. O rapaz se desprende de tudo que estava amarrando ele. Ele fazia algo que dava status mas não felicidade. Largou terno, maleta..... foi embora.*

Nos dias de hoje, alguém que tenha a coragem de largar o que dá status e viver esse tipo de liberdade pode ser considerado por muitos como um louco. E Louco é uma das cartas do Tarô. Cada uma das vinte e duas cartas do Tarô recebe um número, exceto a do Louco, que pode ser considerada a carta de número zero ou número vinte e dois. Segundo Nichols,

O Louco é um andarilho, enérgico, ubíquo e imortal. Como não tem número fixo, está livre para viajar à vontade, perturbando, não raro, a ordem estabelecida com as suas travessuras. (...) O Louco “liga dois mundos – o mundo contemporâneo de todos os dias, onde quase todos nós vivemos a maior parte do tempo, e a terra não-verbal da imaginação, (...) que visitamos de vez em quando. (1997, p.39).

Talvez os profissionais ligados à educação precisem visitar mais esse mundo da imaginação para melhor cumprirem seu papel!

Para P.12, *traz uns clichês: Natureza X meio urbano, trabalho X lazer. É a que dá mais claramente o conceito de liberdade, libertação. É uma das grandes funções da educação.*

Segundo Chevalier (1994, p.560),

De todas as cartas do Tarô , “eis a mais misteriosa, a mais fascinante, portanto, e a mais inquietante. (...) O Louco não tem número. Ele se coloca, portanto, de fora do jogo, isto é, fora da cidade dos homens, fora dos muros. (...) E acima de tudo, ele caminha, isto é o importante, ele não vaga errante, ele avança. (...) Ele caminha na frente, com uma evidência solar, sobre as terras virgens do conhecimento, para além da cidade dos homens.

O tema libertação também é expresso na fala de P.5, *porque ele me passa leveza, essa coisa de deixar todos esses símbolos do poder que ele conquistou e sentir a coisa da terra, sei lá, da humildade, de ter sempre o pé no chão.*

Na Bíblia, no Evangelho de São Marcos, cap.10, 17-22, podemos encontrar a passagem que conta a história do jovem rico. Nela, Jesus, ao ser perguntado sobre o que é preciso fazer para alcançar a vida eterna, explica que, além de seguir os mandamentos, é preciso desprender-se dos bens materiais para possuir o verdadeiro tesouro.

Será este tesouro a liberdade a que P.5 se refere quando diz: *A capacidade de se libertar e se encontrar com o que ele tem do melhor dele mesmo. Está na cara que ele conseguiu o que ele queria. Ele é um cara ajustado, para mim.*

É interessante ressaltar que esse mesmo professor que considerou este homem, uma pessoa ajustada, disse que o gato era a imagem de alguém perigoso. P.5 acrescenta: *Este cara conseguiu tudo o que queria, mas ele tem a capacidade de se despir disso tudo e voltar para a sua essência, sentir a temperatura, sentir a energia, e se libertar. É um cara que tem sucesso positivo. Ele me passa uma pessoa feliz.*

Possivelmente, é o reflexo da atuação do Louco na vida desse homem retratado na figura e que seria desejável que também atuasse na vida do professor.

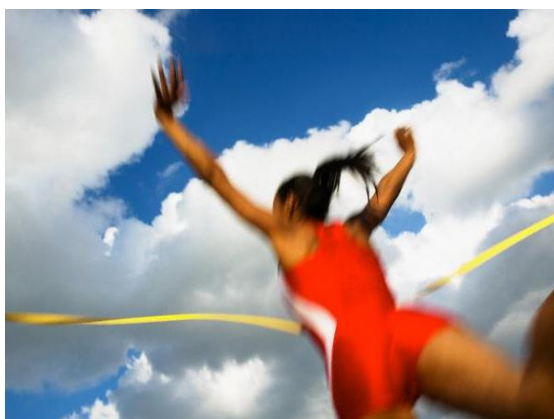
Nichols (1997, p.40), explica:

O nosso louco interior nos empurra para a vida, onde a mente reflexiva pode ser supercautelosa. O que se afigura um precipício visto de longe pode revelar-se um simples bueirozinho quando enfocado com a volúpia do Louco. Sua energia varre tudo o que estiver à frente, levando outras criaturas de roldão como folhas impelidas por um vento forte. Sem a energia do Louco todos seríamos meras cartas de jogar.

Brincando com a nossa imaginação, podemos pensar que o rapaz retratado na imagem, enquanto faz seu caminho, esteja cantando:

Sim, sou muito louco, não vou me curar  
 Já não sou o único que encontrou a paz  
 Mas louco é quem me diz  
 que não é feliz, eu sou feliz. <sup>19</sup>

### Imagem 7



Para o grupo de juízes, esta imagem está ligada a esforço, a vencer. Não recebeu nenhum voto como imagem negativa e apenas uma pessoa a escolheu como imagem positiva.

A imagem de uma atleta prestes a romper a fita de chegada de uma corrida para P. 16 exprime a idéia de sucesso conquistado: *tenho muito a idéia de sucesso com esforço. Eu acho muito legal as Olimpíadas. O país começa a pensar no esforço, no profissional que levou anos para chegar lá, ganhar uma medalha representando um país inteiro. O atleta chega lá e fica emocionado não pelo que ele ganhou mas por que representa um país. Então para mim, sucesso está muito ligado a um esforço pessoal.*

Esta fala está em acordo com Chevalier quanto ao simbolismo da fita: “A fita recompensa um ato de coragem ou uma vida que se distingue, marca um sucesso, um triunfo, uma realização. Seu símbolo é orientado no sentido da manifestação de uma vitória”. (1994, p.433).

<sup>19</sup> Música: Balada do Louco (Os Mutantes, de Arnaldo Antunes e Rita Lee, 1972). Anexo 3.

## Imagem 8



Para o corpo de juízes esta imagem teve a representação de: precisar desenvolver muitas faces para atingir o sucesso; o que se faz para alcançar o sucesso; se transfigura para alcançar o sucesso; corpo todo vivo, exposto, assustador; lado negativo do sucesso.

Esta foi a imagem que mais incomodou aos entrevistados, chegando a causar mal-estar em alguns. Não foi escolhida por ninguém como positiva, sendo, inclusive, comparada com o oposto de sucesso.

Assim fala P.4: *Aqui parece uma confusão. Milhões de cabeças, de rostos e as pessoas sofrendo. Tudo misturado num corpo só. Parece que é cheio de perguntas, cheio de dúvidas sem soluções. Sofrimento. Sucesso não tem que trazer sofrimento mas alegria.*

Outro entrevistado, P.14, é bastante enfático: *tenho pavor dessa. É dor, é sofrimento. Qual é a identidade dessa criatura? Não tem. Ela tem tanta cara que não é nada. É só dor.*

Esta imagem também foi associada à agonia. P.12 a descreve: *muito angustiada, meio violenta. Corpo formado de rostos meio contraídos. Relação frente ao mundo de muita agonia. É o contrário do que seria sucesso, quanto menos angustiado for, melhor.*

É interessante notar que nenhum dos entrevistados a elegeu como imagem positiva e foi a mais votada como negativa. Alguns chegaram a comentar sobre a sensação ruim que ela lhes causava.

Como exemplifica P.15: *é uma imagem que explicitamente coloca figuras que não são agradáveis, uma forma meio demoníaca, assustadora, .... é lógico que todos temos o lado bom e o ruim de nossa formação. Mas acho que deve prevalecer o bom, o lado positivo. Eu acho que é uma figura mais negativa. Por mais que possa fazer dar uma idéia de fortaleza, de ser forte.... mas essas imagens.... posso estar contaminado com um lado religioso. Vejo uma situação .... pode ser que tenha até uma arte aqui por trás que eu não esteja captando, mas me parece assustador. Me parece uma imagem negativa.*

Assim como Guernica de Picasso, a imagem é feita variando em uma única cor, neste caso, o marrom. Em Julien (1993, p. 119), encontramos sobre o significado desta cor: “O marrom, cor da terra, do barro e da folhagem de outono encerra idéias de degradação, da morte (...) cor da materialidade, o marrom corresponde à etapa agressiva latente ou potencializada, à obstinação, avareza e egoísmo”.

Quanto à escolha de Picasso de trabalhar sem utilizar as diferentes cores, Fayga esclarece:

Na elaboração do conteúdo trágico da obra (...) podemos observar Picasso chegando a uma decisão crucial, da mais alta relevância expressiva (e pouco importa se ele a tomou conscientemente ou não, com ou sem palavras; o que vale é que de fato ele tomou esta decisão): ele renuncia às cores. A renúncia tem as seguintes conotações: significa restringir o sentimento de prazer que nos vem ao percebermos a sensualidade que emana das cores. Tanto nos fenômenos da natureza quanto nas obras de arte, há sempre este prazer intenso, inteiramente espontâneo e natural, diante da cromaticidade da cor. (1998, p.61).

Manguel (2006, p.210), também reflete sobre esta decisão de Picasso: “Ele decidiu não usar cor: os animais aterrorizados, as mulheres aos gritos, pairam sobre o espectador em preto-azulado e branco-sujo.”





Fig. 3 - Guernica<sup>20</sup>

Assim como Guernica, a imagem 8 não causa prazer ao ser observada. Para alguns entrevistados, a imagem parece deformada. Fayga (1998, p.3) nos diz:

É preciso entender que a arte não é uma mera técnica de reprodução das aparências de figuras humanas, paisagens ou objetos (como se fosse uma espécie de precursora da fotografia de documentação). A arte é uma linguagem própria, cujos termos específicos – cores, linhas, formas – são expressivos em si, e cujos contrastes e ênfases-formais também se tornam expressivos. As ‘distorções’, por exemplo, correspondem a ênfases formais, ênfases seletivas acentuando certos aspectos no conteúdo expressivo de uma mensagem.

Talvez, tenha sido essa a intenção do autor ao fazê-la distorcida, variando em uma única cor.

P.17 consegue perceber que há criatividade na imagem embora a perceba de forma angustiada: *apesar de ser criativo, me passa alguma coisa angustiante. E sucesso não pode ser angustiante para ninguém. E se você está em primeiro ou na fama e está angustiado com aquilo, aquilo não vai durar nada. Me passa uma angústia...*

Em outra obra, Ostrower (1991, p.311) complementa:

Em essência, podemos dizer que a deformação constitui um processo de acentuação formal. O sentido pejorativo que envolve o termo ‘deformação’ ou ‘distorção’ apenas revela que, aqui como em tudo, entram em jogo valorações inconscientes. (...) sem querer entrar aqui no mérito da feiúra ou da beleza (...), apenas deve ficar claro que na idealização e no embelezamento também há uma ‘deformação’. Mas, no caso, é mais fácil aceitá-lo.

<sup>20</sup> [www.rainhadapaz.g12.br/projetos/artes/picasso/guernica.htm](http://www.rainhadapaz.g12.br/projetos/artes/picasso/guernica.htm), capturada em 15 de janeiro de 2009.

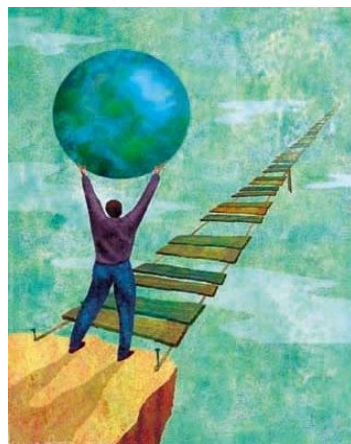
Pois mais uma vez, lembramos P.5 que diz que temos que passar a imagem de sucesso sempre. E nesse caso, não importa quão (de)formada ela possa ser ou, ter por debaixo da aparência, a essência do preço do sacrifício. A que P.7 argumenta muito bem, quando associa a imagem ao que a escola pode ser para alguns alunos que por ela passam: inferno e sacrifício. Em suas palavras:

*Pela expressão de dor que ela me transmite, me dá uma sensação... uma idéia equivocada posta pela sociedade de que vencer é um sacrifício. O sucesso não pode ser pagando sacrifícios. Como na escola, você tem que passar por um inferno que é a escola para um dia ser alguém na vida. É como é a vida escolar para muitos alunos. Isso não pode estar ligado a sucesso. Sucesso é uma consequência de ações. Não é preciso passar pelo inferno para conseguir chegar ao céu.*

Quando o professor fala do inferno que o aluno pode passar na escola para ser alguém na vida, estará ele também se remetendo a um possível inferno que o professor também vem passando para dar suas aulas? Sendo desrespeitado, tendo seu valor como profissional sendo questionado inclusive pelos alunos e suas famílias? Terá sido este o desconforto maior que a imagem causou nos professores?

Parece que não há lugar para a dúvida, para o receio ou para o erro. Como expressa P.4: *parece que é tudo contrário a ter sucesso. Sucesso é ter felicidade. Aqui parece uma confusão. Milhões de cabeças, de rostos, e as pessoas sofrendo. Tudo misturado num corpo só. Parece que é cheio de perguntas, cheio de dúvidas sem soluções, parece assim: sofrimento. Sucesso não tem que trazer sofrimento mas alegria.*

## Imagem 9



Para o grupo de juizes, esta imagem foi associada a ser dono do mundo, superação de obstáculos, conquista, otimismo. E lançaram uma pergunta: *Estará ele começando ou chegando ao final e comemorando?*

Esta imagem não foi escolhida por ninguém como negativa e recebeu 4 votos como imagem positiva.

Entre as pessoas que a escolheram, nenhuma compartilhou a dúvida sobre estar começando ou chegando ao final lançada pelo grupo de juizes.

P.15 faz uma associação dessa imagem com a educação: *Dá a imagem de ter um caminho a percorrer, uma trajetória, .... tem um abismo que você poderia estar mergulhando nesse abismo.... mas diante da sua perseverança, sua meta, você poderia abraçar o mundo. Acho que a educação te dá essa condição. De você ser um vitorioso, passando por alguns obstáculos, .... tem umas lacunas que você poderia tombar,.... mas tendo esse pensamento positivo, com metas, perseverança, tendo otimismo, você poderia abraçar o mundo como você gostaria, ter um mundo melhor.*

Nesta imagem, temos o simbolismo da *ponte*, que sugere um caminho que nos permite atravessar para um outro lado. E nesta ponte em questão faltam algumas tábuas que foram associadas a obstáculos e desafios a serem transpostos. E a realização dessa passagem (assim como a jornada realizada pelo herói) trará benefícios que deverão ser estendidos a toda a sociedade. Para onde pode levar a ponte chamada educação?

P.8 diz se identificar com esta imagem: *o indivíduo está com o mundo nas mãos mas não parou, permanece na busca. Eu me identifico com ela.*

As duas falas apresentadas referentes a essa imagem podem nos remeter ao mito do herói que, como diz Müller (1997, p.8), está sempre presente na história dos homens:

O drama da pessoa heróica, que tem coragem para vencer todas as adversidades e medos, apesar dos perigos, para penetrar em esferas até então desconhecidas e ganhar novos conhecimentos, fascinou os homens de todas as culturas e de todas as épocas como nenhum outro tema. (...) o ser humano que se arrisca no novo, no desconhecido e no extraordinário. (...) ele representa as grandes esperanças e os profundos anseios da humanidade.

Segundo Brandão (2001, p.23)

o herói inicia suas aventuras, a partir de proezas comuns num mundo de todos os dias, até chegar a uma região de prodígios sobrenaturais, onde se defronta com forças fabulosas e acaba por conseguir um triunfo decisivo. Ao regressar de suas misteriosas façanhas, ao completar sua aventura, circular, o herói acumulou energias suficientes para ajudar e outorgar dádivas inesquecíveis a seus irmãos.

Assim como o herói que, com a vitória de sua jornada, favorece aos seus irmãos, P. 17 ressalta a importância de se contribuir (favorecer) com a sociedade em que está inserido: *o cara com o mundo nas mãos. Ele tem muitas oportunidades nesse mundo de ser quem ele quer ser, de seguir as suas tendências. Tem que ser feliz fazendo o que ele gosta e precisa contribuir para esse mundo que ele está segurando, com a sociedade. Se ele gostar do que faz, ele tem muito mais chances de contribuir para a sociedade fazendo bem o que está fazendo do que se ele visar só o dinheiro ou querer ser o primeiro, o melhor, ou ter uma imagem que não é verdadeira....* Percebe-se que P.17 faz um contraponto com a imagem 10 que mostra apenas dinheiro e com a imagem 3 que mostra uma imagem de si-mesmo que instiga a dúvida sobre ser não-verdadeira.

P.18 também associa com educação, mas faz uma reflexão baseada na escola onde trabalha (de classe média alta): *quando a gente faz uma escolha é um pouco por eliminação. Então, algumas coisas nas outras imagens me fizeram desistir delas. Eu gosto desse caminho a ser trilhado, gosto dessa sensação de que você tem um mundo a seu dispor. Percebo que na trilha faltam algumas tábuas, portanto, há dificuldades. Você não pode ter a sensação de que você está absolutamente no topo do que quer que seja por que te leva a um comportamento autoritário ou arrogante em relação aos outros... Eu tenho dificuldades com a questão do sucesso de modo geral. Me sinto um pouco fora dessa atmosfera que envolve o que se tem por sucesso nos dias de hoje. Uma pessoa que escolhe ser professor não pode achar que sucesso está vinculado a retorno financeiro. E esse é o pensamento mais comum atualmente. Às vezes, o nosso papel é fazer com que o aluno veja o outro lado. Principalmente, quando vem de uma camada sócio-econômica tão habituada a ver o dinheiro como uma forma de medir o quão bem sucedido você pode ser. Gosto da figura, das cores, da sensação de que ainda há o que se fazer.*

Ele não percebe sucesso como vencer sempre, mas percebe a existência de obstáculos e a necessidade de transpô-los. Sua idéia aproxima-se de uma frase de Booker T. Washington citada por Oliveira (1991, p.283): “O sucesso não deve ser

medido pelas culminâncias que uma pessoa atinge, mas pelos obstáculos que teve de transpor para alcançá-las.”

### Imagem 10



Para o grupo de juízes, a imagem foi associada a sucesso material, financeiro.

Ela não foi escolhida por ninguém como positiva e foi escolhida por 3 professores como negativa.

P.6 expressa sua opinião sobre esta imagem: *sucesso é alguém estar bem consigo mesmo... consegue ter o essencial para viver, praticar a virtude, se sente bem, tem sua criatividade liberada, afetividade bem resolvida. Estar cheio do dinheiro e ter tudo isso é maravilhoso. Mas se significa que você tem que passar como um trator por cima das pessoas para acumular o que não é seu.. Isso é terrível para mim. É endossar o capitalismo de maneira perversa.*

Mas é preciso passar como um trator para acumular dinheiro? E se ele trabalhou, por que o dinheiro não pertence a ele legitimamente? Isso não é levantado por nenhum professor.

P.16 justifica sua escolha: *não sei se eu vejo sucesso como estar cheio de dinheiro. É a imagem de uma pessoa que ganhou muito dinheiro, está sozinha mas muito rica. É um sucesso financeiro, realmente é um sucesso, mas eu não sei se para mim sucesso é sucesso financeiro. Este pensamento parece de acordo com a frase de Eleanor L. Doan citada por Oliveira: “O sucesso avaliado apenas em termos de dinheiro é muito barato.” (1991, p. 282).*

Para P.13, essa imagem sugere que só o material importa: *a questão financeira, você não pode pensar só nisso. É um pensamento unificado, quando deveria ser a consequência de um trabalho.*

Mas, em outros momentos de suas falas, todos associam sucesso com ter realização profissional e pessoal. Para isso não precisa ter dinheiro? Vários, ao longo da entrevista, reclamaram do baixo salário do professor, das políticas que desvalorizam esse profissional. Um bom salário também não é símbolo de realização profissional, de prestígio?

A questão do dinheiro, de dar excessiva importância à questão material, está presente desde tempos muito antigos. Ela nos remete ao Bezerro de Ouro, citado no Antigo Testamento como um símbolo da adoração da riqueza material. Em Chevalier (1994, p.131), o encontramos como “ídolo da riqueza. É o deus dos bens materiais, substituto do deus do espírito.” O livro do Êxodo, capítulo 32, versículos 1-10<sup>21</sup>, expõe a história de tal bezerro. Conta que o povo hebreu, saído do Egito durante o êxodo e passando dificuldades resolve, na ausência de Moisés, recolher todo o ouro disponível e fabricar um bezerro de ouro com o objetivo de criar um deus a ser adorado. Tal atitude do povo provoca a ira de Iahweh.

Colocar dinheiro acima de outros valores, pode ser considerado como algo pecaminoso, digno de culpa, que pode suscitar a ira divina. Algumas pessoas chegam a ver no dinheiro a representação de sujeira. Esta forma de representá-lo se expressa concretamente na necessidade de lavar as mãos, tão logo o manuseiem, não necessariamente por questões de higiene.

Também nas histórias em quadrinhos, encontramos um personagem modelo da adoração ao dinheiro. Desde pequenas, as crianças são apresentadas a alguém que é capaz de qualquer coisa para aumentar sua fortuna, adquirindo novas moedas e/ou não perdendo nenhum das que ganhou: Tio Patinhas. Pode-se notar a semelhança da figura que mostra Patinhas sentado em cima de seu dinheiro, divertindo-se com suas moedas e a imagem apresentada aos entrevistados.

---

<sup>21</sup> A passagem bíblica encontra-se no anexo 5.



Fig. 4 – Tio Patinhas <sup>22</sup>

E como símbolo, ele tem guardada, a sete chaves, a primeira moeda que deu origem a sua imensa fortuna, a “moedinha número 1”. A representação desse personagem para a sociedade é de alguém pão-duro. E, na verdade, os comentários de seus próprios sobrinhos a respeito desse tio não são os mais lisonjeiros!

E fica minha questão: os professores que a escolheram como negativa não gostaram mesmo da imagem ou a representação social de sovina, de só pensar em dinheiro não fica bem? Creditar valor ao dinheiro não estaria associado a ser representada como uma pessoa egoísta, que só pensa em si, podendo fazer qualquer coisa contra o outro para aumentar/manter seu patrimônio?

### **5.3** **Articulando as escolhas e os depoimentos**

Mostrou-se interessante fazer uma relação entre as imagens e as escolhas dos professores, articulando-as com seus depoimentos colhidos nas entrevistas. Esse trabalho possibilitou uma melhor observação daqueles que trouxeram para esta pesquisa as diferentes representações de sucesso.

---

<sup>22</sup> [www.universohq.com](http://www.universohq.com) capturada em 16 de janeiro de 2009.

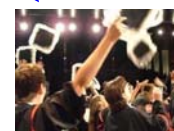
## Professor 1

P.1 diz não gostar da **imagem 1** por apresentar uma pessoa indecisa que não sabe o quer da vida. E considera uma pessoa de sucesso (além de outros fatores) aquela que *está de bem com a proposta de vida dela*. Mas, ela mesma, queria ser engenheira, perdeu o vestibular para as universidades públicas por ter ficado doente devido aos estudos, foi fazer vestibular para biologia na Faculdade Souza Marques por influência de uma cunhada só para não ficar sem estudar. Afirmar ter passado a gostar do curso. Porém, poderia também ter optado por engenharia na Souza Marques. Terá a **imagem 1** com a pessoa indecisa, remetido P.1 a sua própria indecisão na escolha profissional? Estará ela realmente de bem com sua proposta de vida? Afinal, qual era sua proposta de vida? Biologia ou engenharia?



## Professor 2

P.2 , como já dissemos, é um professor que veio de um meio muito pobre. Filho de mãe faxineira e pai drogado, vivia em uma favela. A mãe aparece como uma figura forte que fazia faxina para comprar a livro para ele, agüentava o marido para que os filhos tivessem uma família. Enquanto isso, o pai incentiva o estudo e tenta ser exemplo omitindo sua realidade de vida (drogado, bêbado, bandido). P.2 valoriza intelectualidade como a possibilidade de transformação do indivíduo. Realidade vivida por ele, pois conseguiu mudar a sua história através do estudo. Hoje é doutorando e está prestes a lançar um livro. Tirou os pais da favela e procura dar qualidade de vida a eles. Elege a **imagem 5** que mostra uma formatura como uma imagem positiva de sucesso. Será a formatura a representação social de *alcançar respeito pela competência intelectual*?





### Professor 3

P.3 mostra-se um sujeito pragmático, concreto, com pé no chão. Articula a definição de metas (*terminar o ensino médio, conseguir o mínimo para que ele possa prosseguir na vida acadêmica, naquilo que ele quiser fazer depois*) com características que o sujeito deve ter para alcançar seus objetivos (*rendimento, comprometimento, perseverança*) e as condições que devem ser oferecidas pelas instituições (*comprometimento do corpo docente*). Entretanto, escolhe a **imagem 6** como positiva pelo que para ele representa o *desprender-se de tudo*, o poder ousar.



Se pensarmos que ele escolhe a **imagem 3** como sendo a que não gosta, podemos pensar que P.3 tem claro as duas faces de uma pessoa: a que ela vem sendo e a que ela gostaria de ser.



### Professor 4

P.4 diz que *apesar de valorizar a avaliação qualitativa, o processo na resolução de uma questão, o raciocínio, sempre acaba se remetendo a uma nota (quantitativa)*. Acredita que o sucesso tem que ter uma utilização prática do que aprendeu para ajudar a si e ao outro (Sociedade). Considera como primeiro fator para o sucesso escolar, a família. Valoriza bastante a participação da família e, em coerência com esta fala, elege a **imagem 4** como positiva.



### Professor 5

Para P.5, sucesso é *através dos conteúdos, fazer a sinergia de tudo que aprendeu para aplicar na vida e ser uma pessoa mais ajustada e feliz*. Fala muito em libertação. Acredita que o conteúdo pode dar o instrumental para a libertação.



Elege a **imagem 6** como positiva pois mostra *um cara ajustado* e que se libertou. E a **imagem 3** como negativa como alguém que se vê de uma *forma distorcida e superior*.



## Professor 6

P.6 vê sucesso como *alguém ser harmonizado consigo mesmo, que tem um felicidade interna*. Valoriza a **imagem 4** que mostra *um pai brincando com o filho, mostrando o mundo para ele*. Elege como negativa a **imagem 10** por mostrar alguém que pode



*passar como um trator por cima das pessoas para acumular o que não é seu*. Sua fala parece-me bastante coerente com suas escolhas.

## Professor 7

P.7 relata que a família, por ser pobre, via o estudo como forma de ascender socialmente. Mas, assim como P.2, reforça a figura da mãe como a grande incentivadora (lendo para ele desde pequeno, comentando livros, transmitindo a necessidade do estudo). Não menciona o pai. Enaltece o seu amor pelos livros. E, quase como se fosse genético, fala com muito orgulho sobre como os filhos também são *tarados por estudos*. Elege, coerentemente, a **imagem 4** como positiva.

Faz crítica à escola, a considera massacrante para quem quer aprender. Cita Einstein (*como alguém pode gostar de estudar freqüentando uma escola?*) Elege a **imagem 8** como negativa por transmitir dor, e a idéia de que vencer é um sacrifício. Diz que o sucesso não pode ser pagando sacrifícios. E compara com a escola, onde acredita que tem que passar por um inferno (que é a escola) para um dia ser alguém na vida.



## Professor 8

P.8 apresenta uma visão de educação como sendo um processo contínuo.



Para ele, a **imagem 9** apresenta um *indivíduo com o mundo nas mãos, mas que não parou, permanece na busca*. Ele mesmo se vê como uma pessoa de sucesso na educação por nunca ter parado de estudar. Ele procura testemunhar em sua própria história de vida aquilo que acredita ser a

representação de sucesso escolar.

## Professor 9

P.9 tem uma fala bastante coerente em toda a sua entrevista. Para ele, sucesso escolar *é aquele aluno que conquistou uma qualidade comportamental, de conteúdo, de saber questionar mas ser respeitoso, ter uma disciplina*. Esta forma de pensar se reflete nas palavras-chave citadas por ele: *ser um bom cidadão, ter um bom emprego* e nos fatores que ele considera que podem influenciar: *boa estrutura familiar, disciplina, interesse em aprender*. Encontra eco, também, nas imagens selecionadas por ele. Considera positiva a **imagem 4** que associa à *formação de um*



*cidadão e, negativa, a imagem 3 que mostra alguém querendo ser o que não é.*

## Professor 10

Além da formação, P.10 entende que sucesso é um *grau satisfatório de aprendizagem e aprovação no vestibular*. Justifica dizendo que



coordena o 3º. ano. Não valoriza a formatura em si, pois considera que a **imagem 5** pode estar mostrando *apenas diversão*, o que estaria

hoje reduzido ao ato de se formar. Tem formação militar, começou a fazer engenharia, abandonou, foi fazer matemática. Admite que quando cansa de algo, abandona e vai fazer outra coisa. Já cansou do magistério e está pensando em ir para finanças. Este foi um dos dois professores que não foi muito colaborador na entrevista. Parece que sua insatisfação é mais ampla, envolvendo o magistério

como um todo, a ponto de afirmar seu cansaço com o mesmo. E a escolha do que pretende seguir profissionalmente é marcante, pois além de não manter nenhum vínculo com a educação, sugere que ele resolveu colocar a melhor remuneração como norteador da escolha.

### Professor 11

P.11 marca bastante a importância do papel da família no sucesso do aluno. Ressalta que *o trabalho conjunto da escola e da família leva o aluno a criar o comprometimento*. Em consonância com esta fala, elege a **imagem 4** como positiva. Embora, ao justificar esta escolha, diga que se trata de algo particular pois ele tem *loucura para ser pai, o sonho da minha vida. Acho que meu maior sucesso, sem dúvida nenhuma, seria esse aqui* (fala apontando a imagem 4).



### Professor 12

P.12 acredita que sucesso escolar é *despertar o senso crítico, dar bagagem cultural para que o aluno tenha munição para mais adiante interpretar o mundo e os objetos artísticos*. Nesta visão, ele elege como positiva a **imagem 6** que associa sucesso a libertação, que ele considera uma das grandes funções da educação.



### Professor 13

Embora P.13, considere sucesso escolar como *passar no vestibular*, ao ser solicitada a escolha da imagem positiva sobre sucesso, ele escolhe a **imagem 4** e fala sobre a importância dos filhos. Apesar das escolhas não parecerem estar em sintonia, ele justifica dizendo que, quando cada um de seus filhos nasceu, algo muito importante profissionalmente acontecia em paralelo.



## Professor 14

P.14, assim como P.2 e P.7 , também cita a mãe como a peça fundamental em sua trajetória. Era ela quem obrigava aos filhos a irem à escola (mesmo quando doentes), não deixava chegar atrasado. Respeitava a escola a ponto de não admitir que um filho falasse mal de algum professor. P.14 não menciona o pai.



Faz a escolha da **imagem 3** como positiva, mas por um viés muito pessoal. É um leonino e considera o gato, a representação da mansidão e da sedução. Diz que *é um gato mas a imagem refletida é a de nobreza do leão, poder do leão, força do leão*. Elege a **imagem 8** como negativa, chegando a dizer que tem pavor dela. E questiona: *Qual a identidade dessa criatura? Não tem. Ela tem tanta cara que não é nada. É só dor*. Mas se o desconforto passa pela falta de identidade, não se poderia dizer que a **imagem 3** também não pode apresentar uma dúvida sobre identidade (gato ou leão)?



## Professor 15

P.15 diz ser uma pessoa religiosa, justificando a eleição da **imagem 8** como negativa, pois a mesma *lhe parece meio demoníaca*. Admite que *todos temos os lado bom e o ruim de nossa formação. Mas acho que deve prevalecer o bom, o lado positivo*. Ao mesmo tempo, diz: *por mais que possa fazer dar uma idéia de fortaleza, de ser forte ... possa ser que tenha até uma arte aqui por trás que eu não esteja captando, mas me parece assustador*. A representação de algo demoníaco o assusta muito embora o possa considerar forte. É interessante quando ele admite que pode ter arte naquela imagem. Mas parece que o medo o deixa um pouco atordoado sem conseguir concluir se, para ele, naquela imagem existe arte ou não.



Associa sucesso escolar ao *aluno crescer nos vários níveis de ensino*. E ele concretiza isso em sua vida, pois está cursando o doutorado. *Desejo de estudar cada vez mais, mestrado, agora no doutorado.*



Elege como positiva a **imagem 9** na qual *tem um abismo que você poderia estar mergulhando nesse abismo... mas diante da sua perseverança, sua meta, você poderia abraçar o mundo*. Seria o abismo o lado negativo, forte que o assusta na **imagem 8**? *Mas tendo esse pensamento positivo, com metas, perseverança, tendo otimismo, você poderia abraçar o mundo como você gostaria, ter um mundo melhor.* (onde prevalece o bom, o lado positivo citado por ele?). A fala de P.15 sugere alguém sempre bastante dividido entre bem e mal, bom e ruim. Mesmo quando cita a imagem 9 como positiva, remete-se à idéia de um abismo.



## Professor 16

Para P.16, os fatores eleitos para que um aluno possa atingir o sucesso é a família e motivação ao mesmo tempo que considera sucesso escolar *alunos realizados que conseguem aquilo que eles querem profissionalmente e socialmente*. Suas palavras-chave são: *realização, felicidade e ajustamento social*. Portanto, parece ser um professor que articula muito bem as noções de querer e ser. Atribui importância ao empenho pessoal do aluno influenciando no seu próprio sucesso. Parece perceber a necessidade de conjugar fatores externos (por exemplo, a família) com o fator interno (a motivação). Elege como positiva a **imagem 7** que justifica como sendo um *sucesso ligado a um esforço pessoal*. E não gosta da **imagem 10** por considerar que a pessoa está *cheia do dinheiro, porém, sozinha*.



## Professor 17

**P.17**, assim como P 4, ressalta a necessidade do sucesso servir para ajudar a sociedade. Acha que *para ter sucesso é preciso ser criativo, tem que fazer o que gosta, estar feliz naquilo e, ao mesmo tempo, através disso, contribuir para a*

sociedade. Tal fala se reflete na sua justificativa de sua escolha da imagem positiva. Justifica a escolha da **imagem 9** dizendo: *o cara com o mundo nas mãos. Ele tem muitas oportunidades nesse mundo de ser quem ele quer ser, de seguir as suas tendências. Tem que ser feliz fazendo o que ele gosta e precisa contribuir para esse mundo que ele está segurando, com a sociedade. Se ele gostar do que ele faz, ele tem muito mais chances de contribuir para a sociedade fazendo bem o que ele está fazendo do que se ele visar só o dinheiro ou querer ser o primeiro, o melhor, ou ter uma imagem que não é verdadeira....*



### Professor 18

P.18 fala em sucesso escolar como sendo *a conclusão de um ciclo que se estabelece de ensino para ele com conhecimento das mais variadas formas para dar continuidade aos estudos ou participar de processos seletivos para o mercado de trabalho*. Essa visão de algo contínuo é ratificada na escolha da **imagem 9** que mostra um *caminho a ser trilhado, ter um mundo a seu dispor*. Vale destacar a justificativa de sua opção por uma escola bilíngüe: *foi uma tentativa de fugir um pouco de ter o vestibular como meta. Não temos como foco central o vestibular. Temos um programa internacional e os alunos são submetidos a avaliações contínuas e mais interessantes*.



Por todo o exposto neste capítulo, pode-se perceber que, de modo geral, o que foi dito verbalmente pelos entrevistados encontrou respaldo no simbólico. Foi interessante, para mim, verificar que algumas falas se mostravam tão parecidas com o que os estudos teóricos sobre os símbolos expressam, que parecia que o professor estava repetindo algo lido em um dos livros especializados neste assunto. Isto me faz confirmar como as representações criadas em nossa sociedade estão impregnadas de conteúdos inconscientes e que podem exercer forte influência em nossas escolhas.

Por outro lado, considero importante poder tomar consciência delas, para podermos melhor direcionar algumas opções que fazemos em nossas vidas.

## 6

### As Diversas Possíveis Influências

“Não importa o que fizeram de mim,  
importa é o que eu faço com o que fizeram de mim”.  
(O Ser e o Nada, Jean-Paul Sartre)

Vários foram os fatores apontados pelos professores como importantes influências na vida do aluno para levá-lo ao sucesso escolar. Ninguém citou um fator isolado como determinante, mas sempre a combinação de fatores. Fica claro, também, que a ausência de um deles não determina que não se alcance o sucesso. Para uma melhor compreensão, agrupei os fatores apontados em 5 categorias que são: família, professor/escola, o próprio aluno, saúde e recursos econômicos. Eles podem ser sintetizados no esquema que se segue:

<b>Categorias</b>	<b>Principais aspectos relacionados pelos professores</b>
Família	apoio dos pais e familiares, boa estrutura familiar, valores transmitidos pela família.
Escola	competência do professor, boa base, direção competente, coerência no processo, aula prazerosa, conteúdos, atividades outras.
Aluno	Componente emocional, amigos, currículo de vida que o aluno traz, força de vontade, motivação.
Saúde	esportes, alimentação, boa qualidade de vida.
Questão econômica	recursos econômicos, nível de classe social.

Tabela 3 – Fatores que influenciam no sucesso



## 6.1 Refletindo sobre cada um dos fatores

### 6.1.1 Família

A grande maioria apontou, como fundamental para o alcance do sucesso, que o aluno tenha uma boa base familiar com pais (ou algum parente próximo) que o incentive na busca deste ideal. Outro ponto central na representação dos professores foi a importância dos valores transmitidos por esta família.

P.7 afirma: *Quem vem de uma família com tradição de estudo, a tendência é valorizar a questão do saber e isso acaba afetando.*

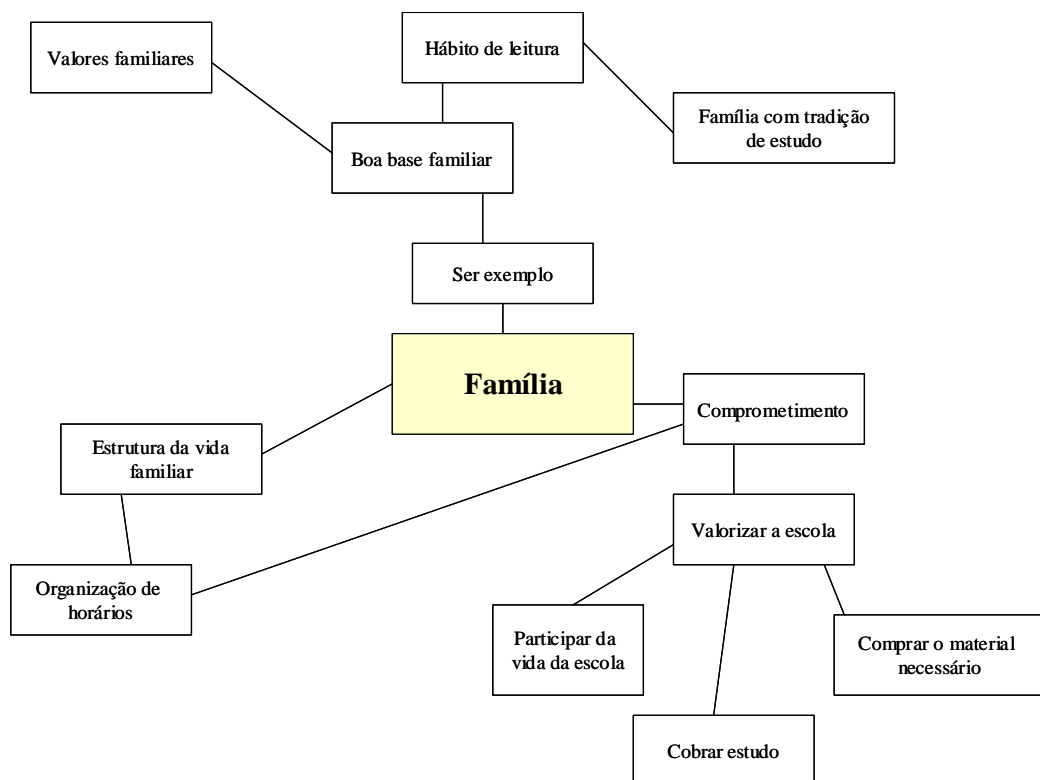


Figura 5 – Esquema sobre fator família

Lahire (1997, p.17) assinala:

De fato, a criança constitui seus esquemas comportamentais, cognitivos e de avaliação através das formas que assumem as relações de interdependência com as pessoas que as cercam com mais frequência e por mais tempo, ou seja, os membros da família. Ela não ‘reproduz’, necessariamente e de maneira direta, as formas de agir de sua família, mas encontra sua própria modalidade de comportamento em função da configuração das relações de interdependência no seio da qual está inserida. Suas ações são reações que “se apóiam” relacionalmente nas ações dos adultos que, sem sabê-lo, desenham, traçam espaços de comportamentos e de representações possíveis para ela.

P.4 também diz o mesmo: *O primeiro fator é a família. Tem que olhar dever de casa, ver se estudou.... mostrar que ele não está indo à escola só por que tem que ir. A escola é importante mas os pais têm que achar isso. Valorizar a escola, ter seriedade. Não necessariamente, eles precisam ser formados. Mas tem que acreditar na escola.* Temos nesta fala, o fator da cobrança dos pais como um diferencial no desempenho dos filhos. Analisando por outro lado, P.4, indiretamente, também, cobra dos pais uma participação na vida escolar de seu filho. E deixa claro que não basta apenas exigir do filho, os pais precisam acreditar nesta escola.

P.7 considera a paixão pelo estudo quase como de uma “forma hereditária”: *Eu sou tarado por estudo. Tenho vários cursos de temas diferentes (introdução à filosofia política, história, astronomia etc). Não consigo me conceber sem estar estudando. E essa paixão pelo estudo, eu devo a minha mãe que desde pequeno lia para mim, comentava os livros, me transmitia essa necessidade de estudo. Venho de uma família pobre, seis irmãos, pai funcionário público... A minha família via o estudo como uma forma de ascensão social. Os meus dois filhos também são tarados por estudos. O estudo para nós não é meio, é fim. A gente não estuda para fazer alguma coisa, a gente faz alguma coisa para poder estudar.* Lahire utiliza a expressão “laços que passam pela escrita” (1997, p.169). Poderíamos parafrasear este autor e, no caso de P.7, considerar que a família estabeleceu ‘laços que passam pelo estudo’. Assim como na família de P.7, Lahire encontrou entre as crianças de sucesso, famílias que iam a bibliotecas, pais que davam livros de presentes para seus filhos, além de lerem o mesmo livro para comentarem juntos. Lahire expõe o exemplo de uma menina bem sucedida no universo escolar:

Seus muitos contatos com histórias (lidas por outros ou por ela) fazem com que ela chegue, agora, a compor novas histórias a partir das que já conhece. Sem o saber, ela descobriu ‘sozinha’ – graças às múltiplas ações familiares e escolares – uma parte do processo da criação textual: produzir o novo com o velho, ser capaz de improvisar um texto a partir do inúmeros textos lidos, interiorizados. (p.310)

Um professor, fora do grupo estudado, me contou que seu neto, de 8 anos, pediu aos pais para mudar a televisão de lugar em seu quarto, afim de deixar livre a mesinha que ele queria que tivesse um abajur para poder ler antes de dormir, uma forte identificação com seu irmão, bem mais velho, que passa horas lendo em seu quarto.

Outro episódio interessante, também relatado por pessoa fora deste grupo, foi o de um pai que ao deixar o jornal e seus óculos em cima de uma mesa, ao retornar minutos depois, encontra seu filho de 4 anos utilizando seus óculos e “lendo o jornal”, numa óbvia imitação do que havia presenciado. Estes pequenos episódios retratam o quanto o exemplo familiar é assimilado pela criança, da mesma forma, o mesmo podendo vir a acontecer quando o oposto ocorre: a criança não demonstrar interesse pela leitura por não encontrar esta realidade em seu ambiente familiar.

Lahire (1997, p.20) confirma nossa posição e o que constatamos nos depoimentos: a importância do modelo familiar.

O fato de ver os pais lendo jornais, revistas ou livros pode dar a esses atos um aspecto “natural” para a criança, cuja identidade social poderá construir-se, sobretudo, através deles (ser adulto como seu pai ou sua mãe significa, naturalmente, ler livros....).

Independente da condição financeira dos pais, o exemplo familiar é marcado como importante. P.2 dá seu testemunho sobre como o exemplo vindo de seus pais (embora bastante peculiar) o influenciou: *A família é a primeira coisa. Embora meu pai fosse drogado, sabia da importância de eu estudar, sempre foi a favor de eu estudar. Eu tive em casa um exemplo. Embora meu pai bebesse e cheirasse, ele escondia isso da gente. A gente via o resultado, ele quebrando tudo... Minha mãe agüentava para que nós tivéssemos uma coisa chamada casa (embora ruim). Acho que tudo começava ali. O que é a família para esses indivíduos que chegam na escola querendo sucesso escolar? Quem são as pessoas que participam da construção dessa família? Tem pai? Tem mãe? Como são?*

P.1 reforça este argumento: *Às vezes, o aluno está desajustado e quando você chama a família, vê que os pais são desajustados. Vários são os fatores que constroem esse sucesso.*

Mesmo em pessoas vindas de famílias mais pobres e de pouca cultura, os pais não podendo dar o apoio didático, colaboram com o esforço na compra de material e na garantia da frequência dos filhos à escola.

P.2, mais uma vez, testemunha: *minha mãe fazia faxina para comprar livros para mim.*

P.14 fala dessa importância: *Minha mãe foi fundamental, obrigava a gente a ir à escola, não se podia chegar atrasado....*

Outro ponto que chama a atenção é que quando se referem às famílias, três deles reforçam a posição da mãe como a figura forte e significativa nesse processo, a que cobra, incentiva etc. Na pesquisa realizada por Souza e Silva, ao entrevistar alunos pobres que chegaram à faculdade, ele percebe também a importância da família, porém, com uma certa divisão de papéis. Pai, mais ligado a fornecer a parte material e a mãe, mais responsável pelas atividades escolares diárias. Ele escreve: “Na maioria das famílias, a presença masculina foi pouco significativa na trajetória escolar dos filhos”. (Souza e Silva, 2003, p.123). É possível que esta constatação esteja ligada à representação de que a figura masculina (o pai) deve prover financeiramente e a figura feminina (a mãe) deve se responsabilizar pela organização da casa incluindo a vida escolar de seus filhos. Esta forma de representar as responsabilidades masculinas e femininas em relação aos filhos esteve muito presente em décadas passadas, mas parece ainda encontrar lugar nos dias atuais, mesmo tendo-se consciência de que a mulher também tem sua profissão e, portanto, também provê materialmente, além de estar fora trabalhando e já não poder disponibilizar tanto tempo para acompanhar de perto a vida escolar de seu filho.

Os relatos nos revelam, também, que a família não precisa ser necessariamente estruturada nos moldes tradicionais para que seu filho tenha sucesso. P.11, sendo bastante consciente do(s) novo(s) modelo(s) de família existente hoje, opina: *Não tenho mais a pretensão de imaginar uma família estruturada até por que não existe a certa ou errada. Mas se tiver na família, pessoas que tentem caminhar, esclarecer as coisas para o aluno, encaminhar a participação desse aluno dentro da escola.... Acho que esse é o caminho para*

*que se crie o tal comprometimento. Não adianta discutir uma série de questões dentro da escola se não houver o compromisso. O comprometimento de uma criança não é construído só com o papel da escola. O papel da família é fundamental.*

Lahire chama a atenção para transmissão da herança do capital cultural que vai depender

da situação de seus portadores: de sua relação com o filho, de sua capacidade (socialmente construída) de cuidar de sua educação, de sua presença a seu lado, ou, finalmente, de sua disponibilidade de transmitir à criança certas disposições culturais ou acompanhá-la na construção dessas disposições. (p. 104-105).

Lahire (1997), referindo-se às formas familiares da cultura escrita, fala sobre como as pequenas práticas do cotidiano familiar auxiliam na formação de hábitos, organização do tempo etc. Por exemplo, no uso de agendas, organização de fotografias por datas/eventos/lugares, uso do calendário, lista de compras ou de coisas a fazer, registro dos recursos financeiro. Tais práticas levam a criança a se organizar, ter regularidade, saber planejar o que a auxilia nos momentos escolares em que precisará dessas habilidades.

P.8 marca o fato da família chegar até a atribuir somente à escola a responsabilidade da construção do sucesso do aluno. Para ele, em alguns momentos, a família faz jogo de culpa, depositando na escola uma responsabilidade que também seria dela. Uma possibilidade para tal atitude é o fato de alguns pais estarem desorientados quanto à educação de seus filhos associada a uma antiga representação para alguns, da escola como a grande instituição responsável por educar e com as respostas para as incertezas vividas por estes pais.

P.10 acrescenta à fala do colega: *Para uma escola dar certo, para a ocorrência do sucesso escolar, tem uma série de fatores: o apoio da família ao trabalho que é feito é muito importante. Às vezes, é deseducador trabalhar com certas famílias que quando você toma certas atitudes, o responsável não endossa. A participação da família, a presença dos responsáveis na instituição é importante até mesmo para discutir certas atitudes tomadas pela instituição ... Mas desautorizar permanentemente é uma coisa que depõe contra a formação.*

P.3 também considera fundamental a participação da família na escola: *Aqui (na escola onde ele trabalha) tem associação de pais forte. O pai participa,*

*quer saber, pais que cobram, querem reposição de aula se precisar, participam, estão nas reuniões.....* Mais uma vez, vemos os professores cobrando dos pais uma participação ativa na vida da escola.

Parece-me que a organização familiar (a forma como a família organiza horários, divide o tempo dedicado às tarefas e ao lazer etc), é fundamental para o sucesso de uma criança. Conforme Lahire afirma: “É sem dúvida, no estilo de vida familiar como um todo, na ordem moral doméstica, que é, indissociavelmente, uma ordem mental, que podemos reconstruir os princípios de produção de comportamentos adequados do ponto de vista escolar”. (1997, p.294)

E acrescenta:

Precisão, regularidade, interiorização, calma, autonomia, ordem, clareza e minúcia, essas são as ‘qualidades’ indissociavelmente comportamentais e organizacionais que sobressaem de todo um conjunto de elementos em relação ao contexto da entrevista, o estilo do discurso mais do que seu conteúdo. (...) essas qualidades familiares são também qualidades escolares. (1997, p. 295)

Por fim, Lahire sinaliza que as formas de organização das famílias “podem estar na origem das organizações de pensamento bem-estruturadas.” (1997, p.300).

A importância dada à família reflete-se na escolha da imagem 4 como a mais votada como sendo uma imagem positiva. É forte a representação do sucesso familiar como sendo um sucesso primeiro, uma mola mestra que dará origem a outros aspectos do sucesso. Podemos dizer que, na visão dos professores, sem ele, os outros aspectos perdem um pouco sua importância.

### 6.1.2 Professores/escola competentes

Neste tópico, em relação à ordem escolar, vemos o que os professores ouvidos consideram como uma rede de influências ao sucesso.

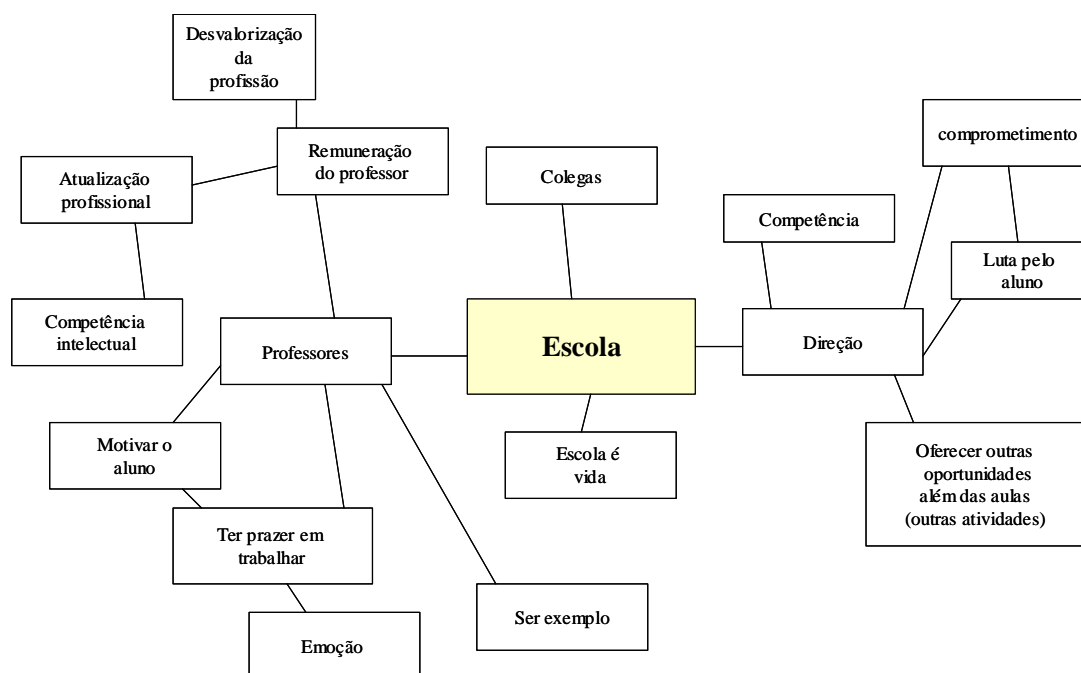


Figura 6 – Esquema sobre fator Escola

Nela, estão implícitos os fatores advindos dos perfis da direção, dos professores, dos colegas e da própria representação da escola. Vejamos cada um deles.

Um aspecto importante é uma direção comprometida com seus alunos. Veja-se que P.1 se refere à diretora da sua escola desta forma: *A diretora é uma guerreira que luta pelos seus alunos.*

P.1 marca também a importância do conjunto de todos os fatores inter-relacionados: *O colégio onde trabalho tem uma regra que é básica: Todo mundo se respeita, aluno, professores, funcionários... a relação entre todos é muito boa. O sucesso depende de todas essas relações. Trabalhar com respeito. Aqui não tem aluno que desrespeite o próximo. Agora, tem a parte didática: os alunos são pré-selecionados, são os melhores alunos do município, o que não quer dizer que*

*sejam maravilhosos quando chegam. O trabalho do professor é grande, eles ‘carregam pedra’ aqui. Trabalham muito, inclusive fora do horário. Mas os professores são muito empolgados. Tem essa parte do sucesso, a parte que você vê. Tem toda a estrutura do colégio. A direção apóia todos os projetos que os professores lançam. Isso não é comum no ensino público. A amizade que os professores têm com os alunos. Essa amizade vem do respeito que esses alunos têm e da filosofia da escola. É tudo muito amarrado. Esse sucesso se constrói carregando pedra mesmo. Os professores pesquisam na internet procurando texto, material sobre o Enem etc.*

P.1 se refere a uma escola pública considerada de excelente qualidade, na qual os melhores alunos provenientes dos concursos públicos são selecionados para nela estudar. Estudar nessa escola já é um diferencial na formação daqueles estudantes. Os 3 professores entrevistados que nela trabalham falaram sobre a importância do comprometimento do corpo docente. Eles sabem que é comum o professor de escola pública ter a representação de alguém que não se compromete, falta, adianta tempo.... Mas nesta escola, parece que isto não existe. É possível que nesta escola os professores tenham esta postura exatamente por ela ter a representação de ser uma escola pública de sucesso já que o mesmo professor diz fazer diferente em outras escolas.

P.1 assinala: *a escola exige disciplina, oferece bons professores (que não faltam e são comprometidos).*

P.3 complementa: *E o comprometimento do corpo docente, os professores não faltam, embora ganhem a mesma coisa que ganham nos outros colégios do estado. Com a afinidade que a gente tem com aluno, a gente não consegue faltar, adiantar tempo....*

Portanto, podemos concluir que a escolha de uma escola considerada de boa qualidade é um dos fatores que exerce influência no sucesso do aluno. Tal afirmação é reforçada por Souza e Silva (2003, p.136) ao se referir uma escola de referência:

A qualificação se sustentava, dentre outras variáveis, na experiência e formação dos professores, na preservação e funcionamento das instalações, no compromisso de determinados grupos da unidade escolar com a manutenção da tradição da instituição e, não menos importante, em função da possibilidade de selecionar, dentre um universo ampliado de candidatos ao ingresso, alunos mais preparados. Assim, a manutenção da qualidade se alimentava da ‘distinção’, historicamente conquistada por aquela unidade específica de ensino.



Mas, embora a qualidade da escola como um todo seja fundamental, sem sombra de dúvida, a grande estrela é o professor com sua dedicação, competência, motivação e prazer no que faz.

P.4 marca a importância do professor: *Outra coisa fundamental é que os professores gostem de dar aula. Não ser incompetente, o professor tem que ser feliz, gostar do que faz embora não ganhe tanto. Os alunos reparam se você gosta do que faz. O corpo docente tem que ser bem formado.*

O professor tem que ser competente e saber fazer uso dos recursos disponíveis como nos diz P. 8: *Acho que o sucesso está na capacidade, na possibilidade que esse professor tem de motivar o aluno. É pela sensibilização que o professor motiva. Tem um detalhe que é mais psicológico na relação. Não está só no conhecimento do professor. Outros detalhes que consigam motivar o aluno. Um bom livro, a palavra certa na hora certa, outros fatores que consigam motivar o aluno.*

P.9 se preocupa com a qualidade da formação do docente: *Vivemos, na educação do país, um momento ruim, também em relação a quantidade de universidades em cada esquina, acesso fácil, sem exigências... Você não vê qualidade nas pessoas para estarem em sala de aula.*

A postura adotada pelo professor faz diferença como exemplifica P.10: *Muito importante é coerência no processo. Não acho que a rigidez seja um problema grave, eu sou rígido. O que o aluno não tolera não é a rigidez mas é a falta de justiça e de coerência. Se você promete e não cumpre, atrapalha mais a formação desse sujeito do que você ter uma linha rigorosa ou não. A coerência é muito importante.*

Em consonância com a escolha da imagem 8 como a mais votada como negativa por remeter a sofrimento, P.17 reforça a questão da importância de estudar ser prazeroso: *Posso observar que o aluno aprende quando ele faz, quando põe a mão na massa, quando se diverte, o lúdico. Quando ele sente algum sentimento positivo em relação aquilo é que funciona. Tem que ter uma ligação afetiva para que aquele conhecimento se incorpore a ele. Senão só passa pela memorização.*

P.14 afirma: *Prazer, o aluno tem que ter prazer, o professor tem que elaborar estratégias para seduzir esse aluno. Além disso, não sou um professor paternalista, brigo, chamo a atenção e os alunos gostam disso. Eles precisam de*

*limites. E quando eles encontram alguém que os trata com atenção, respeito, carinho mas diz para eles até onde eles podem ir... isso é um fator. Outro ponto é que satisfação contagia, prazer contagia. Se o professor entra na aula com prazer, ele contagia o aluno. Se ele prepara a aula dele e respeita o indivíduo que está ali, pelo menos 80% está feito.*

Na fala deste professor encontramos o termo “seduzir o aluno” representado como algo positivo, de atraí-lo para o que se deseja ensinar e encantá-lo. Mas, no senso comum, é possível encontrar o termo seduzir com a representação de um aspecto negativo. Segundo o dicionário Aurélio (p.1281), seduzir, entre outras possíveis definições, é “inclinart artificialmente pra o mal ou para o erro”. E, infelizmente, não é incomum encontrarmos professores que seduzem o aluno por serem coniventes com o não fazer, com o fingir ensinar/aprender, tendo, às vezes, como conseqüência, uma nota que, também, não corresponde à realidade. Alguns professores, em nome de uma baixa remuneração, justificam a baixa qualidade de seu trabalho fazendo uso de recursos como os já mencionados para cumprirem a tarefa que lhes cabe. Esta atitude vai colaborar para gerar uma representação negativa da imagem da profissão.

Segundo a ótica de P.8, a questão da desvalorização da profissão do professor atrapalha a educação. Atualmente, deparamo-nos com a representação desta profissão como a de alguém que não conseguiu ser alguma outra coisa melhor na vida. Entre os próprios professores pode-se perceber o desânimo com a profissão, a busca de outras alternativas profissionais muitas vezes em desacordo com o seu nível de instrução, além do desencorajamento quando algum aluno diz que quer ser professor.

Nas palavras de P.8: *O papel da sociedade, a desvalorização do professor hoje também pode desmotivar o aluno. Por que tenho que ouvir uma pessoa que não é reconhecida? Dentro desse sistema capitalista de valorização do financeiro do outro, isso vai interferir*”. Essa fala é reforçada pela de P.15: *“Hoje tem mais fatores que levam o aluno para o lado não-acadêmico. O professor é desvalorizado, você ganha mais participando de um Big Brother...*

Em determinada ocasião, ouvi o relato de uma professora de matemática (que não faz parte do grupo pesquisado) que, ao recriminar um aluno por não estudar, ouviu o seguinte argumento: “estudar para quê? Para virar professora igual a você?”.

P.1 complementa: *Outro fator é a remuneração do professor que tem que ser melhor. Boa parte dos professores do colégio onde trabalho tem pós-graduação. Então, os fatores importantes são a formação do aluno, o apoio da família é muito importante, a competência do professor, a estrutura da escola.*

No que diz respeito à autoridade do professor, P.14. diz: *Minha mãe foi fundamental, obrigava a gente a ir a escola, não se podia chegar atrasado.... Não se podia falar mal de professor.* Esta fala está de acordo com o que diz Lahire (1997, p.25):

Uma parte das famílias das classes populares pode outorgar uma grande importância ao 'bom comportamento' e ao respeito à autoridade do professor. Como não conseguem ajudar os filhos do ponto de vista escolar, tentam inculcar-lhes a capacidade de submeter-se à autoridade escolar, comportando-se corretamente, aceitando fazer o que lhes é pedido, ou seja, serem relativamente dóceis, escutando, prestando atenção, estudando e não brincando... os pais visam, desse modo, uma certa 'respeitabilidade' familiar da qual seus filhos devem ser os representantes.

P.6 marca o papel da emoção na educação: *Apesar de eu gostar da vida acadêmica, acho que tudo começa na emoção. O intelecto sozinho é inviabilizado ou dificultado por uma emoção mal-trabalhada, a própria questão de trabalhar com nota. O cinco que para um é uma conquista para outro não significa nada. O que fica da escola é muito mais do que essa nota. O conteúdo que o professor passa é só uma superfície de uma comunicação que está ocorrendo. O que vai ficar é outra coisa. A comunicação entre os inconscientes é o mais importante.* Embora, no início de sua fala, P.6 pareça representar a emoção separada da cognição (o que não é possível), ele finaliza ressaltando a existência de uma comunicação entre os inconscientes que nada tem de racional, podendo-se dizer que é baseado predominantemente na dimensão emocional da construção do eu.

A fala de P.18 complementa a anterior: *Esse aluno precisa ser olhado, percebido. O universo educacional brasileiro costuma tratar.... Apresenta turmas muitos cheias... que tipo de assistência você pode dar numa turma como essa? Antes de mais nada, esse aluno precisa ser tratado como indivíduo, com necessidades diferentes que, às vezes, precisa de estratégias distintas para que elas atinjam o mesmo nível. Sem querer culpar ninguém, nem sempre isso é possível. Tende-se a avaliá-lo dentro do grupo. Não se pode ter só a impressão coletiva do grupo pois certamente alguns indivíduos estarão deixando de ser considerado, principalmente o mais tímido, mais quietinho. Para que o aluno tenha sucesso, essas particularidades*

*precisam ser levadas em conta. Que tipo de trabalho desperta mais a curiosidade daquele aluno? Às vezes, a gente fica com um discurso utópico. É preciso refletir sobre isso embora nem sempre pode-se realizar.*

Por conta do grande número de alunos por turma, da necessidade do professor trabalhar em várias escolas ao mesmo tempo, o aluno acaba sendo, para ele, mais um número. Isso faz com que este sujeito perca a sua individualidade, suas características que lhe são peculiares e deixe de ser trabalhado naquilo que tem como potencial a ser desenvolvido. É comum ouvirmos relatos de pessoas que testemunham serem os professores que mais marcaram suas vidas não necessariamente os que mais tinham conhecimento dos conteúdos a serem administrados, mas aqueles que as perceberam como uma pessoa.

A representação do professor como uma figura emblemática na vida do aluno pode ser muito marcante, chegando até a influenciar nas suas escolhas profissionais como relata Souza e Silva (2003, p.137), baseando-se em sua pesquisa:

No plano das relações estabelecidas no campo escolar, é significativa a importância que vários entrevistados concederam a professores específicos. Eles tiveram uma razoável influência em suas definições pelo curso universitário. Fosse pelo estilo pessoal, pela atenção particular concedida e/ou pela forma como desenvolvia o conteúdo da disciplina, a mediação dos professores foi importante para a identificação com determinadas áreas de estudo e, conseqüentemente, para a escolha da graduação a ser realizada.

P.12 ressalta que alguns fatores que influenciam o sucesso do aluno são externos, tendo ele pouco controle sobre os mesmos. E apesar de se saber o quanto a educação deve ser mais ampla, a questão do vestibular continua sendo um norteador de grande representação: *A instituição escolar que vive uma grande inércia, é arcaica em um mundo dinâmico. Envolve a maneira como se trabalha os conteúdos, os tipos de conteúdos, como se avalia estes conteúdos, a própria estrutura de ingresso em uma universidade... Todas as etapas da formação do aluno pedem para ele não ter sucesso. Porque não dá significante, você olha para aquilo e não consegue fazer uma ponte entre conteúdo e o que de fato interessa para você. Mas se você mudar algo, ter uma proposta mais alternativa, corre o risco de seu aluno não conseguir entrar na universidade. E a interlocução entre escola e universidade é quase nenhuma. Basicamente você tem um edital que te diz os conteúdos que o aluno precisa saber para fazer o vestibular.*

P.17 prioriza a importância de uma formação mais completa: *Que tenha uma escola que ofereça várias oportunidades ao aluno para desenvolver suas habilidades, seus talentos, suas tendências, os diferentes tipos de inteligência que ele tem. Aqui na escola, tem viagens, tipos de atividades extra-curriculares. Ele não aprende só dentro da escola mas com a ligação com as coisas ao redor dele, o mundo ao redor dele. A combinação disso tudo prepara o aluno para uma formação de educação com qualidade.*

De forma geral, para exemplificar o que seria esta formação mais completa, são citadas atividades fora de sala de aula como projetos, gincanas, ou seja, convivência da comunidade escolar.

P.11 complementa: *E uma escola que tente mostrar ao aluno o porquê dessa proposta de uma formação completa. Tentar criar no aluno o interesse para que ele se comprometa.*

P.6 acredita na boa formação desde o início da vida escolar: *Na verdade, o sucesso escolar começa nas séries iniciais. Quando pegamos um aluno bem estruturado no ensino fundamental, é fácil encaminhar a aprendizagem no ensino médio apesar da rebeldia da adolescência.*

Com relação às mudanças vividas pela escola ao longo do tempo, P.7 é bastante pessimista fazendo lembrar um texto cujo título é “A volta de um personagem do século XVI ao Brasil (ficção ?)”, de autor desconhecido<sup>23</sup>, em que um personagem do século XVI retorna ao Brasil e fica assustado com tantas transformações: na Igreja, nas ruas, nas famílias, no vocabulário, nas novas tecnologias. Sente-se muito desconfortável até conseguir visitar uma escola. Ao chegar lá, encontra o que procurava: tudo continuava exatamente igual como havia deixado. P.7 fala em tom de desabafo: *Existe um anacronismo inacreditável da escola com o mundo. A grande transformação da escola até aqui foi a cor do quadro-negro. Einstein dizia: como é que alguém pode gostar de estudar frequentando uma escola? Eu acho que a escola é massacrante, que dificulta alguém que queira aprender. O aluno gasta mais tempo pensando em como burlar o sistema do que em realmente adquirir conhecimento. É grave esta afirmação de P.7, porém é a realidade dentro de várias escolas. O aluno que consegue passar, muitas vezes, é aquele que ao perceber as falhas do sistema, faz*

---

<sup>23</sup> [artemagister.blogspot.com](http://artemagister.blogspot.com), capturada em 10 de janeiro de 2009. Anexo 2.

uso destas falhas em seu próprio benefício. É possível encontrar planos elaboradíssimos para colar nas provas, alguns chegando a fazer uso da tecnologia, para colar, como é o caso do uso de celulares; outros elaboram códigos para comunicação entre os alunos durante as provas, etc. Na verdade, o tempo e os recurso cognitivos usados nestas elaborações poderiam ser aproveitados para aprender o conteúdo. Mas, pode-se dizer que, para alguns alunos, a representação de colar na prova está associada à inteligência e esperteza. Existe até um ditado popular que diz que “quem não cola não sai da escola”.

Segundo P.8, assim como na família, também no sistema educacional, existe um jogo de culpa: *Hoje, o sistema educacional só faz isso (jogo de culpa). O professor joga para o outro (diretor, família, aluno...), um joga para o outro. O discurso pedagógico também é um discurso de culpa. Professor como grande culpado dentro desse processo. Há todo um sistema desprestigiando o conhecimento. Acho que este é o fator maior. Como é que dentro de um sistema que desprestigia o conhecimento, que prestigia outras coisas, o conhecimento pode ser valorizado por um jovem? Como no esporte, não adianta o esforço e a motivação se não tiver todo um sistema te auxiliando.*

Paralelo a isso, segundo P.10, além da sua responsabilidade inicial, a escola tem uma responsabilidade outra: *Hoje a gente tem uma responsabilidade muito maior do que deveria caber a escola no que diz respeito a formação. Antigamente, a formação vinha de casa e a gente completava. Hoje a gente faz o trabalho quase que completo.*

Da importância da escola, P.6 fala de uma forma poética: *A escola não pode ser um reflexo da sociedade mas uma reflexão sobre a sociedade. O conteúdo vem depois.* E acrescenta se contrapondo ao que comumente ouvimos falar de que a escola tem a função de preparar para a vida: *A escola não prepara para a vida, mas a escola é a vida. A gente que passa a maior parte do tempo aqui, se a gente não considera a escola como vida, onde está a nossa vida?*

Ouso dizer que apesar de todas as dificuldades enfrentadas pela escola nos nossos dias, ela ainda tem a representação de uma instituição séria que faz um importante diferencial na vida de quem a frequenta.

### 6.1.3

#### Auto-estima do aluno, interesse em aprender, força de vontade

Além da família e da escola, o próprio aluno tem um importante papel em seu sucesso escolar. Para vários professores, em primeiro lugar, ele precisa acreditar nele mesmo.



Figura 7 – Esquema sobre fator aluno

Assim nos diz P.3 ao ser questionado sobre os fatores que influenciam no sucesso escolar do aluno: *Primeiro, a auto-estima do aluno, quando ele vê que pode aquilo ali, melhora sensivelmente. O primeiro trabalho aqui é dizer que eles podem. Levantar a auto-estima. E avaliar o histórico de vida que aquele aluno traz e que influencia no componente emocional.*

Para P.5: *Se ele já vem com essa carga de equilíbrio de casa ... será que é o pai que bate na mãe, se a mãe está desempregada, se o irmão que é drogado? Eu acho que tem essa coisa também do componente do que ele traz.*

Lahire (1997, p.206), expondo a situação escolar de uma menina pesquisada por ele:

A situação escolar de Samira só é, portanto, muito favorável porque a configuração familiar não é contraditória (os pais são coerentes entre si, não há vários princípios de socialização que se superponham ou se choquem) e exerce seus efeitos regular, sistemática e permanentemente. A ausência de capital escolar é compensada pela presença de uma ordem de vida que, direta (na produção de crianças disciplinadas,

que respeitam as autoridades) ou indiretamente (pela produção de situações em que as crianças são incitadas a ir, por si mesmas, em direção a uma cultura escolar ausente da família) se harmoniza como universo escolar.

Mas ele cita que mesmo nesse caso, o êxito não estava assegurado pois Samira teve uma queda no rendimento naquele ano, exatamente por ocasião do nascimento de uma irmã, o que nos leva a refletir sobre a importância do componente emocional.

Outro aspecto lembrado é a questão da motivação. Para P.16, *a motivação é tudo. Se você percebe que a pessoa não está motivada, você fica batendo em uma parede que não tem ressonância. Não chega a nada. Tem que ter motivação de ambos os lados: aluno e professor. Mas principalmente, do aluno.*

Os professores ressaltam a importância de ter força de vontade e disciplina. P.9 afirma: *A disciplina não é só comportamento, é ter regras para estudar, saber se comportar, dividir horários, ter disciplina na vida dele e interesse em aprender.*

E para estar motivado o aluno precisa acreditar no valor do que está fazendo. P.14 levanta um fato importante: *O sucesso tem que vir de uma consciência da importância de estudar, e isso eu não sei como se constrói. Não sei se isso vem da família ou da escola ou dos dois. Não sei se é do indivíduo. Acho que vem dele se sentir respeitado e valorizado. E ele tem que ter um objetivo e, infelizmente, a gente carece disso hoje. Quando meu aluno fala que o cara do futebol é analfabeto e ele (aluno) nunca vai ganhar como ele ganha. Ou o menino da favela que diz que se trabalhar nunca vai ganhar como o traficante ganha. A gente tem que criar argumentos que, às vezes, nem a gente acredita em função de toda a realidade que a gente vive para ele mudar aquele pensamento.*

P.5 ressalta, que para se preparar para a vida profissional, existe a necessidade de ter um diferencial em sua formação cuja representação muda ao longo do tempo de acordo com as necessidades do mercado de trabalho: *Na minha época, o diferencial era o cursinho de inglês. No vestibular de medicina, quem estudava inglês já estava lá dentro e o outro não. Mas eu acho que quem lê acaba tendo mais condição de ter sucesso. A leitura... Aprende a escrever, organizar as idéias, na hora de produzir um documento tem uma base. Eu digo para eles, para sair da mediocridade tem que ler. No início das aulas, eu comparo a vida deles a uma empresa. E questiono o tipo de empresa que cada um é. Uma empresa que vale a pena ter ações? Está falindo? Que slogan você*



usaria para a sua empresa? Eles ficam impactados. P.5 não comentou, mas esta metáfora da vida como uma empresa está presente em “Palco da vida”<sup>24</sup> de Fernando Pessoa. (“Você pode ter defeitos, viver ansioso e ficar irritado algumas vezes, mas não se esqueça de que sua vida é a maior empresa do mundo. E você pode evitar que ela vá a falência.”). P.5 é o mesmo professor que citou Pessoa ao responder a pergunta sobre o que seria sucesso.

P.3 tenta desmontar a representação de que a nota é o fator determinante no sucesso de um aluno: *Sucesso escolar não é apenas nota. Nem sempre o primeiro vai ser o melhor. As vezes é o aluno mediano que desponta e o excelente não acontece. Ao ser perguntado o porquê: é o fator negociação. O aluno mediano sabe que em algumas deficiências, ele sabe negociar com alunos, com o professor. Tem o poder de agregar pessoas com ele. Por ter deficiências sabe que não pode ser isolado. Precisa ter pessoas com ele. E depois quando sai daqui, sabe que é isso que conta. Não adianta ser um CDF e ser isolado, não ter poder de negociação. Não saber lidar com pessoas. No campo do trabalho isso pesa.* Podemos dizer que P.3 refere-se ao que hoje é conhecido como competência interpessoal, ou seja, esta capacidade de saber lidar com pessoas. Esta é uma característica muito valorizada, atualmente, no mundo profissional.

Dentro das diversas escolhas que o aluno pode fazer ao longo de sua vida escolar, uma que pode fazer grande diferença é a seleção dos amigos. Para P.5: *Então tem este caráter também do pessoal dentro do grupo na escola. O universo da turma (em que ele está inserido), eu acho que pode levantar este aluno... o grupo é fundamental porque se é medíocre, entendeu, se é um grupo que reza assim uma cartilha do menor esforço..... Se você está comprometido com aquele sucesso, com aquele projeto, você se sente mal e eles te cobram. Está nessa, cara? Vai muito do que a turma quer como .... Sabe aquela coisa quase que do inconsciente coletivo? Tem turmas que tem uma vibração assim que é muito difícil, a turma consegue resgatar. Então eu acho que tem o componente da turma e tem o componente familiar.* Esta fala está de acordo com o que sublinha Souza e Silva (2003, p.144): “As redes sociais priorizadas pelos estudantes em períodos escolares mais avançados, ocupam os papéis centrais no desdobramento de suas trajetórias escolares.”

<sup>24</sup>Álvaro de Campos (Heterônimo de Fernando Pessoa), in "Poemas", 1964. (forum.cifraclub.terra.com.br capturado em 10 de janeiro de 2009) - Anexo 7.

P.4 sintetiza a importância da escola (e da família) no futuro da criança: *Eu acho que o fato de uma criança não ir bem na escola, vai influir negativamente na vida futura dele. Ele já vai com uma postura derrotada na vida. Se o professor e a família não regam a sementinha... estimular, dar um feedback positivo, o aluno vai... Se o aluno tem uma imagem negativa dele, do não sucesso na escola, no futuro, quando ele vai tentar alguma coisa, ele já vai com o pé atrás.* É importante que o aluno interiorize a necessidade do estudo, da leitura, da regularidade, pois, do contrário, só o fará para receber nota e agradar aos outros. Lahire percebe que algumas crianças que apresentam sucesso escolar interiorizam certas regras em forma de “necessidades pessoais”.

Em Lahire (1997) encontramos que um aluno de sucesso precisa desenvolver a autonomia, ou seja, procurar “se virar sozinho”, buscando entender suas deficiências para poder saná-las, procurar fazer uso dos recursos que estão a sua disposição como dicionários, mapas, textos etc.

Lahire afirma referindo-se aos casos de sucesso.

Todas as crianças parecem ter interiorizado precocemente (...) o ‘sucesso’ escolar como uma necessidade interna, pessoal, um motor interior. Assim, elas têm menos necessidades de solicitações e de advertências externas do que outras crianças, e até parecem, às vezes, mais mobilizadas do que os pais. (p.285).

Lahire citando uma criança que fazia uma apresentação de si muito positiva: “Essa maneira de apresentar-se, que revela uma grande segurança, uma grande confiança em si, é evidentemente, o produto interiorizado do olhar de todo um grupo familiar”. (1997, p.197).

Esta idéia é reforçada na fala dos professores que enfatizam a auto-estima e a motivação como fator diferencial no sucesso de uma pessoa.

Segundo Mamede Neves (2003, s/p):

o ciclo motivacional começa, portanto, com o surgimento de uma necessidade. A necessidade é uma força dinâmica e persistente que provoca comportamento. Toda vez que surge uma necessidade, esta rompe com o estado de equilíbrio. Esse estado leva o indivíduo a um comportamento, ou ação, capaz de descarregar a tensão ou de livrá-lo do desconforto e do desequilíbrio.

No caso do tema desta dissertação, a necessidade de ter sucesso é um fator determinante que poderá impulsionar os outros fatores para romper com o equilíbrio do sujeito a ponto de fazer com que ele venha a buscar desenvolver todo o seu potencial.

### 6.1.4 Saúde geral do aluno

Alguns poucos professores lembraram da importância da boa qualidade de vida do aluno incluindo a prática de esportes e uma boa alimentação. Mas foi um item pouco valorizado pelos mesmos pois era citado de forma breve, em meio aos outros comentários.

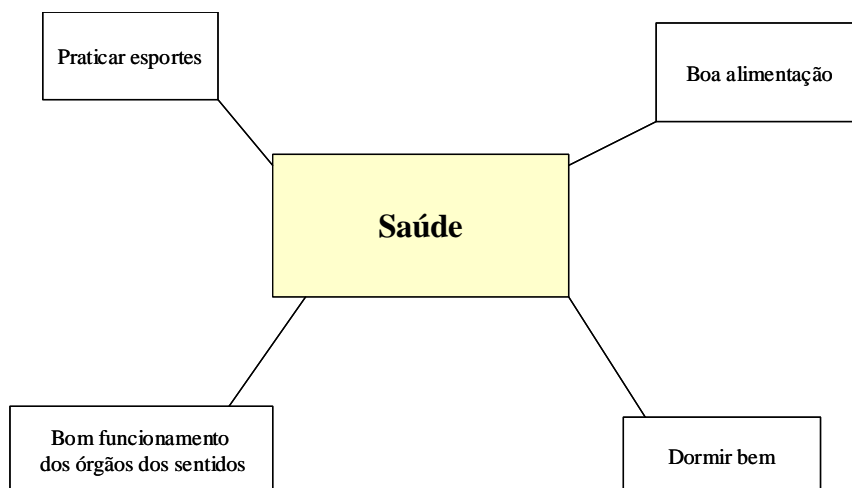


Figura 8 – Esquema sobre fator saúde

Constatei que a questão da saúde parece ter pouca representatividade para os professores na relação do sucesso escolar. Isso se reflete no fato de tanto a imagem 2 como a 7, que apresentam pessoas ligadas a esportes, não receberam número de votos significativos. Podemos dizer que saúde só tem importância quando é referida a sua ausência, ou seja, só é percebida sua real importância quando o aluno está doente, tem alguma limitação física, faz uso de drogas, não tem boa alimentação.

P.5 sintetiza essa questão: *Olha, acho que a primeira questão é a saúde. Eu acho que o aluno tem que estar enxergando, não pode ter problema de visão ... ele tem que detectar isso, ou auditivo. Estar bem fisicamente para ele poder render, essa coisa meio que da máquina. O primeiro fator é esse. O aluno estar bem alimentado, que dorme bem.*

### 6.1.5 Recursos econômicos

A condição econômica do aluno é um fator que, na opinião de diversos professores, vai influenciar em seu possível sucesso. Embora, os próprios testemunhos de alguns dos entrevistados comprovem que independente deste fator, o sucesso é uma possibilidade real.

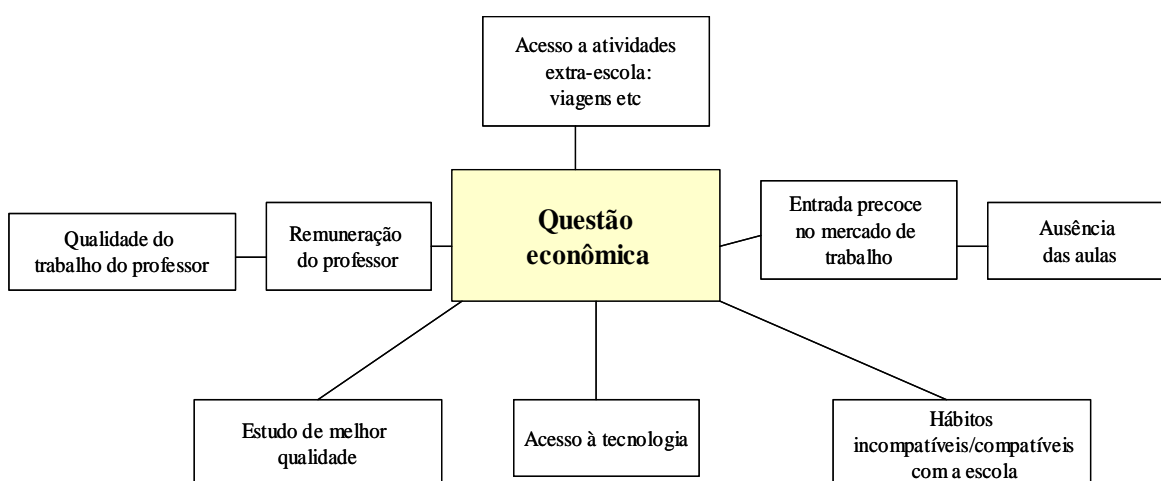


Figura 9 – Esquema sobre fator econômico

P.2 chama a atenção para uma queixa comum dos professores sobre a falta de educação de alguns alunos pobres e revela (ele que foi favelado e morou em um barraco): *Eu entendo a falta de educação de alguns alunos pois eles não sabem o que é ter educação. Como ter o hábito de pedir licença ou desculpas se você divide um cômodo com 10 pessoas e vive se esbarrando o tempo todo?* Esse comportamento reflete-se na conduta do aluno em sala de aula. Sobre essa questão, Lahire (1997, p.55) confirma: “...ao contrário dos alunos oriundos das classes médias e superiores, nem todas essas crianças interiorizaram as normas de comportamento que estão na base da socialização escolar”. Não interiorizaram pois não tiveram acesso a ela fora do âmbito escolar.

Além disso, o freqüentar a escola pode ser difícil para o aluno de baixa renda que precisa, às vezes, por força de um biscate, faltar às aulas. Segundo P.13: *Tem aluno de classe mais baixa que não consegue freqüentar duas semanas seguidas de aula. O nível sócio-econômico também influencia.* Souza e Silva

afirma que o fator econômico “limita o campo de possibilidades para a formulação de estratégias escolares de longo prazo, para a invenção do futuro.” É fácil entender, pois o aluno mais carente precisa pensar no momento presente, muitas vezes, colaborar na sobrevivência da própria família fazendo com que venha a ter uma entrada precoce no mercado de trabalho. Logo, como pode fazer planos de longo prazo? Já nas famílias de classe média, é comum planejarem que seus filhos estudem em escolas que favoreçam a inserção no mercado de trabalho, períodos de intercâmbio etc. Constatamos que as escolas bilíngües, ao contrário do que foi planejado ao serem criadas, ou seja, atenderem aos filhos de estrangeiros a serviço no Brasil, atualmente, têm a maioria dos seus alunos composta de brasileiros. Alguns têm como objetivo, continuar os estudos universitários no exterior. Atualmente, esse tipo de escola tem a representação de ser um lugar que oferece uma educação de ótima qualidade e, principalmente, de garantir a inserção do seu aluno em um mundo globalizado.

Um outro aspecto, ressaltado por P.5, é que recursos econômicos permitem ao aluno ter acesso a outras realidades, outras culturas através de viagens, ampliando assim sua visão de mundo: *Um aluno do terceiro ano (da escola bilíngüe onde P.5 trabalha) foi para Londres, na Inglaterra. Ficou estudando, lá, inglês. A coisa do recurso financeiro entra no componente cultural. Até por que quem viaja muito está aprendendo. A noção de mundo... Tudo depende do econômico. Se a família tem a cultura da viagem como componente pra tirar você do quartinho, daquele computador.... É desejável, portanto, que exista uma proximidade entre a vida da criança e a vida escolar. Que ela possa ter acesso a uma cultura que lhe permita transitar melhor pela linguagem escolar evitando o que Lahire chama de “fratura entre a configuração familiar e as formas escolares de vida” (p.104).*

P.5 fala sobre como a questão financeira vai afetar a aquisição de bens que poderão fazer a diferença na qualidade da educação do aluno. Cita como exemplo o computador. *Todo mundo tem computador..... Todo mundo quem, cara pálida? Vamos botar o pé no chão. E outra coisa, o computador dá defeito, será que o cara vai ter grana para consertar? É muito complicado quando você entra nos recursos, nos equipamentos, entendeu?*

A seguir, P.5 dá o seu próprio exemplo de como seria prejudicado por esta questão: *Sinceramente, sabe o que acho, eu não sei se, não sei mesmo, se eu fosse um aluno, eu fui pobre, morava em um conjunto residencial da Penha, longe à*

*bessa. Não sei se eu seria um aluno com computador, eu não sei se eu seria, eu acho que eu seria um desplugado digital, um excluído digital.*

Por fim, dentro da questão dos recursos financeiros, vários professores se queixaram da baixa remuneração do professor. Porém, P.9 ressalta a ligação dessa questão com a relação do professor com o aluno e, conseqüentemente, a qualidade de seu trabalho: *Deveria ter mais condições de o professor ter menos empregos e mais tempo nos lugares onde trabalha para poder ter uma maior convivência com o aluno, conhecer melhor sua história, saber o que está acontecendo com ele para poder melhor ajudar. Acho que faz parte, formar o cidadão.*

Mas, apesar de tantos professores ressaltarem a importância do dinheiro na formação do aluno e até mesmo na vida do professor, a imagem 10 não recebeu nenhum voto como positiva e recebeu 3 como negativa. Mais uma vez, esta escolha parece contraditória. Ela só faz sentido se lembrarmos da representação negativa que pode ter, na nossa sociedade, uma pessoa que valoriza dinheiro. Parece que ninguém quer ver sua imagem associada a do Tio Patinhas!

## **6.2** **Fatores interligados**

É importante lembrar que nenhum dos fatores tem força determinante sozinho.

Nas palavras de Lahire (1997, p.72):

O fato de os diferentes membros das famílias (...) agirem como agem, de seus filhos serem o que são e comportarem-se como tal nos espaços escolares não é fruto de causas únicas que agiriam poderosamente sobre eles. Na verdade, estão envolvidos num conjunto de estados de fatos, de dados cujos comportamentos práticos cotidianos não passam de tradução: traduzem o espaço potencial das reações possíveis em função do que existe em termos inter-humanos.

Portanto, vários fatores atuam interligados uns com os outros, hora podendo um ter mais destaque do que o outro. Lahire acrescenta que “esses múltiplos elementos não se somam uns aos outros, mas se combinam para criar a realidade” (p.287). Na verdade, para que um aluno venha a ter sucesso escolar, todos os fatores devem atuar em conjunto como acredita P.11: *O trabalho conjunto da escola e da família leva o aluno a criar o comprometimento.*

Ilustro esta interligação apresentando o esquema geral onde todos os fatores citados são representados.

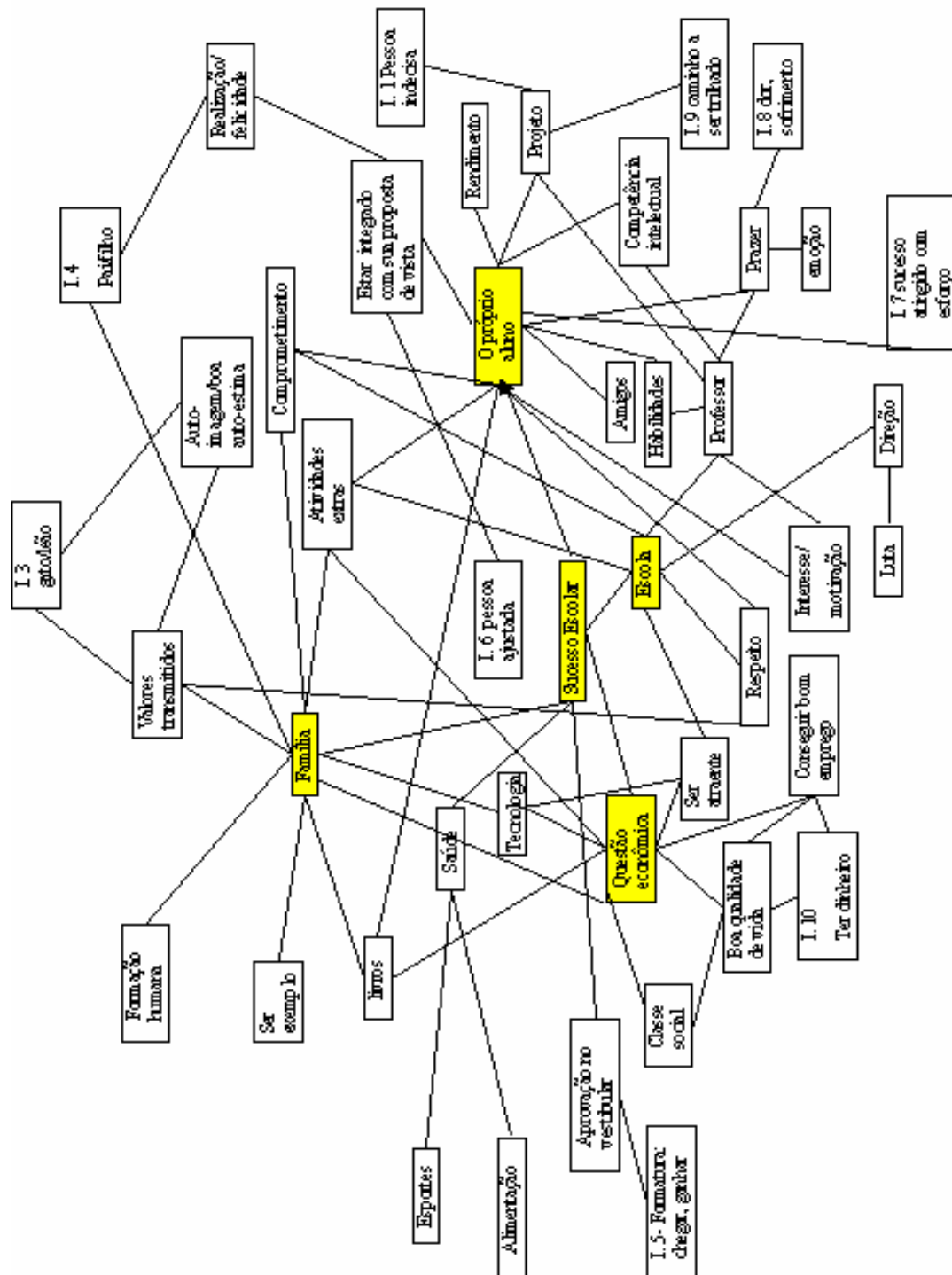


Figura 10 - Esquema geral

Para encerrar este capítulo, apresento um esquema elaborado por Antônio Mamede-Neves sobre as variáveis que interferem no processo de aprendizagem do aluno.



Figura 11 – Variáveis que interferem no processo de aprendizagem

Embora, ao formular este quadro-síntese, este autor tenha tido em mente a aprendizagem, acredito que o mesmo se presta muito bem para sintetizar a representação dos fatores que irão influenciar na questão do sucesso escolar, uma vez que para havê-lo, está implícita a possibilidade de aprender. No esquema apresentado, é possível encontrar todos os fatores, de forma explícita ou implícita, que estão presentes nas representações do sucesso escolar por parte de nossos entrevistados.

Apoiada nas falas dos professores, reafirmo que família, escola, fator econômico, saúde e o próprio aluno são facilitadores do sucesso escolar. Eles não são determinantes, pois, mesmo estando presentes na vida de uma pessoa, não são garantia de sucesso. E, por outro lado, tomando por base, que apesar da ausência destes fatores, temos testemunhos de várias pessoas que atingiram algum nível de sucesso, retomamos a frase do filósofo Sartre, (“Não importa o que fizeram de mim, importa é o que eu faço com o que fizeram de mim.”) na qual o grande



diferencial é o que o sujeito (aluno) faz com o que lhe é oferecido ao longo de sua trajetória buscando ser senhor de suas escolhas (ou pelo menos de parte delas!).

Não utilizo a citação acima, com a intenção de eximir de responsabilidade os agentes que podem exercer influência na vida de um aluno. Não a uso como alguns educadores que entendem que se o aluno não foi bem, deve exclusivamente seu fracasso a seu baixo desempenho e falta de empenho, a sua falta de aptidão para os estudos. Ao contrário, valorizo cada um dos itens citados, porém, entendendo que a pessoa deve ser, se necessário, um agente transformador, sujeito ativo de sua própria história, aproveitando e fazendo bom uso das oportunidades que a vida lhe oferece.

Retomo, como fechamento da temática deste capítulo, um trecho da entrevista de P.17 em que ele justifica sua escolha pela imagem 9 como positiva: *o cara com o mundo nas mãos. Ele tem muitas oportunidades nesse mundo de ser quem ele quer ser, de seguir as suas tendências. Tem que ser feliz, fazendo o que ele gosta e precisa contribuir para esse mundo que ele está segurando, com a sociedade. Se ele gostar do que ele faz, ele tem muito mais chances de contribuir para a sociedade fazendo bem o que ele está fazendo do que se ele visar só o dinheiro ou querer ser o primeiro, o melhor, ou ter uma imagem que não é verdadeira.....*

## 7 Considerações finais

Fica claro para mim que esta pesquisa foi importante para dar uma outra forma de pensar a tentativa de superação do fracasso escolar tão discutido em nossas escolas. Porém, essa discussão tem se dado sob a ótica do que não foi bem, do que não deu certo. Neste meu trabalho, procurei contribuir no sentido do que pode ser feito em prol da promoção de oportunidades que propiciem o sucesso escolar.

Sucesso é um tema no qual, consciente ou inconscientemente, estamos todos imersos e criamos nossas representações. Como mostrou parte dos entrevistados, o termo sucesso pode estar associado a representações positivas ou negativas. É associado a algo negativo quando atua um fator que aprisiona o sujeito a uma imagem do que ele não é verdadeiramente, ou seja, a obrigação de passar uma imagem de sucesso. É positiva quando se refere a realização do ser humano.

Pude perceber ao longo da pesquisa, que o sucesso escolar é “medido” muito além dos muros da escola, muito além das notas e avaliações que, na maior parte das vezes, não medem o que o aluno, efetivamente, conquistou. Este sucesso pode ser representado pela possibilidade de tornar-se um sujeito feliz, integrado à sociedade e contribuindo para o crescimento saudável do ambiente onde vive.

A pesquisa ratificou a idéia de que, mais do que viver sob os holofotes da fama (como nos dizem as revistas especializadas em moda, televisão etc), sucesso é levar uma vida normal, plena.

Sucesso não necessariamente está vinculado ao dinheiro, mas “passa” por ele. As representações de sucesso escolar dos professores entrevistados levam-me a crer que atingir sucesso é conseguir satisfazer as necessidades tais como descritas por Maslow em sua pirâmide retratando a hierarquia das necessidades do homem.

Para atingir tal nível de sucesso, listei 5 grupos de fatores com vistas a clarificar esta temática. E ficou claro que mais importante do que a presença de todos os fatores, é o uso que o sujeito faz de cada um deles, das oportunidades em que eles se manifestam.

Ao ouvir as entrevistas, algumas transformadas em depoimentos emocionados, não pude deixar de pensar em minha própria trajetória escolar. Fui/sou uma aluna de sucesso? Acredito que sim. E percorrendo os vários fatores indicados pelos entrevistados, posso perceber a presença de cada um deles em minha própria história. Ressalto a família e a escola: pais que presenteavam com livros e o compromisso diário de ouvir histórias contadas por minha mãe, possivelmente, foram incentivos poderosos para o despertar do meu desejo de aprender a ler para poder conhecer aquele universo apaixonante das letras. Ver meus pais, com muita frequência, acompanhados de livros me fazia perceber que eles (os livros e meus pais!) poderiam ser grandes companheiros de jornada. A importância de frequentar a escola era levada muito a sério por todos nós e o convívio com professores comprometidos fazia com que eu desejasse ser um deles. E os que não mostravam este comprometimento me davam o modelo do que eu não deveria seguir. Todas essas reflexões/lembranças estiveram presentes ao longo de minha pesquisa.

Em minha busca bibliográfica a respeito de produções sobre representação social, verifiquei que este tema está em pleno desenvolvimento. É grande o número de profissionais que se interessam pelo tema dentro das mais variadas áreas; encontrei muitos trabalhos ligados, principalmente, à área de saúde. Porém, ao buscar trabalhos relacionados conjuntamente a representação social e sucesso escolar, pude constatar que muito pouco tem sido escrito sobre este assunto. Das mais de 2000 teses/dissertações relacionadas pela CAPES sobre representação social, poucas dissertações diziam respeito especificamente ao sucesso escolar. Pude constatar, nesta busca, que, embora o tema representação social desperte o interesse de muitos pesquisadores e sucesso e fracasso serem objeto de muitos estudos, pouco se escreveu sobre a representação social do sucesso escolar. Por isso, ao término deste meu trabalho, vejo que, sobre este assunto, ainda há muito o que ser pesquisado e produzido.

A relevância deste tema se faz tanto na esfera social como acadêmica, pois, através dele, pode-se mudar o ângulo de visão da questão da aprendizagem. Em

lugar de dirigir meu olhar para as causas das falhas do processo de aprender como se a negação do fracasso escolar e a superação de suas causas pudessem levar ao sucesso, propus estudar esta questão sob um outro ponto de vista, buscando o positivo, o que deu certo; aprender com quem conseguiu sucesso, mesmo que, eventualmente, estivesse em situação semelhante a de outros alunos que resultaram em fracasso.

Talvez a minha maior contribuição com esta pesquisa se faça no sentido de que, no futuro, os projetos de ação sejam mais focados na perspectiva do que deu certo, no sucesso escolar e, dentro da abordagem do tema desenvolvido, a questão da motivação ser o cerne em propostas de estudo em novas pesquisas. O que leva alguém a ter acesso a todas as oportunidades e, simplesmente, abrir mão delas e do conseqüente sucesso (escolar)? Ou, ao contrário, não ter acesso a tantas oportunidades e, mesmo assim, saber aproveitar as que lhe são apresentadas e ter a determinação que o faz ser bem sucedido?

Penso que se respondidas essas questões, estaremos dando um passo muito significativo, ainda que não o único, para tomadas de decisões no campo dos projetos político-pedagógicos.

## 8

### Referências bibliográficas

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. *Representações Sociais: aspectos teóricos e aplicações à Educação*. Revista Em Aberto, ano 14, n°. 61, Brasília, jan./mar. 1994.

ARISTÓTELES, *De anima*, trad. W.S.Hett, livro III, Londres: Loeb Classic Library, 1936.

BETTELHEIM, Bruno *A Psicanálise dos contos de fadas*. 6ª. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BÍBLIA DE JERUSALEM. São Paulo:Edições Paulinas, 1973.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. 16ª. ed. Vol. 1 e 3, Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

BRENNER, Charles. *Noções básicas de psicanálise*, 3ª. ed. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain et all, *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1994.

CHIAVENATO, Idalberto. *Recursos Humanos*. 3ª. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

CUNHA, Antonio Geraldo da.(et al) *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira , 1998.

DUARTE, R., *Entrevistas em pesquisas qualitativas*, Educar, Curitiba, n°. 24, p.213-225, Editora UFPR, 2004.

DURKHEIM, E. *The Rules of Sociological Method*. Londres: Macmillan, 1895/1982.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FREUD, Sigmund. *Projeto para uma psicologia científica*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, 1977.

GAYOTTO, Maria Leonor Cunha (org). *Líder de Mudança e Grupo Operativo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1998.

GUARESCHI, Neusa Maria Fátima. *A criança e a Representação Social de poder e autoridade: negação da infância e afirmação da vida adulta*. In SPINK, Mary Jane P. (org), *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

HALL, James A . *A experiência Junguiana: análise e individuação*. São Paulo: Editora Cultrix, 1986.

JODELET, D. Representações Sociais: um domínio em expansão. In JODELET, Denise (org). *As representações Sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

JULIEN, Nadia. *Dicionário dos Símbolos*, São Paulo: Rideel, 1993.

LAHIRE, Bernard. *Sucesso escolar nos meios populares: a razão do improvável*. São Paulo: Editora Ática, 1997.

LEI DE DIRETRIZES E BASES, Lei nº. 9.394, sancionada em 20 de dezembro de 1996.

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo:EPU, 1986.

MADEIRA, Margot C. *Matemática: totem ou tabu? as representações sociais da matemática para alunos de 7ª. série do 1º. grau* in MADEIRA, Margot Campos e CARVALHO, Maria de Fátima de. *Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste: educação e representações sociais*, Natal: EDUFRN, 1997.

MAMEDE-NEVES, Maria Aparecida. *A motivação humana*. In: MAMEDE-NEVES, Maria Aparecida Campos, *Aprendendo Aprendizagem*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2003./CD-ROM, 3ª. edição.

MANGUEL, Alberto. *Lendo Imagens: uma história de amor e ódio*. 3ª. ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MASLOW, Abraham H. *A theory of human motivation*. Psychological Review, 1943.

MOSCOVICI, S. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história In JODELET, Denise (org). *As representações Sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

\_\_\_\_\_ *A Representação Social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

\_\_\_\_\_ *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis:Vozes, 2003.

MÜLLER, Lutz. *O Herói: todos nascemos para ser heróis*. 10ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.

NICHOLS, Sallie. *Jung e o Tarô: uma jornada arquetípica*. 13<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.

OLIVEIRA, Moysés Marinho de. *7000 ilustrações e pensamentos: para sermões, palestras e boletins*. 5<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro:JUERP, 1991.

OSTROWER, Fayga, *A sensibilidade do intelecto*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

\_\_\_\_\_ *Universos da Arte*. 7<sup>a</sup>. ed, Rio de Janeiro: Campus, 1991.

PAIN, S. e JARREAU, G. *Teoria e técnica da arte-terapia: a compreensão do sujeito*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. *O Processo Grupal*. 2<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

SÁ, Celso Pereira de. *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

SANFORD, John A. *Destino, amor e êxtase: a sabedoria das deusas gregas menos conhecidas*. São Paulo: Paulus, 1999.

SARTRE, Jean-Paul. *O Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. 5<sup>a</sup>. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

SOUZA E SILVA, Jailson de. *Por que uns e não outros: caminhada de jovens pobres para a universidade*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2003.

## ANEXOS



## Anexo 1

### Sites consultados

[www.rainhadapaz.g12.br/projetos/artes/picasso/guernica.htm](http://www.rainhadapaz.g12.br/projetos/artes/picasso/guernica.htm)

[www.graciemag.com](http://www.graciemag.com)

[www.esportesite.com.br](http://www.esportesite.com.br)

mundosebrae.files.wordpress.com

ante-et-post.weblog.com

[www.twtviagens.net](http://www.twtviagens.net)

lezio.junior.zip.net

[www.fdsports.com.br](http://www.fdsports.com.br)

blog.comunidades.net

[www.coisas](http://www.coisas) de menina.com

<http://flavianaitalia.blogspot.com>

commons.wikimedia.org

[www.sobrenatural.org](http://www.sobrenatural.org)

[www.universohq.com](http://www.universohq.com)

[www.animatoons.com.br/movies/the\\_lion\\_king](http://www.animatoons.com.br/movies/the_lion_king)

esconderijosecreto.wordpress.com

letras.terra.com.br/mutantes

artemagister.blogspot.com

forum.cifraclub.terra.com.br

## Anexo 2

### Roteiro norteador da entrevista

- 1 – No que você pensa quando falamos em sucesso escolar? Para você, o que é sucesso escolar?
- 2 – Quando você pensa em sucesso escolar, quais são as 3 primeiras palavras que surgem em sua cabeça?
- 3 – Na sua opinião, o que leva ao sucesso escolar (que fatores influenciam)?
- 4 – Como você vê a questão do sucesso escolar na sua vida?  
Como você via antes e como vê agora?  
Sua forma de ver mudou ao longo de sua trajetória?
- 5 – Apresentação das 10 imagens.  
Agora, pensando em sucesso, qual é a imagem que você mais gosta? Por quê?  
  
Que imagem você menos gosta? Por quê?

### Anexo 3

#### **A volta de um personagem do século XVI ao Brasil (ficção?)**

(autor desconhecido)

Em pleno século XX, o Sr. Teixeira, um grande professor brasileiro do século XVI, voltou ao Brasil e, chegando à sua cidade, ficou abismado com o que viu: as casas eram altíssimas e cheias de janelas; as ruas eram pretas e passavam umas sobre as outras com uma infinidade de máquinas andando em velocidade: o povo falava muitas palavras que o Professor Teixeira não conhecia (poluição, telefone, rádio, avião, barato, metrô, cinema, televisão). As roupas deixavam o professor ruborizado. Tudo havia mudado. Muito surpreso e preocupado, o professor visitou a cidade inteira e, cada vez menos compreendia o que estava acontecendo. Resolveu, então, visitar uma igreja, mas que susto levou!!! O padre rezava a missa, não em latim, mas em português e de costas para o altar; o órgão estava parado e um grupo de cabeludos tocava, nas guitarras, uma música estranha, ao invés do canto gregoriano. O desespero do professor aumentava... Resolveu, ainda, viajar e visitar algumas famílias. Mas... o que significava aquilo? Depois do jantar todos se reuniram, durante muitas horas, para ADORAR um aparelho que mostrava imagens e emitia sons. O Professor Teixeira ficou impressionado com tanta capacidade de concentração e de adoração!!! Ninguém falava uma palavra diante do aparelho. Tudo havia mudado completamente e o Professor Teixeira desanimava cada vez mais, até que resolveu visitar uma escola. Foi uma idéia sensacional porque quando lá chegou, sentiu o que procurava: tudo continuava da mesma forma como ele havia deixado: as carteiras, uma atrás da outra; o professor falando, falando, falando ... e os alunos escutando, escutando, escutando...

(artemagister.blogspot.com, capturada em 10 de janeiro de 2009)

**Anexo 4****Balada do louco**

Os Mutantes

*Composição: Arnaldo Baptista / Rita Lee*

Dizem que sou louco por pensar assim

Se eu sou muito louco por eu ser feliz

Mas louco é quem me diz

E não é feliz, não é feliz

Se eles são bonitos, sou Alain Delon

Se eles são famosos, sou Napoleão

Mas louco é quem me diz

E não é feliz, não é feliz

Eu juro que é melhor

Não ser o normal

Se eu posso pensar que Deus sou eu

Se eles têm três carros, eu posso voar

Se eles rezam muito, eu já estou no céu

Mas louco é quem me diz

E não é feliz, não é feliz

Eu juro que é melhor

Não ser o normal

Se eu posso pensar que Deus sou eu

Sim sou muito louco, não vou me curar

Já não sou o único que encontrou a paz

Mas louco é quem me diz

que não é feliz, eu sou feliz

(letras.terra.com.br/mutantes, capturada em 10 de fevereiro de 2009)

## Anexo 5

### **Ciclo sem fim**

Desde o dia em que ao mundo chegamos

Caminhamos ao rumo do sol

Há mais coisas pra ver

Mais que a imaginação;

Muito mais que o tempo permitir

E são tantos caminhos pra se seguir

E lugares pra se descobrir

E o sol a girar

Sob o azul deste céu

Nos mantém neste rio a fluir

É um ciclo sem fim

Que nos guiará

A dor e a emoção

Pela fé e o amor

Até encontrar o nosso caminho

Neste ciclo, neste ciclo sem fim

É um ciclo sem fim

Que nos guiará

A dor e a emoção

Pela fé e o amor

Até encontrar o nosso caminho

Neste ciclo, neste ciclo sem fim

([www.animatoons.com.br/movies/the\\_lion\\_king](http://www.animatoons.com.br/movies/the_lion_king), capturada em 21 de fevereiro de 2009)

## Anexo 6

### Êxodo (Capítulo 32, 1-10)

Quando o povo viu que Moisés tardava em descer da montanha, congregou-se em torno de Aarão, e lhe disse: “Vamos, faze-nos um deus que vá à nossa frente, porque a esse Moisés, a esse homem que nos fez subir da terra do Egito, não sabemos o que lhe aconteceu”. Aarão respondeu-lhes: “Tirai os brincos de ouro de vossas mulheres, de vossos filhos e de vossas filhas, e trazei-nos”. Então todo o povo tirou os brincos e os trouxeram a Aarão. Este recebeu o ouro das suas mãos, o fez fundir em um molde e fabricou com ele uma estátua de bezerro. Então exclamaram: “Este é o teu Deus, ó Israel, o que te fez subir da terra do Egito”. Quando Aarão viu isso, edificou um altar diante da estátua e fez esta proclamação: “Amanhã será festa para Iahweh”.

No dia seguinte levantaram-se cedo, ofereceram holocaustos, e trouxeram sacrifícios de comunhão. O povo assentou-se para comer e para beber; depois se levantou para se divertir.

Iahweh disse a Moisés: “Vai, desce; porque o teu povo, que fizeste subir da terra do Egito, perverteu-se. Depressa se desviou do caminho que eu lhes havia ordenado. Fizeram para si um bezerro de metal fundido, o adoraram, lhe ofereceram sacrifícios, e disseram: “Este é o teu Deus, ó Israel, que te fez subir do país do Egito”.

Iahweh disse a Moisés: “Tenho visto a este povo: é um povo de cerviz dura. Agora, pois, deixa-me, para que se acenda contra eles a minha ira, e eu os consuma; e eu farei de ti uma grande nação”.

## Anexo 7

Nunca Conheci quem Tivesse Levado Porrada  
Nunca conheci quem tivesse levado porrada.  
Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo.

E eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil,  
Eu tantas vezes irresponsavelmente parasita,  
Indesculpavelmente sujo,  
Eu, que tantas vezes não tenho tido paciência para tomar banho,  
Eu que tantas vezes tenho sido ridículo, absurdo,  
Que tenho enrolado os pés publicamente nos tapetes das etiquetas,  
Que tenho sido grotesco, mesquinho, submisso e arrogante,  
Que tenho sofrido enxovalhos e calado,  
Que quando não tenho calado, tenho sido mais ridículo ainda;  
Eu, que tenho sido cômico às criadas de hotel,  
Eu, que tenho sentido o piscar de olhos dos moços de fretes,  
Eu que tenho feito vergonhas financeiras, pedido emprestado sem pagar,  
Eu, que, quando a hora do soco surgiu, me tenho agachado,  
Para fora da possibilidade do soco;  
Eu que tenho sofrido a angústia das pequenas coisas ridículas,  
Eu que verifico que não tenho par nisto neste mundo.

Toda a gente que eu conheço e que fala comigo,  
Nunca teve um ato ridículo, nunca sofreu um enxovalho,  
Nunca foi senão príncipe - todos eles príncipes - na vida...

Quem me dera ouvir de alguém a voz humana,  
Quem confessasse não um pecado, mas uma infâmia;  
Quem contasse, não uma violência, mas uma cobardia!  
Não, são todos o Ideal, se os oiço e me falam.  
Quem há neste largo mundo que me confesse que uma vez foi vil?  
Ó príncipes, meus irmãos,

Arre, estou farto de semideuses!  
Onde há gente no mundo?

Então só eu que é vil e errôneo nesta terra?

Poderão as mulheres não os terem amado,  
Podem ter sido traídos — mas ridículos nunca!  
E eu, que tenho sido ridículo sem ter sido traído,  
Como posso eu falar com os meus superiores sem titubear?  
Eu, que tenho sido vil, literalmente vil,  
Vil no sentido mesquinho e infame da vileza.

Álvaro de Campos (Heterônimo de Fernando Pessoa), in "Poemas", 1964.  
(forum.cifraclub.terra.com.br capturado em 10 de janeiro de 2009)



## Anexo 8

### Palco da vida

Fernando Pessoa

Você pode ter defeitos, viver ansioso e ficar irritado algumas vezes, mas não se esqueça de que sua vida é a maior empresa do mundo. E você pode evitar que ela vá a falência. Há muitas pessoas que precisam, admiram e torcem por você.

Gostaria que você sempre se lembrasse de que ser feliz não é ter um céu sem tempestade, caminhos sem acidentes, trabalhos sem fadigas, relacionamentos sem decepções.

Ser feliz é encontrar força no perdão, esperança nas batalhas, segurança no palco do medo, amor nos desencontros. Ser feliz não é apenas valorizar o sorriso, mas refletir sobre a tristeza. Não é apenas comemorar o sucesso, mas aprender lições nos fracassos. Não é apenas ter júbilo nos aplausos, mas encontrar alegria no anonimato. Ser feliz é reconhecer que vale a pena viver, apesar de todos os desafios, incompreensões e períodos de crise. Ser feliz é deixar de ser vítima dos problemas e se tornar um autor da própria história. É atravessar desertos fora de si, mas ser capaz de encontrar um oásis no recôndito da sua alma. É agradecer a Deus a cada manhã pelo milagre da vida. Ser feliz é não ter medo dos próprios sentimentos. É saber falar de si mesmo. É ter coragem para ouvir um “não”. É ter segurança para receber uma crítica, mesmo que injusta. Ser feliz é deixar viver a criança livre, alegre e simples que mora dentro de cada um de nós. É ter maturidade para falar “eu errei”. É ter ousadia para dizer “me perdoe”. É ter sensibilidade para expressar “eu preciso de você”. É ter capacidade de dizer “eu te amo”.

É ter humildade e receptividade. Desejo que a vida se torne um canteiro de oportunidades para você ser feliz...

E, quando você errar o caminho, recomece.

Pois assim você descobrirá que ser feliz não é ter uma vida perfeita. Mas usar as lágrimas para irrigar a tolerância. Usar as perdas para refinar a paciência. Usar as falhas para lapidar o prazer. Usar os obstáculos para abrir as janelas da inteligência.

Jamais desista de si mesmo.

Jamais desista das pessoas que você ama.

Jamais desista de ser feliz, pois a vida é um obstáculo imperdível, ainda que se apresentem dezenas de fatores a demonstrarem o contrário.

“Pedras no caminho?

Guardo todas, um dia vou construir um castelo...”

(esconderijosecreto.wordpress.com/2005/10/23/poesia-palco-da-vida, capturada em 21 de fevereiro de 2009.)

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)